

**A problemática da (In)disciplina em sala de aula:  
o papel do professor na sua (des)construção**

**Sílvia Alexandra Martins de Sousa**

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da História e da Geografia  
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário**

**Setembro de 2012**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, realizado sob a orientação científica de Raquel Pereira Henriques e Fernando Ribeiro Martins, professores da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e de Filomena Cardoso e Isabel Alves, professoras de História e Geografia, respetivamente, na Escola Secundária de Seomara da Costa Primo.

*“Um excelente educador  
não é um ser humano perfeito,  
mas alguém que tem a serenidade para se esvaziar  
e a sensibilidade para aprender”*  
*Augusto Cury*

## AGRADECIMENTOS

O percurso que me trouxe até aqui exigiu de mim, e de algumas pessoas, um esforço e dedicação tais que não poderia deixar de as referir. Em primeiro lugar queria agradecer às professoras Filomena Cardoso e Isabel Alves pela enorme disponibilidade e a dose certa de exigência e orientação. Foi um ano intenso e partilhá-lo convosco ajudou-me a continuar em frente. Muito aprendi, como professora e como mulher.

Aos professores Raquel Pereira Henriques e Fernando Ribeiro Martins agradeço a partilha de experiências, a dedicação e orientação num caminho que também foi deles.

Agradeço à Escola Secundária de Seomara da Costa Primo por me ter recebido de portas abertas e disponibilizado todos os serviços necessários à prossecução do meu trabalho.

Aos alunos das turmas a cujas aulas assisti, especialmente aos do 8º 1, 9º 3, 10º 6 e 12º 2+3, agradeço a receptividade, abertura e disponibilidade, sem saberem o que esperar. Facilitaram, e muito, a realização da Prática de Ensino Supervisionada.

Agradeço, também, ao meu colega Carlos Alegre, a companhia e camaradagem nesta aventura que foi aprender a ensinar.

Ao Externato de São José, nas pessoas da Irmã Rosarinho e da professora Eulália Correia, agradeço a compreensão e disponibilidade que me permitiram conciliar emprego e estágio.

Por último, mas talvez o agradecimento mais importante, aos meus pais, irmãos e amigos, agradeço a preocupação e paciência, as horas de trabalho partilhadas, os maus humores tolerados, os momentos e acontecimentos perdidos em prol deste meu mais que projeto: deste meu sonho. Nunca deixaram de acreditar mesmo quando eu parecia querer fazê-lo.

Muito obrigada a todos!

**A PROBLEMÁTICA DA (IN)DISCIPLINA EM SALA DE AULA: O PAPEL DO PROFESSOR NA  
SUA (DES)CONSTRUÇÃO**

**THE PROBLEM OF (IN)DISCIPLINE IN THE CLASSROOM: THE ROLE OF THE TEACHER IN  
ITS (DES)CONSTRUCTION**

**SÍLVIA ALEXANDRA MARTINS DE SOUSA**

**RESUMO**

**PALAVRAS-CHAVE:** Professor, Aluno, Disciplina, Indisciplina, Relação Pedagógica

A Indisciplina é uma realidade incontornável na prática pedagógica. Presente em maior ou menor grau, dentro da sala de aula, a sua prevenção ou erradicação depende muito do professor enquanto profissional e enquanto pessoa. A interpretação que cada um faz do fenómeno condiciona as formas de atuação, no entanto, o professor não pode nunca descuidar a relação pedagógica correndo o risco de abrir espaços para comportamentos de Indisciplina.

O presente relatório visa descrever a Prática de Ensino Supervisionada inserida no Mestrado em Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Esta prática, que se desenvolveu em quatro turmas, duas do Ensino Básico e duas do Ensino Secundário, no ano letivo 2012-2013, procurou sempre ter presente o tema do trabalho na planificação das aulas e na seleção e construção de recursos. Por isso, este documento começa por apresentar uma reflexão teórica sobre o fenómeno da Indisciplina, para depois expor as atividades desenvolvidas na Prática de Ensino Supervisionada. Por último, são enunciados os resultados de um pequeno estudo desenvolvido na escola, para conhecer a perceção dos alunos sobre o fenómeno.

## **[ABSTRACT]**

**KEYWORDS:** Teacher, Student, Discipline, Indiscipline, Pedagogical Relation

The Indiscipline is an unavoidable reality in pedagogical practice. Present in a greater or lesser degree, within the classroom, its prevention or eradication depends largely on the teacher as a professional and as a person. The interpretation that each one makes of the phenomenon conditions the forms of action, however, the teacher can never overlook the pedagogical relationship with the risk of open spaces for behaviors of Indiscipline.

This report aims to describe the Supervised Teaching Practice inserted into the Master in Teaching History and Geography in the 3rd Cycle of Basic Education and Secondary Education. This practice, which was developed in four classes, two of the Elementary Education and two of the Secondary Education, in academic year of 2012-2013, always tried to keep in mind the theme of this work in the planning of lessons and the selection and construction of resources. Therefore, this paper begins by presenting a theoretical reflection on the phenomenon of Indiscipline, then expose the activities in Supervised Teaching Practice. Finally, are listed the results of a small study conducted at the school to get to know the students' perception of the phenomenon.

## ÍNDICE

Introdução .....	1
Capítulo I: A (In)disciplina na sala de aula: Enquadramento teórico .....	4
I. 1. Os conceitos de Disciplina e Indisciplina .....	4
I. 2. O professor: do técnico à pessoa .....	6
I. 3. O aluno: do ser único a membro de um grupo .....	8
I. 4. A relação pedagógica: o palco da aula .....	9
I. 5. Fatores e níveis de Indisciplina .....	11
I. 6. Funções da Indisciplina .....	14
I. 7. A ação do professor: do prevenir ao remediar .....	14
Capítulo II: A Escola Secundária de Seomara da Costa Primo (ESSCP) .....	16
II. 1. Caraterização da escola .....	16
II. 2. Um trabalho estruturado: História e Geografia no mesmo espaço .....	17
Capítulo III: Aprender a Ensinar Geografia .....	19
III. 1. Objetivos do Ensino da Geografia .....	19
III. 2. A Prática de Ensino Supervisionada na turma 12º 2+3 .....	19
2. 1. Caraterização da turma 12º 2+3 .....	20
2. 2. Atividades desenvolvidas na Prática de Ensino Supervisionada na turma 12º 2+3 .....	22
a) Atividade de <i>Brainwriting</i> .....	23
b) Visualização e exploração do vídeo “Movimento dos Países Não-Alinhados faz 50 anos”. .....	24
c) Visualização e exploração do filme “ <i>Goodbye Lenin!</i> ” .....	25
d) Visita ao futuro: uma aula na Faculdade .....	26
III. 3. A Prática de Ensino Supervisionada na turma 10º 6 .....	28

3. 1. <i>Caraterização da turma 10º 6</i> .....	28
3. 2. <i>Atividades desenvolvidas na Prática de Ensino Supervisionada na turma 10º 6</i> .....	30
a) Visualização e exploração do vídeo promocional “Portugal, a beleza da simplicidade” ....	31
b) Trabalho de Grupo: as principais Serras de Portugal Continental” .....	33
c) <i>Geocaching</i> na Amadora .....	35
Capítulo IV: Aprender a ensinar História .....	37
IV. 1. Objetivos do Ensino da História .....	37
IV. 2. A Prática de Ensino Supervisionada na turma 9º 3 .....	38
2. 1. <i>Caraterização da turma 9º 3</i> .....	38
2. 2. <i>Atividades desenvolvidas na Prática de Ensino Supervisionada na turma 9º 3</i> .....	40
a) Visualização e exploração de um excerto de um vídeo com discursos de Benito Mussolini	42
b) Exploração de dois esquemas-síntese sobre a Revolução Soviética e a Era Estalinista .....	43
c) Construção de um Esquema Conceptual sobre os Regimes Ditatoriais .....	44
d) Ficha de Autoavaliação do período em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada	45
IV. 3. A Prática de Ensino Supervisionada na turma 8º 1 .....	46
3. 1. <i>Caraterização da turma 8º 1</i> .....	47
3. 2. <i>Atividades desenvolvidas na Prática de Ensino Supervisionada na turma 8º 1</i> .....	49
a) Resolução de um Esquema-Síntese sobre a Revolução Francesa .....	49
b) Visualização e exploração do vídeo do primeiro episódio da série de animação brasileira “Dom João no Brasil .....	50
c) <i>Geocaching</i> na Amadora .....	50
Capítulo V: Disciplina/ (In)disciplina - Auto e Heteroavaliação da Prática de Ensino Supervisionada .....	52
Capítulo VI: Disciplina/ (In)disciplina – O que pensam os alunos do fenómeno .....	54
VI. 1. Opções metodológicas .....	55
VI. 2. A Análise dos dados .....	56



2. 1. <i>Os conceitos de Disciplina/Indisciplina</i> .....	56
2. 2. <i>Fatores explicativos da existência de Indisciplina</i> .....	58
2. 3. <i>Perfil do professor disciplinador e competente</i> .....	60
2. 4. <i>Comportamentos do professor em situações de aula</i> .....	62
2. 5. <i>Contributos de alguns docentes da Escola Secundária de Seomara da Costa Primo</i>	64
Conclusão.....	66
Bibliografia .....	70
Anexos .....	79

**Anexo I** – Proposta de Atividades para o PAA do Departamento

**Anexo II** – Questionário de Caracterização do Aluno, Parte I

**Anexo III** – Gráficos de análise dos dados relativos à turma 12º 2+3

**Anexo IV** – Planificação Médio Prazo do ponto 2.1.1 – A Partilha do Mundo no final da II Guerra Mundial

**Anexo V** – Plano da primeira aula lecionada à turma 12º 2+3

**Anexo VI** – Guião do Aluno da atividade *Brainwriting*

**Anexo VII** – *Powerpoint*-Síntese da terceira aula lecionada à turma 12º 2+3

**Anexo VIII** – Grelha de Observação em Aula

**Anexo IX** – Guião de Exploração/Ficha de Acompanhamento do vídeo “*O MNA faz 50 anos*”

**Anexo X** – Guião de Exploração do filme *Goodbye Lenin*

**Anexo XI** – Guião da Visita de Estudo “*Visita ao futuro: uma aula na Faculdade*”

**Anexo XII** – Gráficos de análise dos dados relativos à turma 10º 6

**Anexo XIII** – Guião de Exploração/Ficha de Acompanhamento do vídeo promocional “*Portugal a beleza da simplicidade*”

**Anexo XIV** – Guião do Trabalho de Grupo sobre as principais Serras de Portugal Continental

- Anexo XV** – Guião do Aluno da atividade *Geocaching na Amadora* – 10º 6
- Anexo XVI** – Gráficos de análise dos dados relativos à turma 9º 3
- Anexo XVII** – Planificação de Unidade - *Regimes Ditatoriais na Europa*
- Anexo XVIII** – Plano de Aula da primeira aula lecionada à turma 9º 3
- Anexo XIX** – Guião do Professor da primeira aula lecionada à turma 9º 3
- Anexo XX** – Guião do Aluno da primeira aula lecionada à turma 9º 3
- Anexo XXI** – Grelha de Registo de Atrasos, Material e TPC
- Anexo XXII** – Guião de Exploração do vídeo com discursos de Benito Mussolini
- Anexo XXIII** – Esquemas-Síntese sobre a Revolução Soviética e a Era Estalinista
- Anexo XXIV** – Guião da Atividade – Esquema Conceptual e Folha de Resolução
- Anexo XXV** – Proposta de um esquema conceptual realizado por dois alunos
- Anexo XXVI** – Ficha de Autoavaliação da Disciplina de História de 13/02 a 19/03/2012 e respetivos gráficos de análise de dados
- Anexo XXVII** – Planificação do subtema - *As Revoluções Liberais*
- Anexo XXVIII** – Gráficos de análise dos dados relativos à turma 8º 1
- Anexo XXIX** – Guião do Aluno da aula de 30 de Abril de 2012
- Anexo XXX** – Guião de Exploração do 1º episódio da Série “Dom João no Brasil”
- Anexo XXXI** – Guião do Aluno da atividade *Geocaching na Amadora* – 8º 1
- Anexo XXXII** – Questionário aplicado às professoras orientadoras sobre a atuação enquanto estagiária
- Anexo XXXIII** – Gráficos de análise dos dados relativos à (In)disciplina
- Anexo XXXIV** – Questionário aplicado aos docentes

## INTRODUÇÃO

A Indisciplina é uma realidade no exercício da atividade do professor. Mais ou menos presente, em cada contexto de aula, a sua existência não pode ser separada da prática docente e da pessoa responsável pela gestão e desenvolvimento de um ensino de qualidade. Sendo um fenómeno complexo e de difícil definição, por depender da relação e do contexto pedagógicos, o professor é, no entanto, um elemento chave para construir um ambiente e uma relação positiva, estimulante e de bem-estar na sala de aula, propiciando um espaço de desenvolvimento harmonioso do processo ensino/aprendizagem num contexto de prevenção da Indisciplina.

Mas, o papel do professor na problemática da Indisciplina não se centra só na sua avaliação e prevenção/punição. Ele próprio, enquanto pessoa com características individuais e únicas, pode ser um elemento gerador de Indisciplina, com as suas práticas, escolhas, e comportamento. Na verdade, a ocorrência de situações de Indisciplina na sala de aula é justificada pelas mais diversas razões (Amado, 2001a; Amado e Freire, 2009; Carita e Fernandes, 2002; Estrela, 1986, 1992; Postic, 1984), intrínsecas e/ou extrínsecas ao espaço de aula e aos seus intervenientes: professores e alunos. Por isso, não se pretende, com este trabalho, apresentar uma panóplia exaustiva de medidas preventivas ou punitivas, eficazes ou ineficazes, passíveis de determinar a ação do professor. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o fenómeno da Indisciplina em sala de aula e o papel que o professor pode desempenhar na sua construção ou desconstrução. Pretende-se que esta reflexão levante questões e aponte caminhos possíveis, não prescritivos, que auxiliem o professor na sua prática profissional, identificando quais as estratégias ou comportamentos que podem ser geradores de Indisciplina ou de Disciplina, salvaguardando que são muitos os fatores que influem no ambiente de sala de aula, muitos deles simultâneos, cuja conjugação, de tão complexa, não permite a construção de receituários.

O presente relatório, e a reflexão que aqui se propõe, surgem no contexto da realização da Prática de Ensino Supervisionada, inserida no Mestrado em Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, durante o ano letivo de 2011/2012, na Escola Secundária de Seomara da Costa Primo, localizada

no concelho da Amadora. A escolha deste tema deveu-se ao meu interesse enquanto docente que lida, diariamente, com situações de Indisciplina, e tem consciência da influência das suas práticas na existência/inexistência do fenómeno. Só percebendo a complexidade do tema, bem como as variáveis que lhe dão origem, poderemos intervir para tentar resolver situações de Indisciplina e/ou evitar o seu aparecimento, melhorando o nosso desempenho enquanto educadores. Não quer isto dizer que, depois da realização desta reflexão, no contexto da Prática de Ensino Supervisionada desenvolvida, se saberá tudo o que é necessário saber sobre Indisciplina. O tema é atual e real na prática docente, não se esgotando nos inúmeros trabalhos de reflexão e investigação existentes no meio científico<sup>1</sup>, e tão complexo quanto os próprios intervenientes na relação pedagógica desenvolvida na sala de aula: professores e alunos. Consciente das limitações e representatividade do pequeno estudo desenvolvido para estudar o tema, pretende-se, no entanto, contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno.

Neste sentido, o primeiro capítulo deste relatório dedicar-se-á a esclarecer, segundo a bibliografia considerada de referência, como se caracteriza a relação pedagógica, o que é a Disciplina/Indisciplina, como é entendida e que fatores podem influir na sua existência, dando-se significativa evidência aos fatores intrínsecos de cada um dos sujeitos da relação pedagógica, bem como aos fatores extrínsecos à sala de aula, que funções desempenha a Indisciplina na sala de aula e o que deve ter em conta o professor para poder atuar.

Tendo sempre presente o tema de fundo deste trabalho, e acreditando que o estudo das estratégias de ensino desenvolvidas *“constitui um dos fatores mais importantes para a compreensão do comportamento do aluno na sala de aula”* (Amado, 2001a: 223), todo o trabalho desenvolvido na Prática de Ensino Supervisionada, que passou pela seleção de estratégias e recursos, e pela preparação de aulas, foi o produto de uma reflexão constante da sua eficácia, do ponto de vista

---

<sup>1</sup> Desses trabalhos podemos destacar as obras de: Albano Estrela, *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*; Ana Carita e Graça Fernandes *Indisciplina na sala de aula: Como prevenir? Como remediar*; João Amado, *Interação Pedagógica e Indisciplina na Aula*; Lucien Lefèvre, *O professor, observador e ator: condução da classe e orientação escolar*; Maria Teresa Estrela, *Une Étude sur l'Indiscipline en Classe*; e, ainda, Marcel Postic, *A relação pedagógica*. Todas estas obras encontram-se devidamente referenciadas na Bibliografia.

pedagógico e didático, mas também do ponto de vista da relação professor-aluno, procurando-se, sempre que possível, implementar estratégias que cumprissem os objetivos de aprendizagem e fossem suficientemente interessantes e motivadoras, tentando diminuir, assim, os fatores passíveis de gerar Indisciplina na aula. Para isso, muito contribuiu a prévia observação de aulas das orientadoras cooperantes, quer de Geografia, quer de História, que permitiu um conhecimento da cultura do grupo-turma e das estratégias utilizadas até então em contexto de sala de aula. Os resultados desta prática docente serão apresentados nos terceiro e quarto capítulos, referentes à Prática de Ensino Supervisionada na disciplina de Geografia e à Prática de Ensino Supervisionada na disciplina de História, respetivamente, após a apresentação e caracterização da Escola Secundária de Seomara da Costa Primo, no segundo capítulo.

No quinto capítulo, far-se-á uma autoavaliação de todo o percurso de lecionação realizado apresentando-se, também, a opinião das professoras orientadoras que acompanharam todo o processo, e o último capítulo, o sexto, apresentará as principais conclusões de um pequeno estudo de caso desenvolvido nas turmas onde decorreu a observação de aulas. Este estudo centrou-se, essencialmente, na análise do fenómeno de Indisciplina do ponto de vista do aluno, que foi dado a conhecer através das respostas a um questionário construído de raiz, e que procura analisar o que entende o aluno por Indisciplina/Disciplina, quais os fatores que explicam a existência/inexistência de Indisciplina na sala de aula, que comportamentos são considerados de Indisciplina, como deve ser a atuação do professor e quais as estratégias que deveram ser seguidas para evitar a Indisciplina. A relevância dada ao aluno, neste estudo de caso, foi intencional e deliberada, pois a voz do aluno torna-se indispensável para entender a vida na aula, para adaptar as estratégias dos professores à turma e à aula, e para percebermos que a nossa visão, enquanto docentes, é sempre parcelar numa relação que se pretende bilateral.

A opinião dos professores também foi considerada neste estudo, uma vez que se aplicou um questionário, muito semelhante ao do aluno, aos professores que se disponibilizaram a preenchê-lo. O que se pretende é entender, na medida do possível, as diferenças/semelhanças de interpretação do fenómeno da Indisciplina dos dois protagonistas da relação pedagógica.

## Capítulo I – A (In)disciplina na sala de aula: Enquadramento teórico

### I.1 – Os conceitos de Disciplina e Indisciplina

Não se pode falar sobre Disciplina ou Indisciplina sem começar por analisar o que estes conceitos implicam. Nos dicionários da Língua Portuguesa, a Disciplina é definida, mais ou menos, nos seguintes termos “*s. f. conjunto de leis ou ordens que regem certas coletividades; instrução e educação dadas por um mestre a seu discípulo; doutrina; conjunto de conhecimentos especiais que se professam em cada cadeira de um estabelecimento escolar; autoridade; boa ordem e respeito; obediência; castigo; mortificação (...)*” (Costa et al, 1989: 553). No mesmo dicionário a Indisciplina é definida como “*s. f. falta de disciplina; ato ou dito contrário à disciplina; desordem; rebelião (...)*” (idem: 931). Se aprofundarmos mais o assunto, verificamos que o ato de disciplinar surgiria como “*v. tr. sujeitar à disciplina; corrigir; fazer obedecer; torcer; castigar com disciplinas (...)*” (ibidem: 553). Nas três definições, acima apresentadas, a Disciplina surge-nos como um ato de uma certa violência à individualidade de um sujeito, na medida em que implica, sempre, uma subjugação à lei, à ordem, à regra, à autoridade. E, se atentarmos na definição concreta de Disciplina, verificamos que o conceito surge, desde logo, ligado ao contexto escolar.

Se considerarmos, agora, as definições deste fenómeno, apresentadas por alguns investigadores de referência, concretamente em relação à Disciplina/Indisciplina na sala de aula, verificamos que o discurso segue a mesma linha. Ana Carita e Graça Fernandes apresentam a Indisciplina como uma realidade perturbadora para o professor, apesar de reconhecerem a verdade irrefutável da relação professor/aluno: é natural e inevitável que existam conflitos devido à diferença de estatuto. (Carita e Fernandes, 2002: 17). Já Maria Teresa Estrela afirma que “*o conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende, normalmente, a ser definido pela sua negação ou privação, ou pela desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas*” (Estrela, 1992: 15). Por último, para João Amado, a Indisciplina é um “*comportamento disruptivo em geral, enquanto perturbação e obstáculo ao bom funcionamento de uma aula*” (Amado, 2001a: 12).

Conjunto de leis e ordens, instrução, educação, doutrina, autoridade, boa ordem, respeito, obediência, regras estabelecidas... todos estes termos utilizados para

caraterizar a Disciplina remetem para o que Carita e Fernandes chamam de «diferença de estatuto» na relação pedagógica. De facto, a relação pedagógica não é uma relação de igualdade. Maria Teresa Estrela (1992: 42) diz, inclusive, que:

*“A relação pedagógica, porque ligada à posse de um saber que é detido por uns e não detido por outros, que dele se deverão apropriar, origina, sempre, uma relação de superioridade/inferioridade. Esta relação não é mais violenta do que outros tipos de relação social e é mais legitimada do que muitas outras que a criança começa, desde cedo, a experimentar. Por isso, não vejo que a autoridade pedagógica tenha de dissimular o caráter de violência para poder subsistir. O que há, sem dúvida, necessidade, é de a justificar e de a legitimar perante os alunos, para que seja compreendida e aceite”.*

Daqui se pode concluir que, por um lado, a Indisciplina está intimamente ligada à Disciplina no sentido em que é a negação da segunda, a desobediência às normas, a quebra da ordem. Por outro lado, faz parte integrante da relação pedagógica, uma vez que existem sempre regras a seguir no contexto por excelência em que esta se desenvolve: a sala de aula. Essas regras, por serem impostas, estão sempre sujeitas a reações menos positivas por parte dos alunos. Porque sejamos francos: a relação pedagógica pode ser considerada uma relação de violência e os estatutos que os dois sujeitos da relação assumem são desiguais: o professor tem autoridade sobre o aluno. Utiliza aquilo a que Foucault chama de «tecnologias de governo» *“para moldar, instrumentalizar e normalizar”* a conduta do aluno (Foucault *apud* Ramos do Ó, 2003: 33). A forma como «a justifica e a legitima» é que faz toda a diferença, e passará pelos alunos com quem interage em aula, mas também por si enquanto indivíduo com pensamentos, crenças e motivações próprias que influenciarão a sua forma de estar e de interpretar as ocorrências em sala de aula. A atuação do professor poderá situar-se entre a ação repressiva, a imposição, e a orientação do aluno para desenvolver um autodomínio interior, que o levará a optar, livremente, pelos comportamentos adequados (Ramos do Ó, 2003: 146). É, sobretudo, dessa atuação que dependerá a sua legitimação. A Indisciplina será, portanto, uma realidade construída na própria aula, resultante de um processo de interação entre professores e alunos com expectativas mútuas, perceções e pontos de vista muito próprios de tudo o que acontece com eles e à sua volta (Amado, 2001a: 35).

Para se refletir sobre a Disciplina na sala de aula, e interpretar corretamente a interação que nela ocorre, teremos de considerar três fatores: o professor isolado do

aluno, o aluno isolado do professor e a relação que se estabelece entre os dois naquele espaço. Começaremos por compreender o professor isolado da relação pedagógica.

## **I.2 – O professor: do técnico à pessoa**

*“Há muito que a investigação pedagógica tem demonstrado o que o aluno espera do professor: a capacidade de manter a ordem, a capacidade de explicar e de ensinar, a capacidade de atuar com humor, justiça e amizade”* (Nash *apud* Amado, 2001a: 241). Pela afirmação de Nash, poderemos concluir que, do ponto de vista do aluno, o professor tem obrigatoriamente, de possuir capacidades humanas, técnicas e de liderança para desempenhar corretamente a sua função em sala de aula e, implicitamente, evitar a ocorrência de situações de indisciplina.

Mas quem é este ser que tem a seu cargo tão complexa tarefa? É um agente social? Um técnico? Um especialista em relações humanas? Idealmente, é a súpula dos três. Espera-se que o professor seja um agente socializador, que incute, no aluno, as regras da sociedade, para a sua plena integração, e que molde comportamentos concordantes com os modelos existentes de moralidade e disciplina. Deve, também, ser um agente cultural, que veicule a forma de estar de um povo, de uma comunidade. O professor tem, portanto, obrigações sociais para com o aluno, a família e a sociedade onde todos se inserem, que ultrapassam largamente o processo estrito de transmissão de um saber técnico/científico, obrigações essas que condicionam a sua atuação em sala de aula (Postic, 1984: 113).

Não são, no entanto, só as obrigações sociais que definem o professor. Segundo Doyle (*apud* Ferreira e Santos, 1994: 35) ao exercício da profissão estão associadas outras duas funções: a da aprendizagem e a da ordem, sendo difícil, na prática pedagógica, separar as duas. Assim, o professor é, também, e sobretudo, um técnico com conhecimentos científicos, ideologias e modos de ser e agir, inerentes à sua profissão, e objetivos organizacionais definidos pela escola onde exerce a sua função. Espera-se que domine a área disciplinar onde atua; que defina objetivos a alcançar; que selecione estratégias eficazes, que envolva os alunos nas atividades e que minimize as diferenças; que faça uma boa preparação da aula; que imponha regras; que seja um bom gestor e planificador do tempo para que se verifique uma boa aprendizagem; que gira e administre corretamente o espaço, e que procure os meios



para que todos se realizem e se sintam responsáveis pela vida na escola e na aula, estando dependente desta atuação o desempenho e os resultados dos alunos. Ora, existem diferentes modos de fazer chegar a mensagem, de administrar o espaço e o tempo do ensino, de conceber a educação, o ensino, e a relação professor-aluno, consoante a própria personalidade do «técnico». No entanto, verificam-se, não raras vezes, na prática profissional, estratégias falhadas, planificações erradas e estilos de comunicação fracassados, fruto da incapacidade de adaptação ao grupo-turma.

O professor é, acima de tudo, uma pessoa com uma história pessoal, com crenças, valores e formas de pensar individuais e únicas que influem, obrigatoriamente, na sua forma de exercer a profissão docente. A sua própria concepção do que é ser professor vai muito para além daquilo que lhe é ensinado sobre a profissão, concepção essa que se vai adaptando à medida que adquire experiências com alunos e grupos-turma diferentes. E encontramos dois polos opostos: aqueles que concebem o ato de ensinar como permanentemente conflituoso, uma batalha a vencer onde é estabelecido um sistema rígido de regras a seguir, e aqueles que querem tanto conquistar os seus interlocutores, que se colocam no papel de amigo, nivelando uma relação que é, por natureza, desnivelada. Ambos, um pela sua rigidez, outro pela sua permissividade, abrem espaço para a indisciplina.

Por outro lado, nem sempre existe coerência entre os valores do professor, as regras que impõe na aula ao aluno e os valores educativos da instituição em que trabalha. Essa falta de coerência acaba por surgir em situações de dilemas ou decisões que o professor tem que tomar no desenrolar da sua atividade, em que se pode observar discrepância entre o pensamento e a prática, entre o que se diz e o que se faz. O próprio conceito de Indisciplina é disso exemplo: o que pode ser um comportamento de indisciplina para um pode ser um comportamento próprio da adolescência para outro, o que levará, certamente, a intervenções diferentes, obrigando o aluno a adaptar-se a diferentes noções de disciplina consoante o professor. O caso torna-se mais grave se for o mesmo professor, perante situações idênticas em diferentes momentos, ou com diferentes alunos, a ter intervenções diferentes. E, nestes casos, não é o agente social ou o técnico que está em evidência: é o ser humano com as suas crenças, os seus valores, a sua personalidade.

Ser professor é, portanto, exercer uma profissão com características muito próprias. As três principais dimensões da atividade docente acima referidas, assim o demonstram. Conjugar todos estes fatores de forma a ser um bom profissional, não é fácil. Aliás, de acordo com a maioria dos autores que refletiram sobre esta matéria, não existem professores ideais. Como não existem turmas ideais e alunos ideais. Mas existe o bom senso, receita que poderá equilibrar tantas e tão complexas variáveis.

### **I.3 – O aluno: do ser único a membro de um grupo**

Um estudo realizado por Khouri (*apud* Oliveira: 2009: 290) revelou que as características de um bom aluno, apontadas com mais frequência pelos professores foram: bem comportado, obediente e cumpridor. São estas as características que a grande maioria dos professores espera encontrar nos seus alunos e a grande maioria dos pais nos seus filhos. No entanto, as crianças/adolescentes revelam características tão diferenciadas do estereótipo criado, que obrigam a uma reflexão mais profunda de quem é o “ser” aluno.

Um aluno é um ser único, dentro do grupo-turma. Tem uma personalidade própria, apresenta graus de desenvolvimento cognitivo e moral diferentes dos seus colegas, tem experiências de vida com trajetos e projetos diferentes, competências e habilidades diferentes, também ele com valores, crenças, emoções e modos de pensar diferentes. Todas estas diferenças influem no seu comportamento dentro da sala de aula, tal como influem as opiniões que tem sobre si, sobre os outros e sobre as situações em que vive. Não pode ser visto, portanto, como uma massa amorfa, pronta a ser moldada segundo os cânones de um ser ou de uma instituição superiores a si. Por outro lado, o aluno detém aquilo a que Amado chama de «saber pedagógico» (2001a: 57), um saber feito de acumulações de experiências e vivências com professores e colegas, resultado de vários anos envolvidos em relações pedagógicas e entre pares diferenciadas. Este saber contribui para a formulação de ideias pré-definidas que o aluno leva para dentro da sala de aula e que influenciarão a forma como perceberá cada professor e a dinâmica de cada aula.

O aluno é, ainda, um filho ou um educando. Ou seja, uma fonte de expectativas, de anseios, de desejos, muitas vezes de concretização de projetos de família. A forma como a família vive a escola junto com os alunos, como se relacionam com ela e com

os professores, como colocam nas crianças/adolescentes as expectativas que criaram, ou não, relativamente ao seu percurso escolar e ao seu futuro também influencia a forma de estar do aluno na escola e na aula e como se relaciona com a escola e com os professores (Postic, 1984: 49-51). Portanto, considerar o aluno, em toda a sua dimensão humana, deve ser considerado na análise da Indisciplina, para a compreensão dos seus atos e da sua relação com a aula, o professor e a escola.

Mas o aluno não está só, *per si*, numa sala de aula. Ele é parte integrante de um grupo, uma turma, com dinâmicas e interações horizontais muito próprias. Uma turma que, para além de ser um grupo formal, com membros que *“foram designados para constituírem um grupo e não se escolheram, já que a estrutura foi imposta pela instituição”* (Postic, 1984: 126), tem uma estrutura informal com papéis e estatutos diferenciados, com relações de interdependência entre os membros que podem dar origem a subgrupos com normas e valores próprios, através de mecanismos de oposições e atrações. Esta estrutura informal de turma tem de ser analisada pelo professor porque origina ou inflama, não raras vezes, comportamentos de Indisciplina.

#### **I.4 – A relação pedagógica: o palco da aula**

Após a caracterização dos dois intervenientes na relação pedagógica – professor e aluno – importa agora colocarmos estes dois sujeitos no palco onde se desenvolve a relação pedagógica: a sala de aula. A interação, sendo *“uma reação recíproca verbal ou não verbal, temporária ou repetida segundo uma certa frequência, pela qual o comportamento de um dos parceiros tem uma influência sobre o comportamento do outro”* (Postic, 1984: 139), ela começa logo no primeiro encontro, que pode não acontecer dentro da sala. Na verdade, desde que o professor é avistado que é observado pelo aluno e vice-versa. A sua forma de andar, a sua postura, o que veste, o que traz consigo, tudo é observado, avaliado e considerado na categorização do professor. O mesmo se passa no sentido inverso.

Já na sala de aula, desenvolve-se uma fase exploratória de interações que conduzirá à caracterização da vida na aula. O professor surgirá, desde logo, como uma figura de autoridade, que deverá assegurar a boa vivência na aula, para além de transmitir um saber. Mas é a sua ação, desde o início do ano, que levará à legitimação do seu papel. Ele vai ser avaliado pelas suas competências como ser humano e como

técnico, pela sua firmeza, justiça e amizade e pela sua capacidade de ensinar. O aluno, por outro lado, será avaliado pela postura, intervenções, atenção e interesse.

Professores e alunos executam os seus respetivos papéis numa complexa rede de relações de poder, de constrangimentos, representações e expectativas mútuas que caracterizam e limitam a sua liberdade de ação. Nesta avaliação mútua, muita influência têm as representações sociais de professores e alunos, enquanto saber prático e espontâneo que determina interações; as expectativas criadas por ambas as partes, quer em relação ao interlocutor, quer em relação à dinâmica de aula; e a confirmação ou infirmação dessas expectativas. De facto, e como afirma Postic (1984: 110) *“Ao longo das interações entre professor e aluno, produz-se, furtivamente, um jogo de confirmação do juízo inicial e de reiteração das expectativas.”* Se a avaliação final desta fase exploratória for negativa, emergem então estratégias de ambas as partes que dão expressão ao poder de que cada um dispõe.

O professor tem inerente a si a prática do poder. A sua autoridade deriva da lei, do ministério da educação, da sua formação académica e pedagógica, e das suas qualidades pessoais, reconhecidas pelo aluno (Estrela, 1994: 49). Já o aluno tem poder enquanto cidadão com plenos direitos, tem o poder informal de ter determinados comportamentos que põem em causa a ação do professor e poderá ter, caso o professor lho reconheça, poder para participar das decisões que se referem à sua vivência na aula. Quando ambos exercem o seu poder na sala de aula, se esse exercício não for no sentido da cooperação mútua, podemos assistir a conflitos ou negociações. As negociações poderão levar a um compromisso. Já os conflitos levarão à resistência e à Indisciplina.

O sistema disciplinar baseia-se na definição de regras a seguir. Na sala de aula, para além da observação do cumprimento de determinadas regras de conduta social, o professor define as normas que regem as interações entre pares e entre professor-aluno e as regras que estabelecem as condições para o desenvolvimento de cada atividade. Se estas regras forem consideradas injustas ou demasiado rigorosas, sem espaço para a consulta ou negociação, ou se a sua prática não for coerente (existência de discriminação, de desrespeito, de injustiça, de intolerância,...) podem dar origem a comportamentos de Indisciplina que não são mais do que a afirmação dos direitos dos

alunos, ou a retribuição ao comportamento do professor. Poderá, então, a Indisciplina ser considerada um direito do aluno? Na opinião de Amado (2001a: 143) a questão não deverá ser colocada nesses termos. O importante é estar «atento ao pensamento do aluno» e ao seu modo de interpretar as vivências na escola e na aula:

*“(...) Ver a indisciplina como resposta às injustiças do professor, na forma de afirmação dos direitos do aluno, e de retribuição não significa ver na própria indisciplina um direito, uma vez que interfere com as oportunidades educacionais e de carreira dos seus pares e suas, mas não podemos esquecer que, ao longo da história, foi pela resistência, pela oposição que se aclararam e se definiram muitos dos direitos dos mais fracos nas relações de poder. Estar atento ao pensamento do aluno e à sua interpretação das ocorrências da vida quotidiana na escola é um princípio a seguir.”*

A preocupação tem que residir, portanto, na transformação do conflito em algo construtivo, positivo, impulsionador de mudança, sem que se desperdice demasiada energia na resolução dos mesmos, e sem colocar em causa a prossecução dos objetivos pedagógicos (Carita e Fernandes, 2002: 17).

Para além da definição ou transmissão de regras, o professor seleciona metodologias e recursos com os quais está mais confortável, enquanto pessoa, e que lhe permitirão alcançar os objetivos pedagógicos estabelecidos. Ora esta escolha poderá não ir ao encontro das necessidades do aluno ou do grupo-turma que tem à sua frente, e a Indisciplina poderá servir como um sinal de que terão que ser feitas alterações nas opções tomadas. Por exemplo, o método expositivo pode levar o aluno ao alheamento da aula, após os primeiros minutos. Já os métodos mais ativos, que encorajam a responsabilização e a construção do saber por parte do aluno, poderão levar a um excesso de liberdade. Ambas as situações poderão evoluir para comportamentos de Indisciplina. McDermott, citado por Amado (2001a: 93) afirma que o problema não estará na maior ou menor abertura dos métodos, mas na inexistência de duas condições-chave: que o que se diz faça sentido para o aluno e que exista entre professor e aluno uma relação de confiança. Sem prejuízo da liberdade de escolha do professor, e da sua zona de conforto, salientamos que a motivação do aluno para a aula e para o saber é um fator essencial para a prevenção da Indisciplina.

## **I.5 – Fatores e níveis de Indisciplina**

Já ficou esclarecido que o fenómeno da Indisciplina depende muito da relação pedagógica e dos seus protagonistas. Não se apontou, no entanto, e de forma

sistematizada, quais os fatores que podem causar a Indisciplina e que, muitas vezes, justificam os comportamentos dos alunos. O conhecimento destes fatores, bem como a consciência de que esses fatores não atuam de forma isolada nem com a mesma intensidade, leva o professor a perceber o porquê da sua existência, a analisar a sua prática perante esses comportamentos e a intervir de forma mais eficaz.

Maria Izete de Oliveira (2009: 292) apresenta uma sistematização muito clara dos principais fatores de Indisciplina, dividindo-os em dois grandes grupos: os *fatores psicossociais*, de origem externa à instituição, e os *fatores pedagógicos*, de origem interna. Dentro dos fatores psicossociais aponta a *família*, os *media*, a *diversidade entre alunos*, os *distúrbios de atenção* e a *carência afetiva* como fatores de Indisciplina. É na *família* que a criança/adolescente vai buscar os seus primeiros referentes de exemplo e conduta e aquilo que o aluno começa por ser na escola é um reflexo da educação, ou falta dela, recebida no ambiente familiar. Já os *media*, através da sua programação, influenciam, muitas vezes, os comportamentos dos alunos, levando-os a reproduzir, na escola, a violência e agressividade a que assistem diariamente.

A *diversidade entre alunos* refere-se às diferenças sociais, culturais, de aparência, de modos de se comportar, que existem de aluno para aluno e que podem estar, ou não, em concordância com o “*modelo*” estabelecido pelo professor (idem: 294). Sendo expressão de um modo de estar natural ao seu meio social e familiar, pode, no entanto, ser objeto de discriminação por parte do professor ou dos colegas e causar conflitos dentro da sala de aula. Por outro lado, os próprios ritmos de trabalho de cada aluno são diferentes, o que dá origem a alguns momentos mortos para os mais rápidos, momentos esses que dão, em muitos casos, azo à Indisciplina.

A autora fala em *distúrbios de atenção* enquanto fator de Indisciplina porque esses dão origem a comportamentos desviantes dos alunos que apresentam o problema e podem influenciar negativamente os comportamentos dos colegas. Mas existem outros distúrbios psicológicos que influem no comportamento da criança/adolescente como a deficiência mental, os distúrbios globais do desenvolvimento, os distúrbios disruptivos do comportamento (onde se incluem os de défice de atenção), esquizofrenia e outros distúrbios psicóticos, distúrbios do humor e distúrbios da personalidade (Silva *et al*, 2008: 118). O reconhecimento e diagnóstico

destes distúrbios ajudam no encaminhamento para um tratamento especializado e no controle da situação em sala de aula, cabendo ao professor estar atento aos sintomas.

O último fator psicossocial de Indisciplina apresentado pela autora diz respeito à *carência afetiva*, que poderá levar o aluno a tentar conquistar na escola, e a todo o custo, a atenção que não alcança fora dela, recorrendo a todas as formas ao seu alcance para atingir esse objetivo.

Em relação aos fatores pedagógicos, Maria Izete de Oliveira (2009) apresenta quatro: *imposição ou falta de regras*, no sentido em que regras demasiado rígidas e incontestáveis, ou a ausência da sua clara definição podem originar comportamentos de Indisciplina, uns como forma de contestação, outros como resposta à oportunidade criada pelo professor; *formação docente quanto às questões relacionais*, que, sendo deficitária, leva o professor a agir intuitivamente, adotando, em muitos casos, uma postura autoritária e repressiva, geradora de novos conflitos; a *proposta pedagógica do professor*, cujas opções de conteúdos ministrados e metodologias poderá não corresponder às expectativas e realidade dos alunos, dando origem a posturas de passividade e alheamento que, eventualmente, resvalarão em comportamentos de Indisciplina; e, finalmente, o *sistema educacional e a escola*, um pelas suas imposições quanto à organização da vida escolar, outra pelas infraestruturas e equipamentos que apresenta, poderão influenciar negativamente o comportamento dos alunos.

São, portanto, múltiplas as causas que dão origem à Indisciplina. No entanto, estas causas motivam diferentes comportamentos e Amado, no seguimento do trabalho que Veiga (*apud* Silva *et al*, 2008: 20) já tinha desenvolvido noutros termos, propõe uma distinção dos mesmos em três níveis: o primeiro que se refere aos *desvios às regras da produção* e que inclui «incidentes disruptivos» perturbadores do funcionamento da aula, que se podem traduzir na fuga à tarefa; o segundo referente aos *conflitos interpares*, que revelam problemas de relacionamento com outros alunos da turma e/ou da escola; e o terceiro nível que engloba os *conflitos da relação professor-aluno* em que são postos em causa a autoridade e o estatuto do docente (Amado, 1999: 54). Este estabelecimento de níveis diferenciados de Indisciplina permite uma melhor interpretação e avaliação do fenómeno e, consequentemente, uma intervenção mais eficaz.

## I.6 – Funções da Indisciplina

Uma revisão bibliográfica dos principais autores que estudaram o fenómeno da Indisciplina permite-nos verificar que todos estão de acordo num ponto: os comportamentos de Indisciplina desempenham funções dentro da sala de aula. Maria Teresa Estrela (1986) identificou cinco tipos de funções que estes comportamentos podem ter. Resumidamente, são eles:

*“(i) funções de proposição que visam transformar a situação num sentido favorável ao aluno; (ii) funções de evitamento que se traduzem numa tentativa de fuga à tarefa; (iii) funções de obstrução, pois levam a uma rutura parcial ou total do funcionamento da aula que afeta toda a turma; (iv) funções de contestação que se concretizam pelo afrontamento direto da autoridade do professor; (v) funções de imposição, originando novos instituídos que se opõem aos legalmente estabelecidos.” (Caldeira e Rego, 2007: 14).*

A mesma autora (Estrela, *apud* Caldeira e Rego, 2007: 15), relativamente às consequências que estas funções podem ter para o desenvolvimento da aula, agrupou-as em três categorias: *funções reinstituintes* quando os comportamentos de Indisciplina ajudam a uma evolução positiva do desenvolvimento da aula; *funções anti-instituintes*, que impõe uma quebra necessária na organização da aula, sem pôr em causa a mesma; e *funções contra-instituintes* que impõem uma «contra-organização» com o estabelecimento da desordem. A reflexão sobre estas funções pode levar a reajustamentos no sistema de normas instituído o que permitirá o desenvolvimento de um percurso e de um trabalho mais justo e equilibrado na sala de aula.

## I.7 – A ação do professor: do prevenir ao remediar

De tudo o que foi dito acima urge levantar uma questão: como podem atuar os professores no sentido de prevenir, corrigir ou sancionar os comportamentos desviantes dos alunos na aula e criarem as condições necessárias de trabalho e convivência? Amado (2001a: 159-178) aponta três tipos de procedimentos que podem ser desenvolvidos pelo professor: *procedimentos de prevenção*, que passam por orientar o aluno para a necessidade da regra, permitindo-lhe saber o que se espera dele, por criar um clima de abertura, diálogo, responsabilização, confiança e respeito mútuos, e por desenvolver uma correta gestão e organização das atividades de ensino; *procedimentos de correção* que passam pela estimulação do aluno a desenvolver o comportamento correto para voltar a ser integrado no grupo-turma, o que implica identificar quem cometeu a falta, explicar porque é que é considerada uma falta e criar



condições para que se desenvolva o comportamento adequado, ou pela dominação do aluno através da imposição pura e simples da regra; e *procedimentos punitivos* que passam pela aplicação autocrática do castigo muito provavelmente, não produzindo uma mudança de comportamento duradoura.

Prevenir exigirá, portanto, por parte do professor, um conhecimento de si, do aluno e do grupo-turma, uma planificação prévia pensada em função dos alunos de cada grupo e a escolha de metodologias adaptadas às características da turma, ao programa a desenvolver, à sua personalidade, filosofia de vida e forma de encarar o ensino, para o estabelecimento de uma relação de diálogo e autenticidade (Ferreira e Santos, 1994: 48). É através da partilha de emoções, de opiniões e da tomada de consciência de que o professor não é perfeito, que conseguimos desenvolver uma atitude assertiva baseada no respeito mútuo. Cabe-nos a todos nós, professores, investir na nossa formação a fim de desenvolver competências de liderança, adaptadas às situações que se gerem dentro de uma sala e estabelecer uma ordem que decorra da entrega e envolvimento participativo e motivado de todos no próprio processo de ensino e aprendizagem.

No entanto, quando os comportamentos de Indisciplina são já um facto consumado, remediar passa pelo respeito e reforço positivo do faltoso ou dos faltosos, explicando, claramente, qual foi a falta e elogiando o retorno ao comportamento pretendido. O castigo deverá ser, sempre, um recurso de última instância, uma vez que poderá ser encarado como um estímulo para novos desvios (Carita e Fernandes, 2002: 114). Deve-se, sobretudo, motivar o aluno para a aprendizagem, de forma a reduzir possíveis situações de Indisciplina em sala de aula, salientando a importância de encarar os conflitos como um problema mútuo do professor e do aluno, procurando em conjunto soluções que satisfaçam ambas as partes.

Encontrar os ingredientes de uma aula e de uma relação pedagógica gratificantes e em que a problemática da Indisciplina não se coloque é o grande desafio do professor dos dias de hoje.

## **Capítulo II – A Escola Secundária de Seomara da Costa Primo (ESSCP)**

### **II.1 – Caraterização da escola**

No ano letivo 2011/2012, a Prática de Ensino Supervisionada decorreu na Escola Secundária de Seomara da Costa Primo (ESSCP) nas duas áreas disciplinares: História e Geografia. Esta escola está localizada na freguesia da Venteira, cidade da Amadora, e acolheu, nesse ano letivo, segundo o Relatório de Caraterização da Escola, realizado pelo Observatório de Qualidade, 1204 alunos, 25,3% no Ensino Básico Regular, 18,4% em Cursos de Educação e Formação, 21,9% no Ensino Secundário Regular, 2,8% no Curso Tecnológico de Desporto, 21,7% nos Cursos Profissionais, 1,4% inscritos em Módulos e 8,5% em Cursos de Educação e Formação de Adultos. A maioria destes 1204 alunos apresenta idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos (82%), reside nos concelhos da Amadora e de Sintra (96,5%) e têm nacionalidade portuguesa (64,3%). É, no entanto, de considerar a percentagem de alunos oriundos dos PALOP e do Brasil (Cabo Verde 16,6%, Guiné 9,1%, Angola 7,2% e Brasil 6,3%).

É de 4,8% a percentagem de alunos que beneficia de transporte escolar, e de 35,6% a percentagem de alunos abrangidos pela Ação Social Escolar. Estes indicadores demonstram as especificidades económicas da população estudantil desta escola, que passa, muitas vezes, por défices na alimentação, pela ausência total de materiais na sala de aula, fatores que acabam por influenciar o comportamento do aluno na aula.

A grande maioria dos pais dos alunos da ESSCP possui, como habilitações literárias, o ensino básico (pais 73,6%, mães 72,7%), enquanto a maioria dos seus encarregados de educação frequentaram o ensino secundário (57,3%). Já em relação à situação profissional, 60,7% dos pais e 64,4% das mães estão empregados a tempo inteiro sendo, no entanto, de salientar que 37,6% dos pais e 26,5% das mães não estão empregados ou encontram-se em situação incerta. Dos 7,4% de alunos que já trabalham, quase metade (48,3%) encontram-se empregados a tempo inteiro. Tanto a situação precária de emprego de um número significativo de pais, como o facto de quase dez por cento dos alunos da escola trabalharem, praticamente metade, a tempo inteiro, são fatores que podem influenciar o seu comportamento na sala de aula.

Em relação à Disciplina, e tendo em conta o mesmo Relatório, nos primeiro e segundo períodos verificaram-se 593 participações por escrito, 455 expulsões da sala de aula, 29 suspensões, e 3 situações de *bullying*, ocorrências que se verificaram, no primeiro período, sobretudo no Ensino Básico Regular, nos Cursos de Educação e Formação e nos Cursos Profissionais. Mesmo não considerando os dados relativos ao terceiro período, ainda em fase de análise pelo mesmo Observatório, podemos concluir que a Indisciplina é um fenómeno que está muito presente nesta escola, apesar de quase todos os professores concordarem com o facto das ocorrências terem vindo a decrescer gradualmente. O motivo apontado é uma Direção da Escola mais atenta, mais interventiva, mais próxima dos professores e dos alunos. Curioso verificar que o Ensino Secundário Regular não apresenta um número de ocorrências significativo no primeiro período, o que pode significar uma maior maturidade por parte dos alunos, num ensino em que é maior a responsabilidade e dedicação exigidas.

A ESSCP encontra-se em plena fase de reconstrução e requalificação, integrada no projeto «Modernização das Escolas Secundárias», desenvolvido pelo Ministério da Educação, o que implicou trabalhar, neste ano letivo de 2011/2012, à semelhança do anterior, ora em alguns pavilhões antigos, ora em contentores devidamente preparados para o efeito, mas que impunham limitações nas planificações de aula dos professores, concretamente na gestão da utilização dos recursos disponíveis na sala.

## **II.2 – Um trabalho estruturado: História e Geografia no mesmo espaço**

Como foi referido acima, no ano letivo de 2011/2012, a Prática de Ensino Supervisionada na disciplina de História e na disciplina de Geografia decorreu no mesmo estabelecimento de ensino: Escola Secundária de Seomara da Costa Primo. Esta permanência na mesma escola permitiu o desenvolvimento de um trabalho mais articulado, na medida em que foi acompanhado semanalmente, e em simultâneo, pelas duas orientadoras cooperantes, professora Isabel Alves, de Geografia, e professora Filomena Cardoso, de História, bem como do colega estagiário, Carlos Alegre, beneficiando de reflexões e de opções conjuntas. Exemplo disso foi a seleção/atribuição conjunta dos conteúdos programáticos a desenvolver pelos orientandos, nas duas áreas disciplinares, conforme a dinâmica de cada nível de ensino e o conhecimento científico de cada um, tentando sempre maximizar o número de

experiências que cada estagiário iria ter quer nos diferentes níveis de ensino a trabalhar, quer dentro de cada área disciplinar, quer nos aspetos em que as duas disciplinas se poderão cruzar: desenvolvimento de conteúdos e atividades comuns.

Por outro lado, a Prática de Ensino Supervisionada de Geografia decorreu em três turmas do Ensino Secundário, duas do 10º ano e uma do 12º, e a de História em três turmas do 3º Ciclo do Ensino Básico, uma do 8º ano e duas do 9º, o que, em termos de objetivos educativos, dinâmicas de ensino, preparação de conteúdos, seleção de recursos e planificação de aulas permitiu uma experiência mais completa, abrangente e transversal que muito enriqueceu este estágio. O facto da turma 8º 1 ter como Diretora de Turma a professora Isabel Alves, e como professora de História a professora Filomena Cardoso, contribuiu ainda mais para um diálogo permanente entre as duas orientadoras e entre as orientadoras e os dois estagiários, concretizando e exemplificando, de forma muito positiva, a relação de colaboração e entreajuda entre docentes. Aliás, pelo observado e testemunhado no dia-a-dia da sala de professores, o clima entre todos era, regra geral, de cooperação e, até, de solidariedade, dando um exemplo vivo de como deverá trabalhar um corpo docente.

Houve, também, uma participação na elaboração do Plano Anual de Atividades do Departamento de História e Geografia, que consistiu na proposta de desenvolvimento conjunto de duas atividades por parte dos dois estagiários: *Geocaching na Amadora* e *Visita ao futuro: uma aula na Faculdade*<sup>2</sup>. A primeira atividade desenrolar-se-ia em duas fases: uma primeira a decorrer durante a Prática de Ensino Supervisionada de Geografia, e a partir dos conteúdos geográficos trabalhados em aula com a turma do 10º 6; e uma segunda a decorrer durante a Prática de Ensino Supervisionada de História, construída com base nos conteúdos históricos trabalhados com a turma do 8º 1.

A segunda atividade proposta, por se concentrar numa experiência a desenvolver numa outra realidade de ensino, o Ensino Superior, só foi realizada ao nível da Geografia, com a turma finalista do 12º 2+3.

---

<sup>2</sup> Ver Anexo I: Proposta de Atividades para o PAA do Departamento.

## **Capítulo III – Aprender a ensinar Geografia**

### **III.1 – Objetivos do Ensino da Geografia**

*“A geografia é um convite a compreender e respeitar a diversidade dos meios naturais e civilizações”* (Claval, 2006: 138). Com esta curta e simples frase, Paul Claval define claramente a necessidade e o objetivo de estudar Geografia. «Compreender e respeitar» implica conhecer, implica localizar e observar, implica registrar e analisar, implica levantar hipóteses e chegar a conclusões; «diversidade» implica diferentes objetos de estudo a diferentes escalas: diferentes lugares e diferentes regiões que constituem o nosso planeta; e «meios naturais e civilizações» implicam a terra e o homem, um estudo do que é natural e um estudo do que é humano, uma geografia física e uma geografia humana, duas dimensões que se inter-relacionam e que constituem um todo dinâmico. E assim encontramos a razão de ser da Geografia.

A Geografia é, portanto, um saber integrado e coerente, que separa o todo para analisar as partes, tendo como meta final a compreensão de que o todo é mais do que a soma das partes. Daqui se entende que ensinar Geografia tem tanto de ambicioso como de motivador. Porque pretende proporcionar aos alunos uma formação que lhes permita desenvolver um pensamento crítico relativamente aos problemas que afetam os territórios e à relação do homem com o ambiente, e uma atitude de respeito em relação ao território, impulsionando uma intervenção ativa e refletida no sentido da sustentabilidade. A educação geográfica deverá, assim, estimular a consolidação de uma atitude crítica, o debate de ideias e a tomada de decisões. Foi essa a atitude que se procurou ter no desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada nesta área disciplinar.

### **III.2 – A Prática de Ensino Supervisionada na turma 12º 2+3**

Apesar da assistência às aulas da orientadora Isabel Alves ter decorrido nas turmas do 10º 3, 10º 6 e 12º 2+3, sem esquecer a assistência a uma aula de Formação Cívica do 8º 1, a Prática de Ensino Supervisionada na disciplina de Geografia concretizou-se, sobretudo, nas turmas do 10º 6 e 12º 2+3, para que a experiência educativa, para além de abarcar dois níveis de ensino, pudesse também incluir filosofias de ensino diferentes: o ensino regular e o ensino profissional. Apresenta-se,

de seguida, a caracterização da turma 12º 2+3 do ensino regular e as principais atividades desenvolvidas no âmbito da prática letiva, selecionadas pela significância que tiveram em aula, quer para o professor, quer para o aluno, e pela sua importância para o tema deste relatório.

### **2.1 – Caracterização da turma 12º 2+3**

A disciplina de Geografia C, no 12º ano, tem carácter opcional o que significou, no ano letivo de 2011/2012, a constituição de uma única turma que juntou alunos do 12º 2 e do 12º 3. Esta possibilidade de opção fez com que, durante o primeiro período, fossem chegando alunos de inscrição tardia, ou transferidos de outras disciplinas opcionais, o que, a par com a periódica chegada de novos alunos à escola e, consequentemente, à turma, contribuiu para a inconstância do número de alunos na turma ao longo de todo o ano letivo. Podemos, assim, dizer que a turma teve entre 26 a 29 alunos, sendo que foram recolhidos vinte e dois questionários, aplicados já no mês de Junho, onde se auscultava a opinião dos alunos face à Disciplina/Indisciplina, para além das suas características biográficas<sup>3</sup>. A caracterização da turma<sup>4</sup> passará, assim, pelos cinco elementos do género masculino e dezassete elementos do género feminino que responderam e entregaram o questionário.

Na turma 12º 2+3, a média de idades dos alunos é de dezoito anos e metade da turma é de nacionalidade portuguesa, apesar de só 38% serem naturais do nosso país. O facto de metade da turma ser de outra nacionalidade (9% brasileira, 4% angolana, 5% santomense, 23% cabo-verdiana e 9% guineense) e de 62% dos alunos inquiridos serem naturais dos PALOP, mostra já a heterogeneidade de experiências de ensino, histórias de vida, e de níveis de domínio da Língua Portuguesa existentes na turma.

A grande maioria dos inquiridos mora no concelho da Amadora, o seu agregado familiar é maioritariamente constituído por dois a quatro elementos, sendo que apenas 31% desses elementos maiores de idade foi além do 3º Ciclo do Ensino Básico. Quase metade não indicou o motivo da ingressão na Escola Secundária de Seomara da Costa Primo mas, os que indicaram, fizeram-no devido à proximidade habitacional ou a

---

<sup>3</sup> Ver Anexo II: Questionário de Caracterização do Aluno, Parte I.

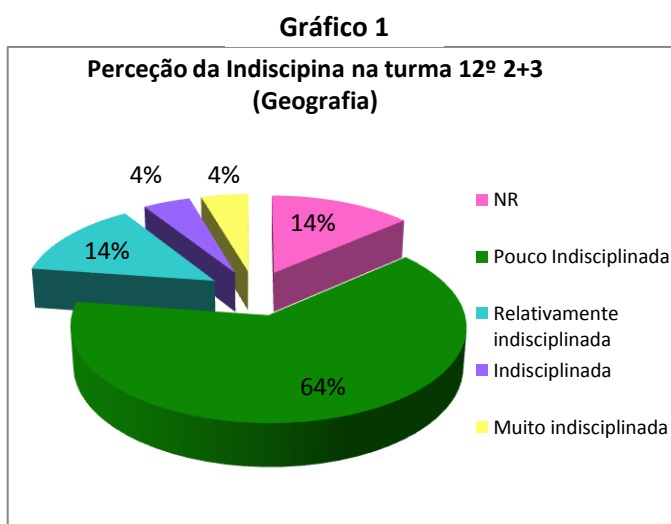
<sup>4</sup> Ver Anexo III: Gráficos de análise dos dados relativos à turma 12º 2+3.

mudança de residência e o ano letivo de 2011/2012 foi o seu terceiro ou quarto ano nesta escola.

No seu percurso escolar, cerca de 55% dos alunos da turma já ficaram retidos, pelo menos, uma vez, maioritariamente nos 7º e 10º anos, e um dos inquiridos já foi alvo de processo disciplinar, por ter recorrido à agressão física para com um colega. A grande maioria nunca leu o Regulamento Interno da escola e, dos que leram, lembram-se de que o documento falava sobre os direitos e deveres dos alunos. A falta de conhecimento das diretrizes que orientam toda a vida da escola num ano terminal é grave, tendo em conta que os alunos comportam-se na escola, não como está estabelecido pela instituição, mas como para eles faz sentido, dentro da sua experiência de vida e de escola, retirando legitimidade à aplicação das consequências do incumprimento de regras que não lhes foram explicadas explicitamente.

A disciplina preferida da turma 12º 2+3 é a Geografia. Será de louvar aqui o trabalho da professora Isabel Alves, que já conhecia a maioria dos elementos da turma, e desenvolveu com eles um trabalho rigoroso e rico em experiências de aprendizagem, que muito facilitou o trabalho realizado durante este estágio. Entre as disciplinas de que menos gostam surge a HCA/História, considerada com «conteúdos aborrecidos» e onde encontram maiores dificuldades.

Os alunos consideram que as suas principais qualidades são, sobretudo, «empenhados», mas também «assíduos» e «interessados» e indicaram o ser «refilão», «conversador», «preguiçoso» e «distraído» como os seus principais defeitos.



Do ponto de vista disciplinar, e como se pode observar no Gráfico 1, 64% dos elementos da turma consideram-na «pouco indisciplinada» e 14% «relativamente indisciplinada». Já tendo por base as aulas observadas e lecionadas, poder-se-á dizer que esta turma

mostrou-se, muitas vezes, agitada e conversadora, mas não apresentou problemas

graves de Disciplina. No entanto, os atrasos que se deviam sobretudo ao facto das aulas ocorrerem na primeira hora da manhã e a presença intermitente de alguns alunos, dificultou, algumas vezes, o normal decorrer das aulas. As chamadas de atenção que aconteceram, para além das situações acabadas de expor, referiram-se sempre a pequenas conversas paralelas, que acabavam por se extinguir com a intervenção das professoras.

Terminada a caracterização da turma 12º 2+3, percebemos que é uma turma muito heterogénea, quer em nacionalidades presentes, quer em experiências de vida, quer em níveis de aprendizagem, e este conhecimento tem que estar presente nas opções estratégicas do professor, para que não se marginalizem alunos, criando condições para o aparecimento de comportamentos de Indisciplina.

## **2.2 – Atividades desenvolvidas na Prática de Ensino Supervisionada na turma 12º 2+3**

*“ A inclusão da disciplina de Geografia no 12º ano do Curso Geral de Ciências Sociais e Humanas e do Curso Geral de Ciências Sócio-Económicas tem como finalidade proporcionar aos alunos uma formação que, a partir do tratamento de uma temática global, lhes facilite a compreensão da crescente interdependência planetária e dos problemas que afetam os territórios, as sociedades e as relações do Homem com o ambiente, estimulando-os a interessarem-se por uma participação mais consciente na procura de soluções alternativas, desenvolvendo atitudes de solidariedade territorial, numa perspetiva de sustentabilidade”* (Martins, 2002: 5).

Podemos concluir, portanto, que o grande objetivo da disciplina de Geografia C, no 12º ano, é analisar problemáticas de âmbito geográfico relevantes a nível mundial, para formar cidadãos conscientes e interventivos na sociedade onde estão inseridos. Por isso, as estratégias desenvolvidas em aula procuraram sempre levar os alunos a refletir sobre as grandes questões geográficas que se colocam ao mundo de hoje, onde os alunos se movimentam todos os dias, onde atuam, onde podem fazer a diferença.

O tema desenvolvido na Prática de Ensino Supervisionada de Geografia, que decorreu entre Setembro e Fevereiro, foi o Tema 2 – Um Mundo Policêntrico, subtema 2.1 – Os antecedentes geopolíticos e geoestratégicos. Dentro deste subtema, e conforme planificação apresentada em anexo<sup>5</sup>, foi tratado o ponto 2.1.1 – A Partilha do Mundo no final da Segunda Guerra Mundial. Uma vez que se procurou desenvolver, em todas as aulas, metodologias ativas que incentivassem a participação dos alunos,

---

<sup>5</sup> Ver Anexo IV: Planificação Médio Prazo do ponto 2.1.1 – A Partilha do Mundo no final da II Guerra Mundial.



todos os planos de aula foram construídos de forma minuciosa e pormenorizada<sup>6</sup>, a fim de evitar incertezas e tempos mortos que pudessem abrir espaço para a Indisciplina, numa turma com as características já apresentadas. Das estratégias implementadas, devido à diversidade de situações originadas, quer em relação à participação dos alunos, quer em relação à Indisciplina, destacamos as seguintes: *brainwriting* sobre a relação entre os EUA e a URSS no pós-guerra, visualização e exploração do vídeo “Movimento dos Países Não-Alinhados faz 50 anos”, e visualização e exploração do filme “*Goodbye Lenin!*”.

#### **a) Atividade de *Brainwriting***

O *brainwriting* é uma metodologia de debate em contexto de sala de aula a partir da análise de imagens e com recurso à escrita. Com a turma do 12º 2+3 consistiu num trabalho de grupo em que os alunos, cada um na sua vez, e a partir da observação de seis imagens relativas à problemática da Guerra Fria, registavam, num quadro, e sem trocar ideias, palavras ou expressões (conjuntos de palavras) que as imagens lhes suscitassem, sem lhes ser permitido repetir palavras. Depois deste registo, cada grupo construía uma explicação lógica para as palavras indicadas para a imagem que lhe foi atribuída, apresentada posteriormente à turma<sup>7</sup>. Esta metodologia permitia ao aluno questionar a realidade observada, comunicar e defender ideias próprias, ver um problema sobre perspetivas diferentes, e desenvolver uma consciência política, dando, ao mesmo tempo, espaço de intervenção aos seus colegas, desenvolvendo o respeito pelos outros e pelas regras de trabalho em vários contextos.

Uma vez que esta atividade foi desenvolvida na segunda aula lecionada na Prática de Ensino Supervisionada de Geografia, alguns alunos revelaram, ainda, alguma resistência na adesão ao que lhes era solicitado, resultando em pouco esforço na compreensão da dinâmica da atividade e, depois, no fraco empenho e criatividade na observação e análise das imagens apresentadas. Esta falta de empenho por parte de alguns dificultou a tarefa do grupo responsável por construir uma explicação lógica para as palavras atribuídas a cada imagem. Por outro lado, houve alguma confusão na troca de imagens entre grupos, devido ao não cumprimento dos tempos estipulados

---

<sup>6</sup> Ver Anexo V: Plano da primeira aula lecionada à turma 12º 2+3.

<sup>7</sup> Ver Anexo VI: Guião do Aluno da atividade *Brainwriting*.

para as várias tarefas a realizar no desenvolvimento da atividade. No tempo de espera das imagens que ainda faltavam observar, criou-se algum burburinho no seio dos grupos mais rápidos, facilmente controlável, mas não previsto nem desejado. No final, a atividade, que estava prevista para ser desenvolvida e terminada num bloco de noventa minutos, estendeu-se por mais quarenta e cinco minutos, para que a apresentação das explicações das imagens ocorresse sem pressas e pudessem ser sistematizadas num *PowerPoint*-síntese<sup>8</sup> as principais ideias a reter. Aliás, o recurso a um *PowerPoint*-síntese foi uma metodologia muito utilizada no final do estudo de cada temática nesta Prática de Ensino Supervisionada, com o fim de organizar as principais ideias a reter, uma vez que o manual era muito rico em informação, o que acabava por confundir os alunos na seleção dos conteúdos mais importantes.

A avaliação da atividade baseava-se na observação direta e preenchimento da grelha de observação<sup>9</sup>, nas palavras registadas nos cartões de registo e na explicação dessas palavras por parte de cada grupo responsável por cada imagem. Como já tinha sido observado, ao longo das aulas lecionadas pela orientadora Isabel Alves, alguns elementos da turma revelaram, mais uma vez, serem bastante críticos e observadores, apresentando palavras pertinentes e pontos de vista interessantes sobre o conflito da Guerra Fria e as consequências para o mundo que temos hoje. No geral, os resultados da atividade foram muito positivos e o conceito de Guerra Fria bem trabalhado.

#### **b) Visualização e exploração do vídeo “Movimento dos Países Não-Alinhados faz 50 anos”**

Com o objetivo de explicar o papel do Movimento dos Países Não Alinhados (MNA) no relacionamento entre os EUA e a URSS, no contexto da guerra fria e no quadro atual das relações internacionais, optou-se pela visualização e exploração de um vídeo que apresenta uma reportagem realizada em Setembro de 2011, por ocasião do encontro dos principais chefes de Estado dos países que constituem o Movimento, que na ocasião celebrava cinquenta anos. Este vídeo tornou-se um excelente recurso, não só pela sua atualidade (o encontro decorreu a 06 de Setembro de 2011 e a aula

---

<sup>8</sup> Ver Anexo VII: *PowerPoint*-Síntese da terceira aula lecionada à turma 12º 2+3.

<sup>9</sup> Ver anexo VIII: Grelha de Observação em Aula. A Grelha de Observação apresenta-se sem nome de alunos, uma vez que foi utilizada em todas as turmas onde foi desenvolvida a Prática de Ensino Supervisionada, nas duas áreas disciplinares.

decorreu a 31 de Outubro de 2011), mas também porque apresenta os objetivos que estiveram na origem da constituição do MNA, e quais as suas metas atuais.

O desenvolvimento da atividade passou por quatro fases: visualização do vídeo<sup>10</sup>; distribuição de um Guião de Exploração/Ficha de Acompanhamento<sup>11</sup>, para auxiliar e complementar a exploração do vídeo, e leitura das questões do mesmo; nova exibição do vídeo, para que os alunos estivessem atentos às informações concretas que iriam precisar para resolver o Guião de Exploração/Ficha de Acompanhamento distribuído; e resolução e correção do mesmo. A aplicação de um recurso com a dupla função de guião de exploração e de ficha de acompanhamento justifica-se pela atualidade do tema, que permitiu a utilização de documentos não apresentados no manual para clarificar a função e importância do MNA no mundo de hoje.

A participação dos alunos foi muito positiva, uma vez que se identificaram com os países que constituíram/constituem o MNA e perceberam muito bem os objetivos que estiveram na sua origem, sendo, no entanto, novidade, a atualidade do movimento e as suas atuais pretensões. Quanto à Disciplina/Indisciplina, a maioria dos alunos revelaram um comportamento exemplar tanto durante a exibição do vídeo, em que reinou o silêncio, como durante a resolução e correção das questões, onde foram participativos, críticos e curiosos, justificando-se, plenamente, algum entusiasmo verificado na defesa de opiniões e ideias.

### **c) Visualização e exploração do filme “*Goodbye Lenin!*”**

O filme “*Goodbye Lenin!*” desenrola-se na Berlim Oriental, nas vésperas da queda do muro que a separava do Ocidente, e retrata a transição de uma sociedade cujos bens e produtos obedeciam a regras impostas pelo regime socialista para uma nova sociedade de consumo, livre, uma sociedade das grandes marcas internacionais. Por estar intimamente relacionado com a questão da partilha do mundo no final da Segunda Guerra Mundial, tema desenvolvido durante a Prática de Ensino Supervisionada no 12º 2+3, foi considerado como um recurso interessante de trabalhar com os alunos mas, numa primeira fase, deixado de lado, uma vez que

---

<sup>10</sup> Disponível em URL: <http://multimedia.telesurtv.net/pt/7/9/2011/48698/movimento-dos-paises-nao-alinhados-faz-50-anos/>.

<sup>11</sup> Ver Anexo IX: Guião de Exploração/Ficha de Acompanhamento do vídeo “*O MNA faz 50 anos*”.

implicaria a ocupação de, pelo menos, duas aulas de noventa minutos, o que condicionava o número de aulas a lecionar pela estagiária. No entanto, perante a pertinência do recurso, e o pedido da orientadora Isabel Alves, optou-se por aumentar o número de aulas a lecionar nesta área disciplinar, e exibir o filme, tendo sido aceite com entusiasmo o desafio de construir um Guião de Exploração para o mesmo.

O Guião de Exploração do filme<sup>12</sup> foi distribuído antes da sua exibição, para que os alunos soubessem a que informações estar mais atentos, tendo sido solicitado, ainda, que fossem resolvendo as questões do guião à medida que o filme se desenvolvia. Uma vez que o filme é alemão, houve receio que os alunos estranhassem e resistissem à sua visualização, mas tal comportamento não se verificou. Houve sempre silêncio durante a exibição do mesmo e, no final de cada aula, contrariedade em ter que a interromper até à aula seguinte. A utilização deste recurso revelou, assim, ter sido uma boa opção, tanto pelo comportamento e motivação dos alunos, como pelas respostas às questões do guião, que demonstraram a atenção dada ao filme e o domínio de conteúdos trabalhados nas aulas. No entanto, e relativamente às últimas questões do guião, só alguns alunos conseguiram explicar, claramente, a atualidade da questão da divisão da Alemanha, revelando a heterogeneidade de ritmos de aprendizagem existente, resultado das características da turma já referidas.

#### **d) Visita ao futuro: uma aula na Faculdade**

O grande objetivo da atividade *Visita ao futuro: uma aula na Faculdade*, proposta no início do ano letivo, conforme já referido, para integrar o Plano Anual de Atividades do Departamento de História e Geografia, foi proporcionar aos alunos uma experiência diferente ao nível do enriquecimento curricular, uma vez que ficou estabelecido, no grupo disciplinar de Geografia, não realizar visitas de estudo devido à situação económica dos alunos desta escola. No entanto, por ter sido realizada no ano terminal do Ensino Secundário, revestiu-se de maior pertinência, uma vez que permitiu aos alunos contactar e conhecer a realidade do Ensino Superior, relacionar os conteúdos que trabalharam no Ensino Secundário, concretamente o tema da Agricultura, com conteúdos que poderão trabalhar no Ensino Superior e, eventualmente, esclarecer dúvidas relativas a futuras opções profissionais.

---

<sup>12</sup> Ver Anexo X: Guião de Exploração do filme *Goodbye Lenin*.

Por razões óbvias, esta visita foi planeada para ocorrer na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, onde foi solicitada a colaboração da professora Ana Firmino, concretamente na preparação de um seminário sobre Agricultura Sustentável, uma vez que estagiários e professora orientadora estavam de acordo em considerar este tema extremamente atual e interessante para os alunos. A professora Ana Firmino aceitou prontamente o convite e o seminário ficou marcado para as dez horas do dia doze de Abril, já durante o período da Prática de Ensino Supervisionada de História.

A deslocação da escola para a faculdade foi uma das questões mais sensíveis desta atividade, uma vez que, apesar de acompanhada pelos três professores (os dois estagiários e a professora orientadora) se realizaria de comboio, o que implicaria uma caminhada a pé até à estação de comboio da Amadora. Ainda mais quando alguns alunos iriam diretamente para a faculdade, o que, apesar das devidas e exigidas assinaturas das autorizações por parte dos encarregados de educação, ou dos alunos se maiores de idade, poderia dar azo a algum descontrolo na chegada e no início do seminário. Apesar de alguns atrasos de última hora, a deslocação, tanto a pé como de comboio, ocorreu sem incidentes e o seminário começou à hora marcada.

Durante a apresentação da professora Ana Firmino, os alunos teriam que estar atentos a alguns conceitos que iam sendo referidos, para dar resposta às tarefas do Guião da Visita de Estudo<sup>13</sup>, distribuído no início do seminário. Conceitos como «sustentabilidade», «proteção integrada» e «agricultura biológica» foram trabalhados de forma muito esclarecedora e criativa o que permitiu não só a alunos, mas também aos professores acompanhantes, olhar para esta temática com outros olhos. Como a professora Ana Firmino referiu, o período de crise que o país e o mundo atravessam, pode ser visto como uma oportunidade de regresso à agricultura, à produção dos bens de consumo essenciais, desenvolvendo a preocupação individual com o planeta.

Tanto a participação e curiosidade dos alunos, como a forma entusiasta como foi desenvolvida a apresentação, permitiram a criação de um ambiente descontraído de troca de experiências e opiniões que muito contribuiu para o sucesso da atividade. Apesar, de alguns percalços com bilhetes de comboio, no regresso à escola, poder-se-á

---

<sup>13</sup> Ver Anexo XI: Guião da Visita de Estudo *“Visita ao futuro: uma aula na Faculdade”*.

considerar que a turma teve um comportamento satisfatório, respeitando colegas e professores, cumpriu as tarefas que lhe foram propostas e demonstrou interesse no tema tratado. A recolha dos guiões dos alunos permitiu perceber que a maioria gostou do tema e da iniciativa, confirmando os comentários espontâneos emitidos no final da atividade, tendo apontado apenas como menos positivo os problemas técnicos com o videoprojector, alheios à vontade da professora Ana Firmino.

### **III.3 – A Prática de Ensino Supervisionada na turma 10º 6**

A turma 10º 6 era uma turma do Curso Profissional de Turismo. A filosofia do ensino da Geografia nos Cursos Profissionais é completamente diferente da do Ensino Regular, uma vez que o que se procura é, para além da educação para a cidadania, e da compreensão das interações dos elementos naturais com o espaço social, promover o conhecimento sólido do território português através da investigação *“que contemple a inventariação dos recursos, a identificação de problemas e a reflexão/discussão sobre soluções fundamentadas, considerando, ainda, a potenciação dos recursos a utilizar”* (Direção-Geral da Formação Vocacional, 2007: 3).

No contexto específico do Turismo, deve-se procurar que o aluno identifique os principais problemas e potencialidades do país, como um todo, e de cada região, em particular, sempre numa perspetiva de contribuir para o desenvolvimento económico do país e valorização dos seus recursos. Foi com esse objetivo em mente, e seguindo a mesma linha de atuação da professora orientadora, que foram delineadas e concretizadas as estratégias educativas nesta turma, com o grande desafio de facultar aos alunos materiais e recursos que pudessem sistematizar os conteúdos trabalhados, uma vez que não existe manual de apoio nem para professores nem para alunos, e, ao mesmo tempo, propiciar a realização de atividades estimulantes e diversificadas numa turma que revelou, logo desde início, grandes dificuldades de aprendizagem.

#### **3.1 – Caracterização da turma 10º 6**

Na turma do 10º 6, do Curso Profissional de Turismo, devido ao facto da disciplina de Geografia ser estruturada em módulos, o número de alunos foi sempre inconstante. No entanto, o núcleo de alunos que se manteve do início ao final do ano letivo era constituído por dezasseis elementos, dez raparigas e seis rapazes. A

aplicação dos questionários, por ter decorrido já no mês de Junho, e pela fraca assiduidade de alguns elementos da turma, verificada ao longo do ano letivo, não contemplou todos os alunos, tendo sido recolhidos e analisados somente 13 questionários, cinco de elementos do género masculino e oito de elementos do género feminino<sup>14</sup>. A média de idades destes alunos é de dezoito anos, a grande maioria é já de nacionalidade portuguesa, apesar de 18% ser natural dos PALOP, e mora na freguesia de Queluz, concelho de Sintra. O agregado familiar de 77% destes alunos é constituído por três ou mais elementos, sendo que nenhum desses elementos maiores de idade foi além do 3º Ciclo do Ensino Básico.

A maioria dos alunos da turma 10º 6 ingressou na Escola Secundária de Seomara da Costa Primo devido à proximidade habitacional ou à disponibilização do curso pretendido e o ano letivo de 2011/2012 foi o seu primeiro ou segundo ano nesta escola. No seu percurso escolar, cerca de 73% dos alunos da turma já ficaram retidos, pelo menos, uma vez, maioritariamente nos 7º e 10º anos, e 23% já foi alvo de um processo disciplinar, sendo que o único aluno que apresentou justificação para o sucedido identificou como motivo o uso do telemóvel na sala de aula.

Relativamente ao Regulamento Interno, quase dois terços da turma nunca o leu e os que o leram não indicaram nenhuma ideia de que se lembrassem ver nele contemplada. Estes dados dizem muito quanto ao conhecimento que poderão ter das normas que regem o dia-a-dia da escola e das aulas e das consequências do seu incumprimento. O desconhecimento deverá ser visto não só como uma negligência por parte dos alunos mas também por parte dos professores, que deverão rever o Regulamento Interno no início de cada ano com a turma, até para que os novos elementos o analisem e percebam.

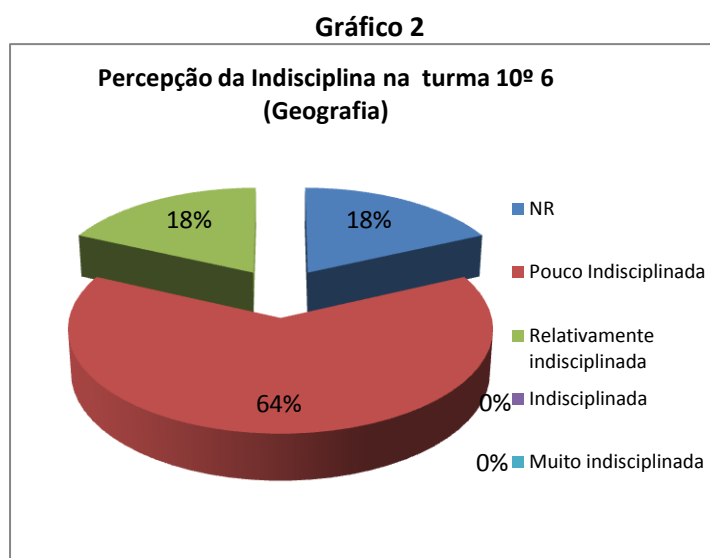
Entre as disciplinas preferidas da turma 10º 6 encontram-se a Geografia e a HCA, identificando-as como as «mais fáceis» ou as «mais interessantes». Já no top das disciplinas de que menos gostam surge, novamente, a HCA, considerada com conteúdos complicados e onde encontram maiores dificuldades. Curiosa a avaliação da disciplina HCA como uma das mais interessantes mas também das mais complicadas.

---

<sup>14</sup> Ver Anexo XII: Gráficos de análise dos dados relativos à turma 10º 6.

Os alunos que apontaram as suas principais qualidades consideraram-se «respeitadores» e «atentos» e indicaram o ser «preguiçoso», «conversador» e «refilão» como os seus principais defeitos.

A observação e lecionação de aulas permitiu perceber que, do ponto de vista



disciplinar, esta turma era, de facto, «refilona» e «preguiçosa», uma vez que todas as atividades propostas mereciam comentários da maioria, que revelavam pouca motivação e disponibilidade para aprender, sem, no entanto, serem agressivos. A apatia era o *satus quo* o que

exigiu um esforço extra dos professores para desenvolver um trabalho satisfatório. Na opinião dos alunos apresentada no Gráfico 2, a turma foi considerada como «pouco indisciplinada».

### **3.2 – Atividades desenvolvidas na Prática de Ensino Supervisionada na turma 10º 6**

Uma vez que a disciplina de Geografia, nos Cursos Profissionais, está organizada por módulos e o estágio nesta área disciplinar decorreu entre Setembro e Fevereiro, o módulo trabalhado na Prática de Ensino Supervisionada foi o B1 – O Quadro Natural de Portugal – o Relevo, concretamente o ponto B1.1 - As características morfológicas de Portugal Continental, no que diz respeito aos contrastes norte/sul, litoral/interior e à distribuição das principais formas de relevo. Perante uma turma que demonstrou, ao longo das aulas lecionadas pela professora Isabel Alves, uma total apatia relativamente aos conteúdos trabalhados e pouco empenho nas tarefas propostas, salvo raras exceções de duas ou três alunas, e uma vez que a Indisciplina nunca foi um dos maiores problemas desta turma, à exceção de alguns episódios isolados, que resultavam, quase sempre, do questionamento da professora relativamente à falta de empenhamento ou de incumprimento das atividades e deveres solicitados, a principal preocupação no tratamento deste ponto B1.1 foi pensar em estratégias que



motivassem os alunos e suscitassem alguma reação e empenho. Nesse sentido, foram desenvolvidas duas metodologias: a exploração, através de um Guião de Exploração/Ficha de Acompanhamento, do vídeo promocional “Portugal, a beleza da simplicidade”, produzido pelo Turismo de Portugal em 2001; e a realização de um trabalho de grupo sobre a caracterização das principais serras de Portugal Continental.

#### **a) Visualização e exploração do vídeo promocional “Portugal, a beleza da simplicidade”**

O vídeo promocional “Portugal, a beleza da simplicidade”, apresenta um Portugal com uma diversidade de paisagens e regiões que o torna um excelente ponto de partida para a introdução dos contrastes na distribuição das principais formas de relevo do país, com a mais-valia de ser um vídeo construído na lógica do Turismo, Curso Profissional que esta turma frequentava. O objetivo que esteve por trás da escolha deste vídeo foi, exatamente, utilizar materiais e recursos referentes a esse curso, não só para despertar o interesse dos alunos, mas também estabelecer a relação entre a Geografia e o Turismo. A exploração do vídeo passaria pela resolução individual de um Guião de Exploração/Ficha de Acompanhamento<sup>15</sup> dividido em duas partes: uma primeira com questões referentes ao conteúdo do vídeo (guião de exploração) e uma segunda com questões referentes à análise de documentos escritos, mapas e imagens que apresentavam Portugal como um território de contrastes (ficha de acompanhamento). A necessidade de construir uma parte com a apresentação e registo dos principais conteúdos relativos ao tema em estudo, deveu-se à inexistência de manual. Pretendia-se que os alunos ficassem com recursos que facilitassem o estudo e a aquisição de conhecimentos.

A aplicação desta metodologia decorreu em dois momentos: um primeiro numa aula de quarenta e cinco minutos, em que se procedeu à visualização do vídeo (uma primeira vez sem quaisquer indicações e uma segunda vez já com objetivos definidos), à distribuição do Guião de Exploração/Ficha de Acompanhamento e à leitura das questões relativas à exploração do vídeo; e um segundo momento num

---

<sup>15</sup> Ver Anexo XIII: Guião de Exploração/Ficha de Acompanhamento do vídeo promocional “Portugal a beleza da simplicidade”.

bloco de noventa minutos, onde se procedeu à resolução e correção da segunda parte do Guião de Exploração/Ficha de Acompanhamento.

Durante o tempo que durou a visualização do vídeo, decorreu um silêncio profundo na sala. Alguns alunos manifestaram que já o tinham visualizado noutra disciplina, mas isso não evitou a expectativa e desconfiança relativamente ao que lhes iria ser sugerido. Após a leitura do Guião de Exploração, instalou-se uma confusão relativa: perante a solicitação de identificação, nas paisagens observadas, de quatro regiões portuguesas, três localidades, três monumentos/locais de interesse, três atividades desportivas/lazer, três formas de relevo, dois rios e dois tipos de turismo, a atitude maioritária foi o costumeiro derrotismo e falta de empenho. Ouviram-se alguns *“não vou conseguir fazer”*, *“isto é muito difícil”* ou *“temos mesmo de fazer?”*, seguidos da realização da atividade, uma vez que não se esperou muito tempo para a segunda visualização do vídeo, para não dar azo a uma confusão maior. Quando se procedeu à correção das questões, surpreendentemente, a maioria dos alunos revelou que estiveram atentos e reconheciam algumas das paisagens visualizadas, mesmo as mais difíceis de identificar. Este facto foi claramente referido em aula, para elogiar a prestação dos alunos, motivá-los e combater a atitude de inércia quase sempre verificada.

No bloco de noventa minutos o que se pretendia com a Ficha de Acompanhamento era utilizar o que foi observado no vídeo promocional, do ponto de vista geográfico, e sistematizar as informações mais importantes a reter, ao mesmo tempo que se solicitava a resolução de pequenos exercícios para consolidar essas informações. Como a atitude de partida destes alunos foi sempre de contrariedade, esta aula não foi exceção. Optou-se, então, por ir resolvendo e corrigindo as questões por grupos de exercícios, numa dinâmica de quase resolução conjunta, para suscitar alguma participação. Os alunos foram mais recetivos a essa estratégia e, mais uma vez, revelaram possuir algum conhecimento geográfico relativamente às diferentes formas de relevo no território português. Não deixaram, no entanto, de dificultar a realização dos exercícios que solicitavam a execução de um esboço de uma paisagem, revelando, mais uma vez: por um lado, a descrença nas suas capacidades e, por outro, o desinteresse instalado. No final da aula, a atividade foi concluída com relativo sucesso,

uma vez que os exercícios foram sendo resolvidos, mas com um esforço extra por parte do professor para combater o permanente estado anímico da turma.

A avaliação desta metodologia baseou-se na observação direta em sala de aula e preenchimento da respetiva grelha de observação e, obviamente, nas respostas às questões formuladas, tendo sido solicitadas as intervenções de todos os alunos, pelo menos, uma vez.

#### **b) Trabalho de Grupo: as principais Serras de Portugal Continental**

Uma segunda metodologia utilizada foi o trabalho de grupo, já usada pela professora Isabel Alves, com relativo sucesso. Desta vez, os alunos tinham como objetivos a atingir: localizar as principais serras de Portugal Continental e caracterizá-las do ponto de vista geográfico, reconhecer a atividade turística como um importante recurso económico do país e utilizar, corretamente, as tecnologias de informação e comunicação para pesquisar a informação necessária e preparar uma apresentação em *PowerPoint* para expor à turma. A planificação inicial para esta atividade previa a utilização de uma aula de quarenta e cinco minutos e um bloco de noventa minutos, para pesquisa e elaboração da apresentação em *PowerPoint*, e respetiva exposição à turma, mas esta planificação não se cumpriu.

Na aula de quarenta e cinco minutos procedeu-se à distribuição e exploração do Guião do Trabalho de Grupo<sup>16</sup>, onde se pedia aos alunos que elaborassem um Bilhete de Identidade das serras identificadas. A formação dos grupos já estava definida no guião, para evitar perdas de tempo com alunos que raramente tomavam a iniciativa. A aceitação dos grupos formados foi pacífica, das tarefas a realizar nem tanto.

No Bilhete de Identidade da serra ou alinhamento de serras a pesquisar, os alunos teriam que incluir: um mapa da sua localização, a sua orientação, altitude e comprimento, a sua origem geológica, a sua constituição litológica, uma mais-valia turística que ela poderia representar para a região onde se encontra inserida, e a criação de um *slogan* publicitário sobre a região, que pudesse ser o mote de uma campanha turística. Mais uma vez, houve a preocupação de preparar uma atividade

---

<sup>16</sup> Ver Anexo XIV: Guião do Trabalho de Grupo sobre as principais Serras de Portugal Continental.

que, não só, versasse os conteúdos da disciplina mas, também, que fosse motivadora e interessante para alunos do curso de Turismo.

Prevendo as dificuldades que poderiam surgir no campo «origem geológica», procedeu-se a uma explicação simples do que se pretendia: o período geológico em que se deu o nascimento da serra. Mesmo facultando sítios de internet, onde poderiam encontrar algumas informações necessárias para a realização do trabalho, o desenvolvimento desta atividade foi moroso e ficou incompleto. Os alunos não se empenharam na pesquisa das informações solicitadas, perderam muito tempo na definição do *layout* do *PowerPoint* a utilizar, e revelaram dificuldades na perceção do que se pretendia com o campo «origem geológica», como previsto. Mesmo tendo sido aconselhados a não perderem muito tempo com essa informação, caso fosse a única que faltasse, a verdade é que o empenho dos alunos na atividade foi muito pouco, resultando na utilização de todo o tempo previsto para esta metodologia, na necessidade de terminar o trabalho em casa e na falta de tempo para as exposições orais. Dos sete trabalhos entregues, na aula seguinte à prevista para a entrega, três não estavam concluídos, apresentando, inclusive, frases por acabar, e nenhum dos outros quatro apresentava todos os campos solicitados.

A avaliação desta metodologia, para além de incluir a apresentação em *PowerPoint* elaborada pelos grupos, incluía, também, a observação direta em sala de aula com o preenchimento da respetiva grelha. Apesar do comportamento em aula ter sido sempre razoável durante o trabalho de grupo, foram reveladas dificuldades no domínio do empenho e iniciativa e no domínio da cooperação com os colegas. Perante um trabalho onde poderiam, facilmente, alcançar resultados positivos, os alunos pouco saíram da apatia que os caracterizava. E quando questionados sobre que dificuldades tinham encontrado para não terem conseguido atingir os objetivos pretendidos, a atitude foi idêntica.

Se recuperarmos aqui um dos principais defeitos apontados por estes alunos a si próprios – preguiçoso – talvez possamos perceber, em parte, a atitude da turma. Existirão, com certeza, outras razões que a justifiquem, e seria muitíssimo importante conhecê-las, mas essa investigação está fora do âmbito deste trabalho. De qualquer forma, é sempre frustrante para um professor, embora desafiante, encontrar, em sala

de aula, uma turma em que quase todos os alunos mantêm uma postura passiva ao longo de todo o ano.

### **c) *Geocaching* na Amadora**

A atividade de *Geocaching* foi proposta pelos estagiários para integrar o Plano de Atividades do Departamento de História e Geografia, tal como já referido acima. Das três turmas onde decorreu a observação de aulas de Geografia (10º 3, 10º 6, 12º 2+3), a turma do 10º 6 era a que reunia as melhores condições para participar nesta atividade, devido às particularidades do curso e dos conteúdos trabalhados. O desafio lançado aos alunos consistia em descobrir as cinco *geocaches* colocadas nos arredores da escola, através de *Geocaching*: atividade de ar livre na qual se utiliza um recetor de navegação por satélite (Sistema de Posicionamento Global - GPS) e a preparação desta atividade foi encarada com alguma expectativa e apreensão, uma vez que iria decorrer dentro e fora da escola, não tanto pela questão da Indisciplina, que quase não se colocava, mas pela motivação dos alunos para participar, tendo em conta a experiência já tida em sala de aula.

Os objetivos da atividade eram simples: desenvolver a capacidade de orientação, através do uso de coordenadas geográficas; observar, *in loco*, características geográficas do espaço onde se movimentavam todos os dias; conhecer o património cultural da Amadora; participar em atividade de grupo respeitando as normas e critérios de atuação e demonstrar autonomia e confiança em si próprio. Para os alcançar, foi construído um Guião do Aluno<sup>17</sup> com uma pequena explicação do que é a atividade de *Geocaching*, qual o desafio que lhes era proposto e como lhe deveriam dar resposta, com indicação das coordenadas geográficas onde se encontrava escondida cada *cache*, e uma pequena pista para ajudar na localização. As pistas foram pensadas com algum cuidado, e apresentavam referência a alguns conteúdos trabalhados em aula, mencionados de forma criativa, para suscitar a curiosidade e criatividade dos alunos, ao mesmo tempo que se avaliava a aquisição de conhecimentos. Este esforço por parte dos professores foi recebido com agrado e empenho.

---

<sup>17</sup> Ver Anexo XV: Guião do Aluno da atividade *Geocaching* na Amadora – 10º 6.

Com a atividade planificada para acontecer num bloco de noventa minutos, não havia tempo a perder. Encontrámo-nos todos na sala de aula, onde foi distribuído o Guião do Aluno com percursos diferentes aos três grupos, para não se cruzarem na localização da mesma *geocache*. Mais uma vez, os grupos foram definidos *à priori* pelos professores para que fossem equilibrados em relação à participação, iniciativa e empenho. Depois de verificado se todos os grupos possuíam, pelo menos, um dispositivo eletrónico com GPS, demos início à atividade. O grupo A foi acompanhado pelo estagiário Carlos Alegre e saiu em primeiro lugar; cinco minutos depois saiu o grupo B, acompanhado pela professora Isabel Alves; e o último grupo a sair da sala foi o grupo C, com a estagiária Sílvia de Sousa, cinco minutos depois do grupo B.

Desconfiados de início, os alunos foram-se animando à medida que a atividade decorria e tentaram cumprir, à risca todos os procedimentos que lhes eram exigidos. A atividade aconteceu sem incidentes, os alunos demonstraram grande empenho e cooperação com os colegas e manifestaram-se muito satisfeitos com a atividade. Para o grupo vencedor, ou seja, o grupo que cumprisse todas as diretrizes dadas, os estagiários tinham planeado distribuir uma pequena recompensa (chocolates), mas acabaram por fazê-lo a todos os alunos da turma, para premiar o comportamento e entusiasmo da maioria dos alunos. Na sua autoavaliação a opinião dos alunos também foi muito positiva: todos afirmaram ter realizado as atividades propostas, demonstrado autonomia, e relacionado bem com os professores e colegas, e a maioria confirmou ter tido um comportamento adequado, tendo as suas atitudes contribuído para o sucesso da atividade. Quanto à apreciação da atividade, todos certificaram que gostaram de a desenvolver, aprenderam e enriqueceram as suas aprendizagens geográficas, e referem como tendo gostado mais do caminho, enigmas e locais onde estavam colocadas as *geocaches*, do convívio com os professores e da competitividade entre os grupos. Entre o que menos gostaram referiram que andaram demais, que o tempo de espera entre os grupos foi pequeno, o que fez com que dois grupos se encontrassem num mesmo local, e que demoraram muito tempo a encontrar algumas *geocaches*. Os professores responsáveis, após uma reflexão conjunta, concordaram com a avaliação dos alunos, sendo, apenas, de lamentar o desaparecimento de uma *geocache*, o que dificultou a tarefa do grupo B, que viria a ficar em terceiro lugar. No

geral, a avaliação da atividade foi muito positiva e os alunos demonstraram vontade de a repetir, o que foi recebido com agrado por parte dos estagiários, que se sentiram recompensados com o esforço desenvolvido para os motivar.

## **Capítulo IV – Aprender a ensinar História**

### **IV.1 – Objetivos do Ensino da História**

*“Conseguir criar nos alunos o gosto pela História e ser capaz de o fazer adequadamente nos diferentes estádios do seu desenvolvimento, é esse o desafio que se põe aos professores”,* afirmava Maria do Céu Roldão há vinte e cinco anos atrás (Roldão, 1987: 45). Hoje, como então, o desafio é o mesmo. O professor de História de hoje tem uma missão dupla: ensinar com rigor científico, adequando os conteúdos de ensino aos objetivos programáticos, mas também criar e/ou desenvolver o gosto pela disciplina, adequando os mesmos conteúdos às necessidades e possibilidades dos alunos. O gosto pela História não é mais importante do que o gosto por qualquer outra disciplina. No entanto, na disciplina de História implica, não só, uma maior propensão para uma boa aprendizagem e uma menor disposição para comportamentos de Indisciplina, mas também o entendimento de si próprio como pessoa, a compreensão da sociedade onde se insere através da evolução temporal, o desenvolvimento de uma atitude crítica, curiosa e interessada face ao mundo que o rodeia, enfim, implica o *“prazer de viver compreendendo”*. (Roldão, 1987:41). Marc Bloch afirmava que *“A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos por compreender o passado, se nada sabemos do presente”* (Bloch, 1993: 42). É neste diálogo entre presente e passado que o ensino da História se deve centrar. Os objetivos últimos da História não mudaram: conhecer o passado para compreender o presente e intervir no futuro. E, pelo meio, *“entusiasmar-se com o estudo vivo de um passado recheado de ação, dramatismo, gente como nós, que riu e chorou, lutou e deixou alguma coisa para além da sua morte”* (Roldão, 1987: 21). Foi nesta linha que foi desenvolvida a Prática de Ensino Supervisionada: procurando personalizar a História e levar o aluno a desenvolver um olhar crítico sobre os factos, os acontecimentos e as pessoas, com conhecimento de causa, porque a História se tornou sua.

## **IV.2 – A Prática de Ensino Supervisionada na turma 9º 3**

A Prática de Ensino Supervisionada na disciplina de História decorreu entre o mês de Fevereiro e o mês de Junho começando, à semelhança do que tinha acontecido com a disciplina de Geografia, com a assistência às aulas da professora orientadora Filomena Cardoso nas turmas 8º 1, 9º 2 e 9º 3. Mediante acordo com a orientadora, as aulas lecionadas decorreram nas turmas 9º 3 e 8º 1.

Como o tema selecionado para trabalhar com o 9º ano foi o subtema *Regimes Ditatoriais na Europa*, e dada a planificação anual definida pelas professoras deste nível, só foi possível assistir a uma aula da orientadora com a turma 9º 3 antes de começar a trabalhar com os alunos. Por isso, o conhecimento da turma, proveniente da prévia observação de aulas, foi muito reduzido e foi-se desenvolvendo à medida que decorriam as aulas lecionadas. Assim, as opções metodológicas foram sendo adaptadas à turma, conforme o conhecimento dos alunos se aprofundava.

### **2.1 – Caracterização da turma 9º 3**

A turma 9º 3 era constituída por vinte e cinco alunos e responderam ao questionário aplicado dezanove alunos, onze rapazes e oito raparigas, com uma média de idades de dezassete anos, a maioria oriunda da freguesia de Queluz<sup>18</sup>. Destes dezanove alunos, mais de metade (53%) são naturais dos PALOP, sendo que 37% ainda possui a sua nacionalidade de nascença. No entanto, só 16% está na Escola Secundária Seomara da Costa Primo há apenas um ano, o que significa que a adaptação à Língua Portuguesa não será uma preocupação primordial a ter em conta.

O agregado familiar da maioria dos alunos desta turma é constituído por mais de três elementos e as habilitações literárias desses elementos maiores de idade concentram-se no terceiro ciclo e secundário, sendo, no entanto, de salientar a percentagem de “Não Resposta” verificada: 34% dos alunos não indicaram as habilitações literárias do seu agregado familiar, tal como praticamente metade não indicou o motivo da ingressão nesta escola. Dos que indicaram, a maioria veio estudar para este estabelecimento de ensino devido à proximidade de residência.

---

<sup>18</sup> Ver Anexo XVI: Gráficos de análise dos dados relativos à turma 9º 3.

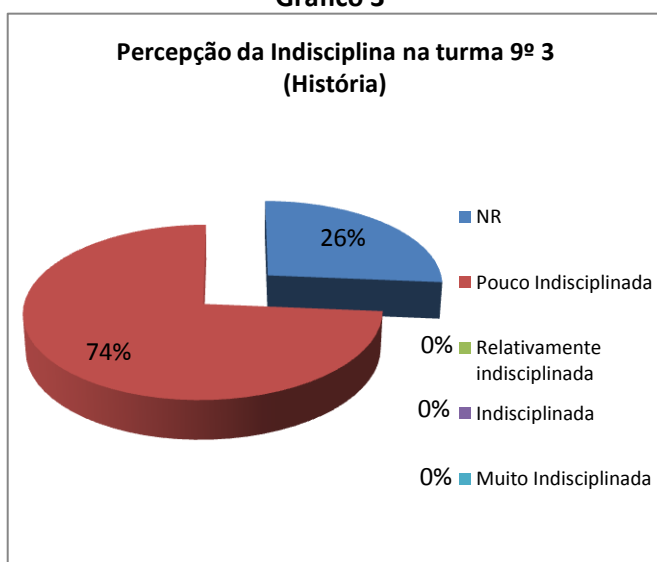


Das turmas com que se trabalhou neste estágio, esta foi a que apresentou maior percentagem de alunos que já ficaram retidos, pelo menos, uma vez: 79% dos inquiridos foram retidos, sobretudo, no 7º e 8º ano. Se considerarmos a percentagem dos que já passaram por um processo disciplinar (23%), também maioritariamente nesses anos, poderemos encontrar a resposta para algumas dessas retenções. Os motivos apresentados foram, sobretudo, «mau comportamento», «má postura» e «agressão física» e, tendo em conta que, mais uma vez se verifica que a grande maioria dos alunos nunca leu o Regulamento Interno, adivinha-se, aqui, a necessidade de trabalhar sobre as normas e regras de conduta interna com todos os alunos da escola.

Em relação às três disciplinas preferidas ou preteridas, As três disciplinas mais votadas para serem as preferidas da turma foram Educação Física, Língua Portuguesa e Educação Visual e as que menos atraíam o gosto dos alunos foram Matemática, Ciências Naturais e Inglês. Verifica-se que nem a História, nem a Geografia foram das mais referidas.

A grande maioria dos inquiridos não indicou quais as suas principais qualidades ou defeitos, o que poderá ser interpretado como uma falta de conhecimento de si próprio ou de se avaliar a si mesmo. De qualquer forma, os que responderam a estas questões consideram que as suas principais qualidades são serem «respeitadores» e «autónomos». No entanto, não gostam de estudar e não são pontuais.

**Gráfico 3**



Analizando o Gráfico 3, podemos dizer que a turma se considera pouco indisciplinada na disciplina de História. Porém, e tendo por ponto de partida as aulas lecionadas e as observadas, a turma apresentou problemas de pontualidade, para além da procura por parte de alguns alunos em sobressair nas aulas

através de comentários jocosos, às vezes despropositados, para provocar o riso fácil,

ou pela contestação a uma ou outra ideia veiculada ou a um ou outro exercício. No entanto, em todas as situações verificadas esses comportamentos foram facilmente contornados e, muitas vezes, aproveitados para voltar ao normal decorrer da aula. Teremos, todavia, que considerar as sessenta e uma participações/comunicações disciplinares que esta turma teve ao longo de todo o ano letivo<sup>19</sup> no total das disciplinas para a caracterizar como uma turma com alguns problemas disciplinares, que variam de frequência e gravidade conforme a área disciplinar em que ocorrem. Os problemas apontados passam por atrasos, intervenções inoportunas, não cumprimento de tarefas e respostas insolentes.

## **2.2 – Atividades desenvolvidas na Prática de Ensino Supervisionada na turma 9º 3**

Para desenvolver o subtema *Regimes Ditatoriais na Europa*, e para cumprir a planificação a médio prazo apresentada<sup>20</sup>, dispunha apenas de cinco aulas de noventa minutos, sendo que quarenta e cinco minutos seriam destinados a um exercício de avaliação escrita. Como tal, os planos de aula<sup>21</sup> e os guiões do professor<sup>22</sup> propostos foram construídos de forma criteriosa e minuciosa, com o máximo de informação possível, resultado da reflexão sobre o que era essencial trabalhar com os alunos, para que a aula seguisse o caminho traçado e não houvesse muitos desvios por parte da estagiária, que colocassem em causa a planificação para o tema. Mesmo assim, a Prática de Ensino Supervisionada nesta turma acabou por ocupar seis blocos de noventa minutos.

*“Não são os métodos em si que são ativos ou passivos, mas o uso que o professor é capaz de fazer deles, consoante os diferentes objetivos que pretende”*(Roldão, 1987: 19). Estamos totalmente de acordo. Uma vez que a preocupação central foi sempre a de que os conteúdos ficassem bem consolidados, optou-se por desenvolver a maioria das aulas com o recurso a uma apresentação em *PowerPoint* com um máximo de seis diapositivos, onde se expunha o essencial da informação a reter, que serviria de base para o desenvolvimento da aula e para a

---

<sup>19</sup> Participações/comunicações registadas no software informático utilizado pela instituição, facultadas pela professora/orientadora Filomena Cardoso.

<sup>20</sup> Ver Anexo XVII: Planificação de Unidade - *Regimes Ditatoriais na Europa*.

<sup>21</sup> Ver Anexo XVIII: Plano de Aula da primeira aula lecionada à turma 9º 3.

<sup>22</sup> Ver Anexo XIX: Guião do Professor da primeira aula lecionada à turma 9º 3.

introdução de todos os outros recursos utilizados. No final da aula, era distribuído o Guião do Aluno<sup>23</sup>, para que os alunos tivessem o registo dos assuntos tratados em aula, sempre com exercícios complementares a resolver. Esta opção metodológica de fazer a distribuição do Guião do Aluno somente no final, pretendia garantir a atenção dos alunos aquando da recorrência ao método expositivo-interrogativo, dispensando a necessidade de registo no caderno diário. Para completar o trabalho desenvolvido em aula, solicitou-se sempre a realização de um trabalho de casa que consistia na resposta a algumas questões-problema apresentadas nas páginas do manual que remetiam para os conteúdos trabalhados nessa aula. Assim se procurava garantir que os conteúdos fossem bem trabalhados, dentro da estrita planificação realizada.

Para registar a realização e avaliação dos trabalhos de casa, bem como as faltas de material, sobretudo o manual, quase sempre utilizado para a análise de documentos, e as faltas de atraso, alertada que estava para a questão dos atrasos dos alunos a entrar na aula, foi construída uma outra grelha de registo<sup>24</sup> para completar a já apresentada no anexo VIII. Desta forma, pretendia-se que os alunos se responsabilizassem pela sua contribuição no bom decorrer das aulas, à semelhança do que a professora Filomena Cardoso já praticava.

Com o tempo contabilizado, e extensos conteúdos para trabalhar, poder-se-ão levantar as seguintes questões: terá havido espaço para o imprevisto na sala de aula? E para a participação dos alunos? Esta planificação rigorosa não abriu espaço a comportamentos de Indisciplina, fruto da incapacidade de alguns alunos de acompanharem o ritmo da aula? Era um risco que se corria, sim, mas um risco calculado. O recurso intensivo ao método expositivo-interrogativo, mais interrogativo que expositivo, exigia do aluno uma atenção constante e um raciocínio ativo que o levasse a relacionar as informações veiculadas quer pela estagiária, quer pela apresentação em *PowerPoint*, para poder responder às solicitações feitas em aula, sendo a participação solicitada tanto através de perguntas abertas como dirigidas, o que garantia o controlo permanente do acompanhamento da aula feito pelos alunos. Por outro lado, houve sempre a preocupação constante de “contar” a História, levando

---

<sup>23</sup> Ver Anexo XX: Guião do Aluno da primeira aula lecionada à turma 9º 3.

<sup>24</sup> Ver Anexo XXI: Grelha de Registo de Atrasos, Material e TPC.

os alunos, em cada momento, a vestirem o papel de sujeitos, críticos ou espetadores. E em momento algum, deliberadamente, alguma questão de um aluno ficou por responder.

Claro que nem todos os alunos acompanharam o ritmo. Nem todos os alunos se sentiram motivados, empenhados, e participaram da mesma forma. Muitos participavam somente perante solicitação. Alguns nem assim. Mas a todos se tentou dar as mesmas hipóteses de intervenção na aula, as mesmas hipóteses de compreensão dos conteúdos e as mesmas hipóteses de avaliação. E, há medida que se foi conhecendo a turma, perante as condicionantes já apresentadas, as opções metodológicas tomadas revelaram ser a melhor opção.

Para trabalhar as informações telegraficamente expostas nas apresentações em *PowerPoint*, foram desenvolvidas algumas atividades com os alunos das quais se destacam as apresentadas de seguida, pela sua diversidade e pela adesão recolhida.

**a) Visualização e exploração de um excerto de um vídeo com discursos de Benito Mussolini**

No decorrer da segunda aula lecionada, em que se trabalhavam os regimes fascista e nazi, e para que os alunos percebessem melhor o impacto que a postura e o discurso do *Duce* tinha sobre a população italiana, ouvindo da sua boca as suas intenções, foi exibido um excerto de um vídeo com discursos de Mussolini<sup>25</sup> que visavam, sobretudo, o culto do chefe e a exaltação do nacionalismo italiano. A metodologia seguida foi idêntica à seguida nas aulas lecionadas de Geografia: ver o vídeo uma primeira vez, distribuir o Guião de Exploração<sup>26</sup> do vídeo, ler as perguntas em voz alta para que saibam ao que devem estar atentos, voltar a passar o vídeo uma segunda vez e, no final, solicitar a resolução do guião a pares.

Durante a visualização do vídeo, os alunos foram demonstrando o seu espanto perante as afirmações do *Duce*. Houve risos, exclamações de surpresa e incredulidade. No final, houve quem perguntasse “*Oh, professora, as pessoas acreditavam nisto?*” Foi-lhes explicado que sim, que acreditavam. Era o poder de um homem a responder à

---

<sup>25</sup> Foi exibido o vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=L0-69zyoquo&feature=related> até aos 4 minutos e 44 segundos.

<sup>26</sup> Ver Anexo XXII: Guião de Exploração do vídeo com discursos de Benito Mussolini.

necessidade de um povo. Ouviu-se outro aluno em resposta *“Se surgisse alguém agora a dizer que nos conseguia tirar da crise e mostrasse serviço tu, se calhar, também acreditavas e fazias o que ele dizia”*. Um outro completou *“Foi o que Salazar fez”*. E pronto. O objetivo de visualização do vídeo estava alcançado: levar os alunos a viver os acontecimentos, a compreendê-los com o olhar crítico de quem pensa sobre eles.

A correção do guião de exploração foi feita de imediato e a maioria dos pares de alunos revelaram que estiveram atentos às informações do vídeo, mostrando-se participativos e empenhados. As perguntas foram feitas de forma dirigida e algumas respostas surpreenderam pela capacidade de análise crítica.

#### **b) Exploração de dois esquemas-síntese sobre a Revolução Soviética e a Era Estalinista**

Na quarta aula lecionada à turma 9º 3, e devido a indicações programáticas que aconselham uma análise muito resumida e sistematizada destes conteúdos, procedeu-se à exploração de dois esquemas-síntese<sup>27</sup> relativos à história da Rússia: um primeiro sobre a Revolução Soviética em que se apresentaram os antecedentes da revolução e as características do império russo; as duas revoluções, os seus protagonistas e as medidas tomadas; a contrarrevolução e o comunismo de guerra; a Nova Política Económica e a constituição da URSS. Um segundo sobre a era estalinista na URSS, onde se esquematizou a chegada ao poder de Estaline, as características do seu governo e as medidas económicas que ele implementou. A opção de só neste momento falar sobre a Revolução Soviética foi metodológica, no sentido de apresentar uma lógica de acontecimentos sequencial que justificasse a implementação de um regime ditatorial na União Soviética.

Os esquemas-síntese foram distribuídos no início da aula e projetados para que os alunos acompanhassem a animação preparada no documento, de forma a criar dinamismo na evolução dos factos tratados. Procurou-se, sobretudo, explorar a dimensão social dos acontecimentos para despertar a sensibilidade dos alunos e conquistar a sua adesão aos conteúdos, que ameaçava ser diminuta a avaliar pelas reações iniciais. Para complementar os esquemas apresentados, foram analisados

---

<sup>27</sup> Ver anexo XXIII: Esquemas-Síntese sobre a Revolução Soviética e a Era Estalinista.

alguns documentos do manual que se referiam, sobretudo, à miséria do povo russo durante o império e após a participação na guerra e, depois, às difíceis condições de vida dos camponeses durante o governo estalinista.

A reação dos alunos a este método de apresentação de conteúdos foi positiva, apesar de se terem revelado mais inquietos que o normal e pouco participativos, não tanto devido à metodologia em si, mas mais devido ao interesse suscitado. De referir, no entanto, que houve uma identificação maior sempre que se abordava a já referida dimensão social, expressa nas respostas dadas às questões da rubrica “Com os Documentos Aprendes” das páginas 107 e 109 do manual. Ficou, ainda assim, por perceber se o facto de se optar por um esquema-síntese para tratar determinados conteúdos não levará os alunos a interpretá-lo como uma indicação de que serão conteúdos de menor importância, aos quais não precisarão dar tanta atenção.

### **c) Construção de um Esquema Conceptual sobre os Regimes Ditatoriais**

O que se pretendia com esta metodologia, desenvolvida nos primeiros quarenta e cinco minutos da última aula lecionada nesta turma, era que os alunos construíssem, com o colega do lado, um esquema conceptual relacionado com o subtema tratado ao longo das aulas lecionadas pela estagiária. Para isso, foi distribuído o guião da atividade<sup>28</sup> que apresentava, não só, os conceitos a utilizar no esquema, mas também todas as tarefas a realizar para concluir com sucesso o desafio apresentado. A construção deste esquema era uma forma de rever todos os conteúdos trabalhados nas aulas e esclarecer as dúvidas que surgissem para que, na segunda parte da aula, resolvessem um exercício de avaliação escrita individual.

Para facilitar a iniciação da atividade, foi projetada a primeira palavra do esquema e, à medida que os vários pares iam construindo o seu, iam sendo projetadas as palavras seguintes, não só para que os grupos verificassem se estavam a fazer um bom trabalho, mas também para encaminhar os que apresentavam maiores dificuldades na realização do mesmo. Foi dado um tempo limite de quinze minutos para o desenvolvimento da atividade e, passados pouco mais desses quinze minutos, foram recolhidos os esquemas e apresentada uma proposta de resolução. Mediante os

---

<sup>28</sup> Ver Anexo XXIV: Guião da Atividade – Esquema Conceptual e Folha de Resolução.

resultados recolhidos, poder-se-á dizer que a atividade foi um sucesso, uma vez que quase todos os esquemas dos alunos exibiam uma estrutura idêntica à projetada na aula<sup>29</sup> e não existiram incidentes disciplinares a apontar. Mesmo assim, houve alunos que não conseguiram completar o esquema, quer por falta de tempo, quer por não conseguirem posicionar determinados conceitos, o que foi, desde logo, um indício de como se portariam na resolução do exercício de avaliação escrita, com uma estrutura idêntica ao de um teste intermédio. Esta perceção fez com que se voltasse a apresentar a proposta matriz de resolução do esquema e explicar o seu encadeamento, recorrendo à participação dos alunos para que os conteúdos estivessem bem presentes.

#### **d) Ficha de Autoavaliação do período em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada**

Uma vez que as aulas lecionadas na turma 9º 3 terminaram simultaneamente com o segundo período do ano letivo, foi aplicada aos alunos uma Ficha de Autoavaliação<sup>30</sup> para que analisassem, não só a sua prestação no período em que decorreram aulas mas, também, o funcionamento das mesmas. Apenas vinte e um alunos preencheram a ficha, já que os restantes estavam a participar nas atividades desportivas de final de período. Avaliaram a aprendizagem como satisfatória, apesar de nem sempre estarem atentos ou participativos. No entanto, tiveram um bom comportamento ao longo das aulas, e foram sempre interessados e organizados, para além de terem feito, frequentemente, os trabalhos de casa, considerando a sua avaliação global como satisfatória. Apesar de terem exagerado relativamente à realização dos trabalhos de casa, as aulas lecionadas revelaram, de facto, uma turma quase sempre interessada e bem comportada, muitas vezes participativa e atenta, com alguns alunos organizados e cumpridores, sendo de considerar satisfatórias a sua aprendizagem e a sua avaliação global.

Quanto às competências desenvolvidas, a maioria dos alunos da turma considerou suficiente a sua evolução na redação de textos com informação adequada e linguagem correta; boa a identificação de informações fundamentais a partir de

---

<sup>29</sup> Ver Anexo XXV: Proposta de um esquema conceptual realizado por dois alunos.

<sup>30</sup> Ver Anexo XXVI: Ficha de Autoavaliação da Disciplina de História de 13/02 a 19/03/2012 e respetivos gráficos de análise de dados.

fontes históricas; suficiente a situação cronológica e espacial de acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com os contextos em que ocorreram; boa a organização do seu estudo e bom o seu grau de satisfação pessoal em relação ao trabalho que realizaram. Também a maioria não indicou as principais dificuldades sentidas mas os que indicaram, referiram que tinham dificuldades de concentração nas aulas e faltava-lhes tempo para estudar; apontaram como alterações a introduzir no seu trabalho, a definição de um método de estudo mais ajustado à sua personalidade e a realização de um maior investimento nesta disciplina.

Em relação à avaliação do funcionamento das aulas, a turma do 9º 3 considerou que a «quantidade e qualidade dos materiais facultados pela professora» foi boa, assim como o domínio científico dos conteúdos e a «atuação da professora». O «clima humano, confiança e comunicação estabelecido nas aulas» foi avaliado entre o bom e o muito bom e o grau de satisfação pessoal dos alunos, em relação às aulas, situou-se entre o bom e o suficiente. Como sugestões para melhoria do funcionamento das aulas foram apontados mais trabalhos de grupo na sala de aula, o que faz sentido, tendo em conta as opções metodológicas seguidas, já explanadas acima, e um maior uso de materiais audiovisuais, que só pode ser interpretado como a solicitação de uma maior variedade, uma vez que os meios audiovisuais estiveram presentes em todas as aulas lecionadas.

A avaliar pelos resultados obtidos desta ficha de autoavaliação, a Prática de Ensino Supervisionada nesta turma poderá ser entendida como bem sucedida.

#### **IV.3 – A Prática de Ensino Supervisionada na turma 8º 1**

Na turma do 8º 1 foi onde consegui melhor a *“aproximação à História pela via da identificação ou da rejeição, da proximidade simbólica com outros homens e outras vidas”* (Roldão, 1987: 19), fator que contribuiu para a adesão dos alunos às aulas lecionadas. Mais uma vez, a planificação do tema escolhido<sup>31</sup>, *As Revoluções Liberais*, obrigou a um exercício de gestão rigorosa do tempo, sendo que foram necessárias sete aulas de noventa minutos para o desenvolvimento de um trabalho consistente e coerente. Por isso, a metodologia utilizada foi muito semelhante à seguida na turma

---

<sup>31</sup> Ver Anexo XXVII: Planificação do subtema - *As Revoluções Liberais*.



do 9º 3, com o recurso a planos de aula e guiões do professor criteriosos e muito completos, a apresentações em *PowerPoint* que serviam de ponto de partida para o trabalho de aula, à distribuição do guião do aluno no final e à solicitação de trabalhos de casa. A preocupação constante com a motivação dos alunos, única garantia do sucesso da metodologia seguida, levou a que se procurasse sempre transformar os alunos em sujeitos dos acontecimentos narrados, apresentando a história das revoluções liberais como uma novela que se desenrolava em vários planos. Também beneficiando do interesse extra que poderia suscitar nos alunos a revolução liberal portuguesa, devido ao fenómeno de identificação, facto é que a maioria dos alunos entusiasmou-se com a queda do Antigo Regime e a busca da liberdade, tornando o trabalho realizado muito mais reconfortante e compensador.

Devido a um maior período de observação de aulas da orientadora, foi possível conhecer melhor os alunos o que também contribuiu para a seleção da melhor abordagem ao tema e para a construção de um clima de aula e de uma relação pedagógica baseada na abertura e na confiança, resultando em aulas enriquecedoras para professores e alunos.

### **3.1 – Caracterização da turma 8º 1**

A turma do 8º 1 foi a que apresentou maior estabilidade no número de alunos, vinte e oito, não se verificando entradas, saídas ou grandes períodos de ausência de nenhum aluno. Foi, também, a turma onde se aplicaram mais questionários: vinte e sete, a catorze rapazes e doze raparigas com uma média de idades que ronda os catorze anos, o que indicia já a existência de retenções. De facto, mais de metade dos alunos já ficaram retidos, pelo menos uma vez, novamente nos 7º e 8º anos.

Estes alunos residem, sobretudo, nas freguesias de Queluz e Venteira<sup>32</sup> e a esmagadora maioria (89%) tem nacionalidade portuguesa, país de onde é natural. Como se verificou nas turmas caracterizadas anteriormente, o agregado familiar destes alunos também é maioritariamente constituído por três ou mais elementos, dos quais os maiores de idade apresentam habilitações académicas ao nível do 3º Ciclo e Ensino Secundário.

---

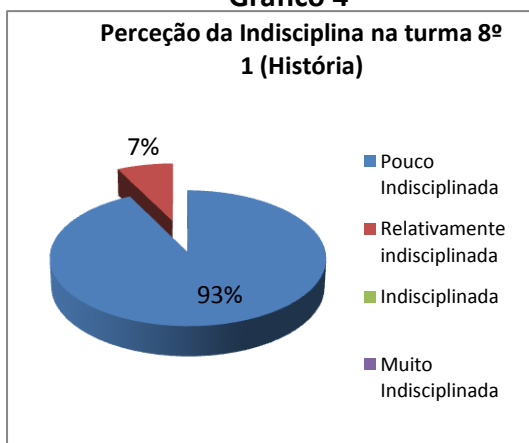
<sup>32</sup> Ver Anexo XXVIII: Gráficos de análise dos dados relativos à turma 8º 1.

Setenta e oito por cento é a percentagem dos alunos inquiridos que está nesta escola há dois anos. O motivo do ingresso neste estabelecimento de ensino deve-se, sobretudo, à proximidade habitacional e ao facto de não haver vagas noutras escolas dos arredores. Novamente, o Regulamento Interno não é conhecido pela maioria dos alunos e os que o conhecem recordam-se apenas que se trata de um documento que apresenta os direitos e deveres dos alunos. Também nesta turma se encontraram alunos que foram alvos de processo disciplinar (7%) devido ao uso do telemóvel e a «mau comportamento».

Nas disciplinas preferidas da turma 8º 1 não se encontram a História e a Geografia, mas também não são referidas no grupo das que menos gostam.

Quando questionados sobre as suas qualidades, a maioria dos alunos da turma considera-se inteligente, cumpridor e assíduo. Relativamente aos defeitos, caracterizam-se como conversadores, preguiçosos e distraídos. A prática do ensino revelou que estes alunos são, de facto, inteligentes (apesar de alguns não terem disso consciência) tentaram ser cumpridores e foram os mais assíduos das quatro turmas com que se trabalhou. Também foram conversadores e, algumas vezes, distraídos, mas não foram os que se revelaram mais preguiçosos.

**Gráfico 4**



Analisando o comportamento disciplinar da turma, não podemos esquecer que se trata de adolescentes com uma média de idades de catorze anos, o que implica encontrar em aula, alunos mais maduros e responsáveis e outros ainda muito infantis. A infantilidade traduziu-se, muitas vezes, em trocas de palavras mais

acesas com outros colegas, como forma de afirmar certezas absolutas, ou, ainda, brincadeiras com material alheio, que não tiveram consequências de maior, apesar de alguns alunos terem revelado no seu discurso alguma propensão para a violência. Houve, inclusive, um incidente à porta da sala entre dois alunos da turma mas, assim que entraram na sala de aula, demonstraram o respeito que tinham pela professora estagiária e acalmaram-se. Em todos os momentos de maior distúrbio, a intervenção e

repreensão da mesma professora bastou para resolver as situações e retomar o percurso da aula. Talvez por isso, e pelo que se observou nas aulas da orientadora, se verifique que a turma é «pouco indisciplinada» (Gráfico 4).

### **3.2 – Atividades desenvolvidas na Prática de Ensino Supervisionada na turma 8º 1**

A prática do ensino na turma 8º 1 não variou muito do trabalho desenvolvido com as outras três turmas no que diz respeito às atividades realizadas e aos recursos utilizados. No entanto, quer pela caracterização do grupo-turma, quer pela particularidade do tema estudado, *As Revoluções Liberais*, apresentam-se, de seguida, aquelas atividades em que existiram algumas variações do executado até então.

#### **a) Resolução de um Esquema-Síntese sobre a Revolução Francesa**

Como já foi referido acima, a solicitação de trabalhos de casa foi uma metodologia bastante utilizada na prática do ensino da História. Na turma 8º 1, e no final da terceira aula lecionada, em que se concluiu o estudo da Revolução Francesa, foi pedido aos alunos que resolvessem, em casa, um crucigrama sobre os principais momentos e personagens da mesma revolução, e que completassem um esquema-síntese que apresentava a evolução dos acontecimentos em França<sup>33</sup>. A resolução deste esquema era importante para perceber se os alunos tinham compreendido bem as várias fases por que passou a Revolução Francesa e ficado a conhecer os seus protagonistas, por isso foi pela sua correção que começámos a aula seguinte.

Dos vinte e sete alunos presentes na aula seguinte, apenas dez entregaram o trabalho de casa, tendo sido o dia em que mais alunos o não fizeram. Poder-se-á pensar que foi por preguiça ou esquecimento mas a verdade é que já se esperavam estes resultados, a avaliar pela confusão que se percebeu existir na cabeça de alguns, aquando da explicação da radicalização da revolução e do governo de Robespierre. Aliás, com a solicitação da resolução do esquema-síntese pretendia-se verificar se os alunos conseguiam sistematizar a revolução e perceber minimamente a evolução dos acontecimentos, de uma forma esquemática mas clara, pois antevia-se já a possibilidade de haver alguma confusão. A correção deste exercício serviu para rever os conteúdos abordados até aí e esclarecer as dúvidas.

---

<sup>33</sup> Ver Anexo XXIX: Guião do Aluno da aula de 30 de Abril de 2012, onde se solicitava como trabalho de casa a resolução do Esquema-Síntese sobre a Revolução Francesa.

## **b) Visualização e exploração do vídeo do primeiro episódio da série de animação brasileira “Dom João no Brasil”**

A série “Dom João no Brasil” é baseada na banda desenhada escrita pela antropóloga brasileira Lília Schwarz, “*D. João Carioca – A Corte portuguesa chega ao Brasil (1808-1821)*”, e conta, através da animação, a história da presença da corte portuguesa no Brasil desde a saída de Portugal (1807) até à saída do Brasil (1821). A opção por esta série de banda desenhada para iniciar o estudo da Revolução Liberal Portuguesa deveu-se, sobretudo, à idade dos alunos e ao ano que frequentam mas, também, ao humor com que os factos são apresentados sem, no entanto, incorrerem em erros históricos.

O episódio exibido, intitulado “*Nos tempos de Bonaparte*”<sup>34</sup>, apresenta a questão do Bloqueio Continental ordenado por Napoleão Bonaparte e as opções que D. João VI tinha enquanto aliado dos ingleses. O objetivo da exibição deste episódio era levar os alunos a perceberem bem o porquê da saída da família real portuguesa para o Brasil e discutir a hipótese de se considerar ou não uma fuga, como foi e é muitas vezes interpretada. Por outro lado, era uma forma de aludir a uma visita de estudo recentemente feita pelos alunos ao Palácio de Queluz, em que se afloraram estes assuntos, uma vez que o dito palácio é referido no episódio. O guião de exploração do vídeo<sup>35</sup> foi construído no sentido de verificar se os alunos percebiam as alternativas de que D. João VI dispunha, e a sua correção revelou que o objetivo foi alcançado, pois os alunos conseguiram problematizar a questão da “fuga” da corte e do rei.

Do ponto de vista disciplinar, esta atividade decorreu sem sobressaltos. Os alunos cumpriram o que lhes foi solicitado, foram participativos e estavam motivados para os conteúdos, não só porque se optou por uma abordagem jovial, como também porque se tratava da História de Portugal, donde a grande maioria é natural.

## **c) Geocaching na Amadora**

À semelhança do que aconteceu com a turma do 10º 6, o desafio lançado aos alunos consistiu em descobrir oito *geocaches* colocadas dentro da escola e nos seus

---

<sup>34</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=zl6PVih7yD8>.

<sup>35</sup> Ver Anexo XXX: Guião de Exploração do 1º episódio da Série “Dom João no Brasil”.

arredores através de *Geocaching*. Com esta turma, a expectativa e apreensão não se devia tanto à motivação dos alunos, que já estavam entusiasmados depois do *feedback* dado pela turma 10º 6, mas à questão da Indisciplina, uma vez que a atividade decorreria fora da sala de aula e, a maior parte do tempo, fora da escola, e esta era uma turma mais irrequieta que a primeira.

O Guião do Aluno<sup>36</sup> distribuído a estes alunos também apresentava uma pequena explicação do que é a atividade de *Geocaching*, qual o desafio que lhes era proposto e como lhe deveriam dar resposta, com indicação das coordenadas geográficas onde se encontrava escondida cada *cache*. As pistas, no entanto, referiam-se agora aos conteúdos históricos tratados em aula, também apresentados de forma criativa, para suscitar a curiosidade e criatividade dos alunos. Mais uma vez, este esforço por parte dos professores foi presenteado com motivação e entusiasmo.

A atividade decorreu numa aula de noventa minutos e iniciou-se com a formação dos grupos, definidos *à priori* pelos professores, dentro da sala. Depois de distribuídos os guiões do aluno e os dispositivos eletrónicos com GPS, os grupos foram saindo da sala com intervalos de dez minutos cada um, uma vez que, nesta versão, não existiriam percursos diferentes. O grupo A foi acompanhado pelo estagiário Carlos Alegre, o grupo B pela professora Filomena Cardoso e o grupo C pela estagiária Sílvia de Sousa. Venceria o grupo que cumprisse todos os procedimentos exigidos no Guião do Aluno no menor tempo possível, depois de ajustados os tempos de saída e chegada.

A atividade decorreu sem incidentes, os desafios e tarefas apresentados foram resolvidos e cumpridos, e os alunos demonstraram grande empenho e cooperação com os colegas. Na sua autoavaliação a opinião dos alunos revelou isso mesmo: todos certificaram que gostaram desta atividade, aprenderam e enriqueceram as suas aprendizagens históricas, considerando o conteúdo das aulas apresentado nas pistas. Por outro lado, quando questionados sobre o que mais gostaram, referem a procura das *geocaches*, a forma inteligente como foi preparada a atividade e as pistas, a competitividade entre os grupos, a união entre os elementos do grupo, e o facto da atividade se ter realizado ao ar livre. Entre o que menos gostaram referiram o facto de

---

<sup>36</sup> Ver Anexo XXXI: Guião do Aluno da atividade *Geocaching na Amadora* – 8º 1.

ter de se registrar as coordenadas em cada *geocache*, e de não terem conseguido, pelo menos uma vez, individualmente, serem os descobridores de uma *geocache*.

Mais uma vez, os professores responsáveis concordam com a avaliação dos alunos, sendo apenas de lamentar a recolha precoce de uma *geocache*, o que dificultou a tarefa do grupo B, não conseguindo terminar a sua prestação. No final, todos receberam uma recompensa (chocolates) pelo empenho e comportamento demonstrados, sendo esta uma excelente forma de nos despedirmos desta turma.

## **Capítulo V – Disciplina/ (In)disciplina - Auto e Heteroavaliação da Prática de Ensino Supervisionada**

*“Reafirmo que a competência do professor se concretiza na combinação complementar de um conjunto de destrezas técnicas (saber e saber ensinar), de uma capacidade de gerir os poderes (possuir meios não autoritários de persuadir o aluno da necessidade de ordem, de regras de são convívio e de constrangimentos inevitáveis na realização do processo de ensino aprendizagem), de uma capacidade de estar «clanicamente» atento à idiossincrasia (psicológica, cultural, social, vivencial) de alunos e turmas (a elas podendo e sabendo responder com flexibilidade e alternativas) e, por fim, de uma capacidade de reconhecer no aluno uma «pessoa» por dentro (com direitos e deveres, projetos, capacidades de partilhar e de participar).”*  
(Amado, 2001b: 16).

Assustadora esta definição de professor competente. Mas assim, de uma forma muito concisa, João Amado apresenta tudo o que está em causa na complexa mas enriquecedora profissão docente.

No percurso realizado ao longo deste ano letivo, e que aqui se acabou de relatar, a preocupação foi sempre neste sentido: aprender a ensinar. Porque o conhecimento científico não basta. E o grande objetivo a alcançar é saber estar em aula de uma forma firme, mas acessível, exigente, mas flexível, prudente mas disponível. Para isso, procurou-se sempre apresentar uma proposta pedagógica bem elaborada, com conteúdos ministrados e metodologia utilizada condizentes com as expectativas e realidades dos alunos. Quanto à Indisciplina, procurou-se sempre entender o porquê das atitudes desviantes dos alunos e fazer sempre uma autorreflexão sobre a prática do ensino desenvolvida e as relações pedagógicas estabelecidas. Nem sempre estes objetivos foram plenamente alcançados. Algumas

vezes as metodologias e recursos selecionados criaram alguma Indisciplina, mediante o ambiente de determinada aula em determinada turma. Mas o resultado deste esforço, do meu ponto de vista, foi uma boa gestão da sala de aula, uma organização eficaz dos espaços e dos tempos letivos, uma boa promoção das regras da aula e da escola. Foram, sobretudo, aulas enriquecedoras, quer para os alunos quer para a professora, e problemas indisciplinares pouco ou nada significativos.

Na opinião da professora orientadora Isabel Alves, expressa num pequeno questionário<sup>37</sup>, o grau de Indisciplina verificado nas aulas de Geografia lecionadas pela estagiária variaram entre o muito baixo e o baixo e não aumentou nem diminuiu no período considerado, pois a sua forma de atuação foi na continuidade das aulas dadas pela orientadora, onde os problemas disciplinares foram residuais. O grau de controlo e de liderança da estagiária foi considerado como muito elevado, tendo as suas estratégias contribuído para a manutenção da disciplina na sala de aula, à exceção dos trabalhos de grupo.

Já a professora orientadora Filomena Cardoso considera que o grau de Indisciplina verificado nas aulas de História lecionadas pela estagiária foi baixo, e não aumentou nem diminuiu no período considerado tendo, a estagiária, contribuído para a manutenção da dinâmica de sala de aula existente antes da leção das suas aulas. Também em História, o grau de controlo e de liderança da estagiária foi considerado como muito elevado, tendo as suas estratégias contribuído para a manutenção da disciplina na sala de aula, à exceção de algumas aulas expositivas/interrogativas.

É, ainda, de salientar que, segundo a opinião das duas orientadoras, a estagiária utilizou o método expositivo com prudência; lecionou aulas interessantes; aproximou-se dos alunos; circulou por toda a sala, apesar de manter uma zona de circulação preferida nas aulas de História; manteve um contacto visual permanente com os alunos; agiu de forma justa; foi firme e exerceu a autoridade com discernimento; manteve coerência na sua atuação com todos os alunos e estabeleceu um clima de abertura.

---

<sup>37</sup> Ver Anexo XXXII: Questionário aplicado às professoras orientadoras sobre a atuação enquanto estagiária.

Por tudo o que foi apresentado acima, poder-se-á concluir que existem algumas questões a melhorar, ao nível das metodologias seleccionadas, mas a avaliação foi francamente positiva. No entanto, o mérito não é todo meu. Nem sequer a maior parte. Devo louvar, aqui, o trabalho desenvolvido pelas professoras orientadoras Isabel Alves e Filomena Cardoso. São o exemplo de que um professor faz toda a diferença.

## **Capítulo VI – Disciplina/ (In)disciplina – O que pensam os alunos do fenómeno**

Como referi na introdução deste trabalho, o que o aluno pensa sobre a Indisciplina é essencial para a compreender, uma vez que a sua perspetiva contribui para a definição, por parte do professor e da instituição de ensino, de estratégias e metodologias de atuação eficazes quer para «remediar», quer para «prevenir» o fenómeno. A razão de ser do pequeno estudo descritivo-exploratório que se desenvolveu é mesmo essa: analisar o fenómeno da Indisciplina do ponto de vista do aluno, procurando perceber como é que ele o define, como o explica e qual acha que deve ser a atuação do professor. Nesse sentido, pretende-se especificar as propriedades e características do fenómeno Indisciplina, mas, também perceber quais os perfis de professor e que estratégias educativas desenvolvidas contribuem, ou não, para a existência desse fenómeno, no contexto concreto da Escola Secundária Seomara da Costa Primo. Podemos, então, colocar a seguinte pergunta de partida:

*→ Existem diferenças entre o entendimento da Indisciplina por parte do aluno e o entendimento da Indisciplina por parte dos investigadores, expressa na reflexão teórica do fenómeno?*

Uma vez que se apresentou, no primeiro capítulo referente ao enquadramento teórico, a definição de Disciplina, os fatores que a justificam e os aspetos que o professor deve ter em conta na sua atuação, vejamos, agora, se a opinião dos alunos da Escola Secundária de Seomara da Costa Primo reflete o que foi esclarecido no enquadramento teórico.



## VI.1 – Opções metodológicas

A estratégia metodológica seguida nesta pequena investigação foi a quantitativa, baseada na medição de variáveis. Como variável independente considerámos a *Indisciplina*, enquanto fenómeno, e como variáveis dependentes:

Variável dependente	Definição	Perguntas do questionário
Conceitos	Aquilo que cada um entende por Disciplina/Indisciplina	2.1; 2.2; 2.5; 2.6; 2.15
Fatores explicativos	Apresentação de possíveis explicações para a existência do fenómeno	2.3; 2.4; 2.7; 2.13
Caraterísticas do professor	Como cada um imagina um professor competente e disciplinador	2.8; 2.9; 2.10; 2.11
Comportamentos do professor	Qual consideram ser o comportamento adequado do professor	2.12; 2.14.1; 2.14.2; 2.14.3; 2.14.4; 2.14.5; 2.16; 2.17

O instrumento de pesquisa empírica operacionalizado foi o questionário, pois permitiu recolher dados sobre uma série de questões em simultâneo, no menor tempo possível, inquirir um maior número de alunos e tratar os dados de forma mais simplificada. O questionário aplicado foi construído de raiz,<sup>38</sup> a partir do enquadramento teórico apresentado, e procurou-se colocar as questões que se consideraram essenciais para conhecer a perceção dos alunos e dar resposta à questão de partida.

O tratamento estatístico dos dados, que consistiu numa análise descritiva de frequências e no cálculo de medidas de posição, e as respostas às perguntas abertas foram alvo de uma análise de conteúdo em que se consideraram os conceitos que se repetiram com maior frequência. Todas as respostas inválidas, ou faltas de resposta, foram codificadas como “não resposta”.

A seleção dos inquiridos foi realizada através de um processo de amostragem não aleatória por conveniência, ou seja, a amostra foi constituída pelos alunos das turmas onde decorreu a observação e lecionação de aulas, que demonstraram disponibilidade e acessibilidade, num total de 114 inquiridos, 62 do Ensino Básico e 52 do Ensino Secundário.

---

<sup>38</sup> Ver Anexo II: Questionário de Caraterização do Aluno, Parte II.

## VI.2 – Análise dos dados<sup>39</sup>

### 2.1 – Os conceitos de Disciplina/Indisciplina

No capítulo I do presente trabalho, os conceitos apresentados, associados à Disciplina, passavam por: conjunto de leis e ordens, instrução, educação, doutrina, autoridade, boa ordem, respeito, obediência, regras estabelecidas... Compete, agora, verificar se os alunos da Escola Secundária de Seomara da Costa Primo utilizam esses mesmos conceitos para definir o fenómeno.

**Tabela 1**

Conceito de Disciplina	Freq.	%
NR	15	13,2
Cumprir regras da sala de aula	22	19,3
Respeitar e compreender formas de ser dos colegas e professores	40	35,1
Ter bom comportamento	26	22,8
Responder às perguntas que lhe são dirigidas	1	0,9
Ser bem educado	6	5,3
Cooperar com o professor	19	16,7
Ser assíduo e pontual	2	1,8
Saber estar	12	10,5
Não conversar ou então falar baixo	17	14,9
Ser interessado	2	1,8
Cuidar do material da escola	1	0,9
Não sei	1	0,9
Realizar as tarefas propostas	8	7,0
Ter um bom clima para se trabalhar	1	0,9

**Tabela 2**

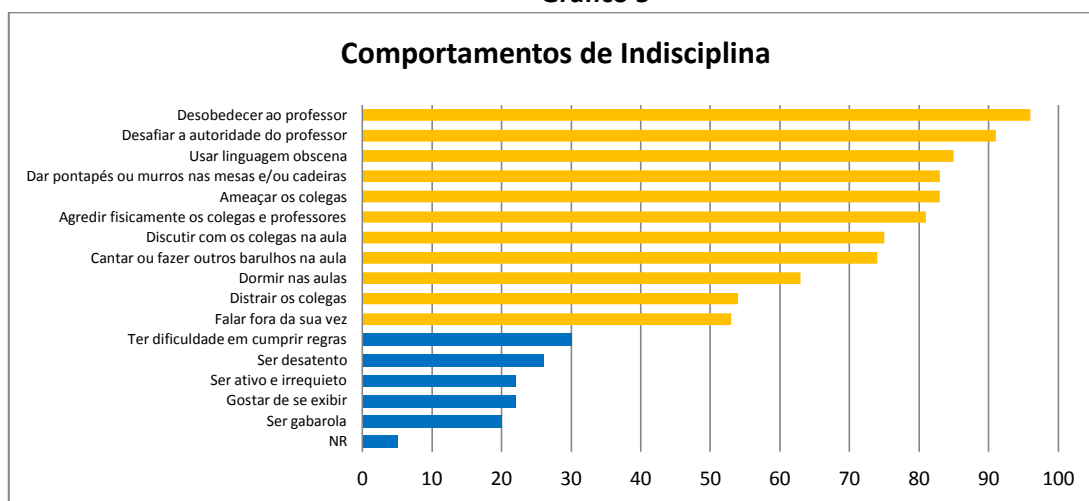
Conceito de Indisciplina	Freq.	%
NR	20	17,5
Não respeitar regras da sala de aula	26	22,8
Não cumprir o regulamento interno	1	0,9
Fazer barulho na aula	28	24,6
Não respeitar colegas e professores	53	46,5
Ter mau comportamento	26	22,8
Não ser assíduo	3	2,6
Não ser pontual	5	4,4
Perturbar o bom funcionamento da aula	14	12,3
Estar distraído	4	3,5
Não cooperar com o professor	11	9,6
Ser mal educado	14	12,3
Não realizar as tarefas	8	7,0

Pela observação da Tabela 1 verificamos que, quando questionados sobre o que entendem por Disciplina na sala de aula, os conceitos mais utilizados para a definir foram «respeitar e compreender formas de ser de colegas e professores», «ter bom comportamento», «cumprir as regras da sala de aula», «cooperar com o professor», «não conversar, ou então, falar baixo» e «saber estar». Já o entendimento da Indisciplina, e considerando os dados da Tabela 2, passa por «não respeitar colegas e professores», «fazer barulho na aula», «ter mau comportamento», «não respeitar regras da sala de aula», «perturbar o bom funcionamento da aula», «ser mal-educado» e «não cooperar com o professor». Como se pode verificar, o conceito de Disciplina dos alunos inquiridos não é muito diferente do apresentado pelos investigadores do tema, uma vez que também passa pela obediência a regras, pelo respeito e pelo reconhecimento da autoridade do professor. Quanto à Indisciplina, concordam com Maria Teresa Estrela (1992: 15) quando a apresenta como a negação ou a privação da Disciplina, no sentido em que a caracterizam como a falta de respeito, o não cumprimento das regras e, de certa forma, a desautorização do professor.

<sup>39</sup> Ver Anexo XXXIII: Gráficos de análise dos dados relativos à (In)disciplina.

A Indisciplina traduz-se em comportamentos observáveis que são objeto de avaliação. Da lista de possíveis comportamentos desviantes, apresentada no questionário, e tal como se esperava, não houve nenhum que não tivesse sido apontado uma única vez.

**Gráfico 5**



O Gráfico 5 demonstra que os comportamentos que mais foram considerados reveladores de Indisciplina na sala de aula<sup>40</sup> foram: «falar fora da sua vez», «distrair os colegas», «dormir nas aulas», «cantar ou fazer outros barulhos na aula», «discutir com os colegas na aula», «agredir fisicamente os colegas e professores», «ameaçar os colegas», «dar pontapés ou murros nas mesas e/ou cadeiras», «usar linguagem obscena» e, os mais apontados, por mais de noventa alunos, «desobedecer ao professor» e «desafiar a autoridade do professor». Já os menos considerados foram «ter dificuldade em cumprir regras», «ser gabarola», «ser ativo e irrequieto», «gostar de se exhibir» e «ser desatento». Se tivermos em conta que os comportamentos menos selecionados, só por si, poderão não ser considerados comportamentos de Indisciplina, e que passarão a sê-lo quando conjugados com algum dos outros mais assinalados, poderemos concluir que os alunos inquiridos sabem bem o que é a Indisciplina e quais os comportamentos que a manifestam. Interessa, ainda, salientar que os comportamentos mais apontados referem-se ao questionamento da autoridade do professor, donde podemos concluir que serão dos comportamentos indisciplinares considerados mais graves.

<sup>40</sup> Comportamentos que registaram mais de cinquenta frequências absolutas.

A esmagadora maioria dos inquiridos não referiu outros comportamentos de Indisciplina que não estivessem na lista apresentada mas, dos que referiram, salienta-se o «uso de aparelhos eletrónicos», um comportamento que se verifica cada vez com mais frequência dentro da sala de aula.

Perante o relato escrito de um dado episódio em contexto de sala de aula, em que se pedia para sublinhar os comportamentos que seriam manifestações de Indisciplina, praticamente todos os alunos identificaram os comportamentos em questão: «falavam alto e todos ao mesmo tempo», «levantavam-se e movimentavam-se pela sala para ir ao encontro de colegas», «conversas que nada tinham a ver com o tema da aula», «havia insultos entre alunos», «verbalização de palavrões» e «nunca levavam o material necessário para as aulas».

Do exposto acima podemos concluir que não existem discrepâncias no entendimento da Indisciplina por parte de professores e alunos. Tanto o conceito como os comportamentos passíveis de a manifestar, referidos quer pelos professores investigadores, quer pelos alunos, são coincidentes. Vejamos se situação idêntica acontece quando analisamos os fatores que a podem justificar.

## **2.2 – Fatores explicativos da existência de Indisciplina**

Para explicar a existência de Indisciplina na sala de aula, os cinco fatores mais apontados pelos inquiridos foram, por ordem crescente de frequência: «falta de interesse», «falta de respeito», «problemas pessoais/familiares», «falta de educação» e «falta de controlo do professor sobre a aula»<sup>41</sup>. Recuperando a sistematização dos principais fatores de Indisciplina proposta por Maria Izete de Oliveira (2009: 292), diríamos que os alunos apontam fatores psicossociais e fatores pedagógicos como as principais causas de comportamentos indisciplinados. Fatores psicossociais como a «*família*», enquanto responsável pela educação e berço da estabilidade emocional do aluno, e como a «*diversidade entre alunos*», que apresentam características, gostos e apetências diferentes. Fatores pedagógicos como a «*falta de regras*», que cria oportunidades para manifestações de indisciplina, e como a «*formação docente*

---

<sup>41</sup> Ver Anexo XXXIII, página 1.

*quanto às questões relacionais»* que, quando deficitária, impede a construção de uma relação pedagógica saudável, que poderá culminar na perda de controlo sobre a aula.

Ao perguntar-se aos alunos sobre que disciplinas propiciam mais, ou menos, a ocorrência de comportamentos de Indisciplina, havia a clara convicção de que não existe essa diferenciação entre as disciplinas, *per si*. O que as torna diferentes é o docente que a ensina com todas as suas características, valores, formas de conceber o ensino e opções metodológicas: o professor. No entanto, a opção foi no sentido de comprovar empiricamente esta convicção. Para isso procedeu-se à análise do que pensam todos os alunos inquiridos, comparativamente ao que pensam só os alunos do Ensino Básico e só os alunos do Ensino Secundário, porque algumas disciplinas e professores são diferentes. Se considerarmos a opinião da amostra, as disciplinas que mais propiciam a existência de Indisciplina<sup>42</sup> são o Inglês, a Geografia e o Francês, e as que menos propiciam são a História/HCA, a L.P./Português e a Matemática/MACS. No entanto, se analisarmos os dados relativos aos alunos do Ensino Secundário, verificamos que, das disciplinas mais indicadas por todos os alunos, concordam apenas com a Geografia como disciplina com mais abertura para a Indisciplina, apontando outras como o Português e a Filosofia, sendo que para a eleição destas últimas contribuíram, sobretudo, os alunos da turma 10º 3. Já quanto às disciplinas propiciadoras de Disciplina, concordam apenas com a História/HCA e indicam mais a Geografia e a Educação Física.

Considerando os dados relativos ao Ensino Básico, são estes alunos que apontam o Inglês e o Francês como disciplinas mais propiciadoras de Indisciplina e a Língua Portuguesa e a Matemática como as menos propiciadoras, sendo que o resultado respeitante à disciplina de Matemática se deve à turma 8º 1. Ora, mesmo não esquecendo que o número de inquiridos do Ensino Básico foi maior do que o número de inquiridos do Ensino Secundário, o que verificamos é que não há consenso entre os alunos quanto a que disciplinas propiciam ou não a Indisciplina. Será o mesmo que dizer que a questão não se colocará nesses termos, mas antes na pessoa do profissional que desempenha a função docente. Até porque, a relação pedagógica estabelecida com estes alunos permitiu conversas informais que viriam a demonstrar

---

<sup>42</sup> Ver Anexo XXXIII, página 1.

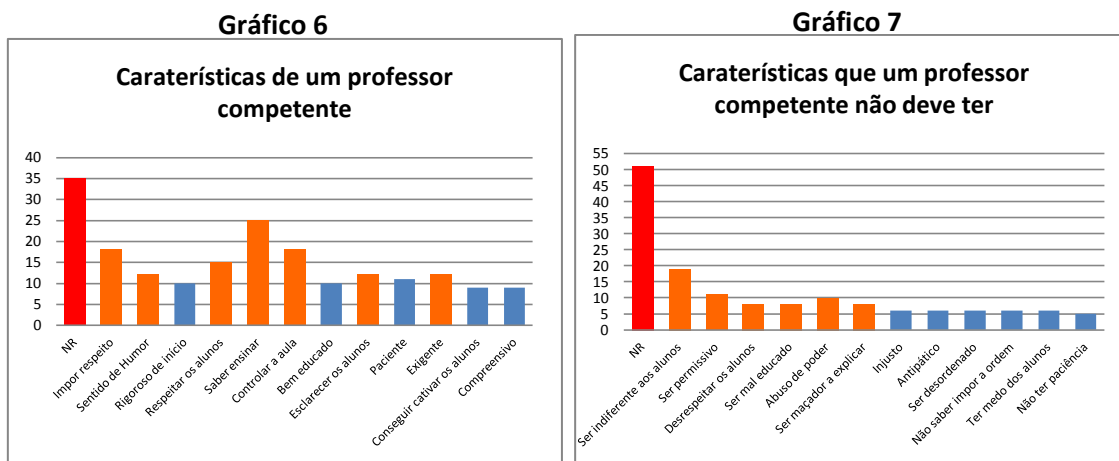
alguns problemas indisciplinares noutras disciplinas que não a História ou a Geografia, e essas informações encontram-se espelhadas nestes resultados.

Voltando à sistematização de Oliveira (2009: 293), e perante estes resultados, arriscaríamos dizer que os fatores explicativos da Indisciplina, nas várias disciplinas apontadas pelos alunos, são de natureza pedagógica e podem passar pela «*imposição ou falta de regras*», pela falta de «*formação docente quanto às questões relacionais*» ou por uma «*proposta pedagógica do professor*» desajustada à turma. Infelizmente esta questão não foi verificada empiricamente, apenas em conversas informais com alunos e colegas, mas essa informação justifica as ilações apresentadas.

Então que caraterísticas um professor disciplinador deve ter? E um professor competente? Um implica o outro? Veremos, de seguida, o que pensam os alunos da Escola Secundária Seomara da Costa Primo.

### 2.3 – Perfil do professor disciplinador e competente

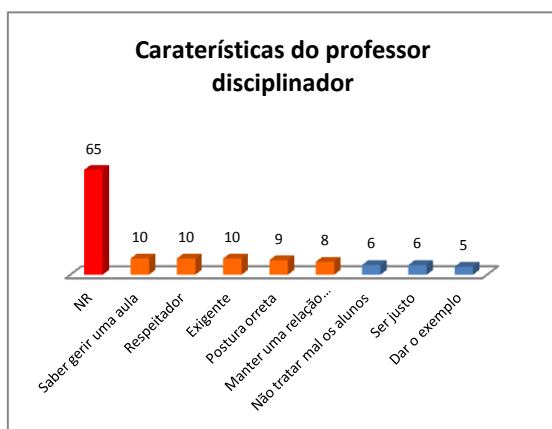
O que se procurou saber com o estudo desta variável foi que caraterísticas deve ter um professor disciplinador e se ser disciplinador é sinónimo de ser competente.



Segundo os alunos inquiridos, e considerando o Gráfico 6, as caraterísticas mais indicadas para fazer parte do perfil do professor competente são, por ordem decrescente de frequência: «saber ensinar», «impor respeito», «controlar a aula», «respeitar os alunos» e, com o mesmo valor de frequências, «ter sentido de humor», «esclarecer os alunos» e «ser exigente». Daí um professor competente não poder «ser indiferente aos alunos», «ser permissivo», abusar do poder, «desrespeitar os alunos», «ser mal-educado» e ser «maçador a explicar» (Gráfico 7). Já um professor

disciplinador deve, essencialmente, «saber gerir uma aula», ser «respeitador» e «exigente», ter uma «postura correta» e «manter uma relação aberta»; não deve «ser agressivo com os alunos», «ter medo», «ser desinteressado», «deixar que lhe faltem ao respeito» e ser «impaciente».

**Gráfico 8**



**Gráfico 9**



Se compararmos os resultados referentes à competência e à capacidade de disciplinar, concluímos que são muito similares, ainda mais se considerarmos a quantidade de não respostas verificadas relativamente ao professor disciplinador. Houve, inclusive, alunos que referiram que as suas caraterísticas eram iguais às do professor competente. Ora, estes resultados não provam que existe uma relação de implicação entre os dois tipos de professor, mas poder-se-á considerar que existem fortes indícios dessa relação, sobretudo em relação ao professor competente, que tem que saber impor respeito e controlar a aula, para além de saber ensinar. Já o professor disciplinador não precisa saber ensinar, a avaliar pelas caraterísticas mais apontadas. Mas não podemos ignorar as não respostas existentes, que poderão indiciar que as respostas seriam idênticas em ambas as questões, a avaliar pelos comentários dos alunos aquando do preenchimento do questionário.

Pareceu pertinente perguntar se o género do professor tem implicações na forma como se comportam os alunos em aula. Segundo os inquiridos, essa questão não se coloca, uma vez que 68% afirma que cumprem as regras impostas por «ambos»<sup>43</sup>. No entanto, ainda foram 12% os que preferem o professor a fazer cumprir as regras e 6% os que preferem a professora.

<sup>43</sup> Ver Anexo XXXIII, página 2.

*“Há muito que a investigação pedagógica tem demonstrado o que o aluno espera do professor: a capacidade de manter a ordem, a capacidade de explicar e de ensinar, a capacidade de atuar com humor, justiça e amizade”* (Nash apud Amado, 2001a: 241). Repito esta citação porque acaba de ser comprovada pelos inquiridos deste estudo. Um professor deve manter a ordem, saber explicar e ensinar, atuar com humor, justiça e amizade. Seja homem ou mulher.

#### **2.4 – Comportamentos do professor em situações de aula**

Já aqui se alertou para o facto dos comportamentos/ações/estratégias do professor serem, muitas vezes, geradores de Indisciplina. Infelizmente, a esmagadora maioria dos inquiridos (76 alunos) não indicaram esses comportamentos/ações/estratégias, talvez por considerarem estar relacionados com as características que um professor competente e disciplinador não deve ter, já apontadas nas questões anteriores. No entanto, dos que indicaram, consideram, sobretudo, que o professor ao ser «agressivo a falar», ao ser «injusto» ou ao «discriminar», ao ser «permissivo» ou «intolerante», ao não demonstrar autoridade ou ao «desrespeitar os alunos», cria situações de Indisciplina na sala de aula.

A prática letiva demonstra que, perante situações de Indisciplina, o professor pode agir de diferentes formas, conforme a gravidade atribuída a cada situação. Com este pressuposto, foram apresentadas aos inquiridos uma série de situações de Indisciplina em aula e pedido que indicassem que medidas deveriam ser tomadas pelo professor. Uma primeira conclusão que se pode tirar é que a marcação de falta disciplinar é uma das medidas mais apontadas nas cinco situações de Indisciplina apresentadas. Sendo uma das medidas consideradas clássicas na punição de comportamentos desadequados, são os próprios alunos a apontá-la como medida a tomar em caso de Indisciplina.

Mas os alunos têm noção de que as medidas a tomar deverão ser mais graves, mediante a gravidade da falta cometida<sup>44</sup>. Segundo os inquiridos, se *o aluno assobia*, deve ser repreendido, se *desautoriza o professor* ou *faz gestos impróprios*, deve levar uma falta disciplinar, se *ameaça o professor*, deve ser levado à direção da escola e ser

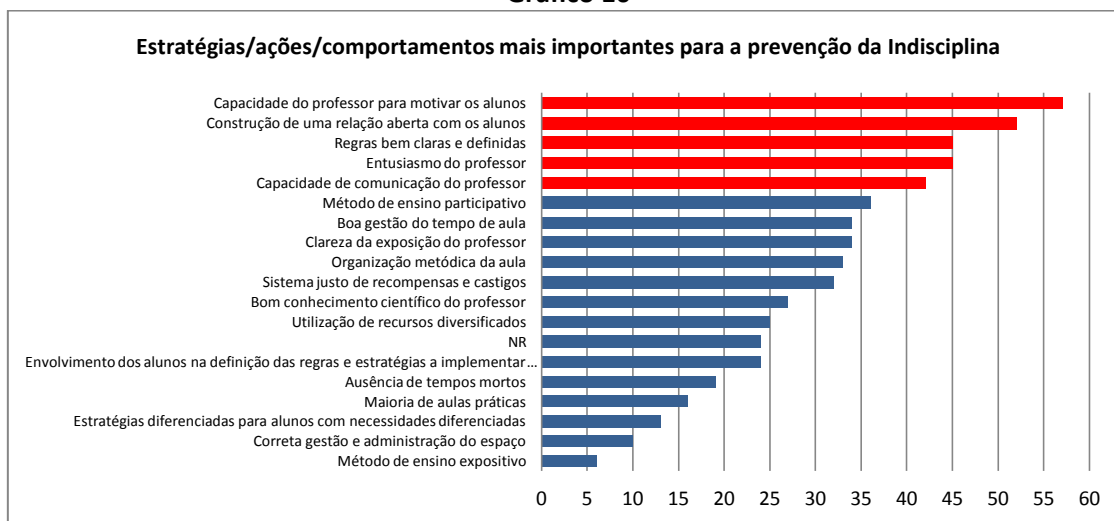
---

<sup>44</sup> Ver Anexo XXXIII, página 3.



alvo de um processo disciplinar, *se agride fisicamente um colega* deve ser alvo de um processo disciplinar que o leve à suspensão. Perante uma situação de Indisciplina coletiva, as soluções mais apontadas vão desde a ordem de saída da sala de aula, com falta disciplinar, até à intervenção da Direção na sugestão e aplicação de medidas punitivas mais rigorosas. Curioso é verificar que foram poucos os alunos que afirmaram que, se fossem professores da turma em questão, não desistiriam dos alunos e motivá-los-iam para que passassem a gostar da disciplina, utilizando estratégias diferentes como ter uma conversa e ouvir os alunos, estabelecer regras diferentes ou recorrer a jogos e outros recursos didáticos. Mesmo sendo menos de um décimo dos alunos inquiridos a exprimir esta opinião, evidenciam perceber que a punição, só por si, não contribui para a erradicação da Indisciplina na sala de aula, sendo necessária uma atuação diferente do professor, no sentido de motivar o aluno para a Disciplina e para a aprendizagem e encontrar soluções em conjunto para a resolução dos conflitos. A esmagadora maioria dos alunos aparenta, pelas suas respostas, resignar-se com as formas tradicionais de atuação do professor face à Indisciplina, talvez porque sejam as que mais verificam acontecer na sua vivência escolar. Ao recordar os três tipos de procedimentos que podem ser desenvolvidos pelo professor, apontados por João Amado (2001a: 159-178), percebe-se que, maioritariamente, os alunos sugerem a recorrência a «*procedimentos de punição*», que não garantem uma alteração de comportamento duradoura, embora alguns sugerissem a recorrência a «*procedimentos de correção e de prevenção*».

**Gráfico 10**



Falta, ainda, saber como devem atuar os professores para prevenir a Indisciplina em aula. A avaliar pelas respostas obtidas, da listagem apresentada no Gáfico 10, os alunos consideram que as cinco estratégias/ações/comportamentos mais importantes para a sua prevenção são: a capacidade do professor para motivar os alunos, a construção de uma relação aberta com os alunos, estabelecer regras bem claras e definidas, o entusiasmo do professor e a capacidade de comunicação do professor. São os «*procedimentos de prevenção*» apontados por Amado, que passam pela criação de uma relação aberta ao diálogo, pela legitimação das regras a estabelecer e o envolvimento motivado de todos no processo de ensino-aprendizagem.

## **2.5 – Contributos de alguns docentes da ESSCP**

Para além de se auscultar a opinião dos alunos relativamente ao fenómeno da Indisciplina, foi pedida a colaboração das orientadoras no sentido de aplicar um questionário similar aos professores<sup>45</sup>. Como essa aplicação ocorreu já no mês de Junho, o retorno dos professores foi diminuto, tendo recolhido apenas cinco questionários. De qualquer forma, apresentam-se abaixo as conclusões retiradas da leitura desses questionários:

→ Sendo professoras de disciplinas diferentes, três delas de três turmas onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, a avaliação quanto ao grau de Indisciplina verificado nessas turmas não reuniu consenso, e variava conforme a área disciplinar, tendo havido necessidade de recorrer a medidas corretivas formais desde a ordem de saída da sala de aula até ao encaminhamento para o Gabinete do Aluno;

→ Das cinco professoras, uma não conhecia o regulamento interno da escola;

→ As qualidades e os defeitos apontados, enquanto professoras, foram, praticamente, todos diferentes, à exceção das qualidades de «ser empenhado», ter «saber científico» e ser «paciente»;

→ A Disciplina, para estas professoras, passa pelo cumprimento das regras de sala de aula e pela obediência ao professor e a Indisciplina pelo incumprimento dessas regras revelado em comportamentos que perturbam o bom funcionamento da aula.

---

<sup>45</sup> Anexo XXXIV: Questionário aplicado aos docentes.

Nesse sentido um bom aluno deve ser «educado», «correto», «atento», «empenhado» e «concentrado»;

→ Apenas uma professora afirmou que «não existem disciplinas mais ou menos propícias à Indisciplina», mas nenhuma considerou que a sua disciplina o era;

→ Os comportamentos de Indisciplina mais apontados são os mesmos indicados pelos alunos e os seus fatores explicativos centram-se, sobretudo, na dimensão psicossocial do aluno sem esquecerem, no entanto, o perfil e as competências pedagógicas do professor;

→ Face a exemplos de situações de Indisciplina, os procedimentos a tomar correspondem aos avançados pelos alunos encontrando-se, no entanto, referência ao diálogo, à tentativa de entender o comportamento do aluno e à procura de «estratégias para motivar e captar a atenção dos alunos»;

→ Todas concordam que as estratégias de prevenção passam por regras bem claras e definidas, capacidade do professor para motivar os alunos, entusiasmo do professor, clareza da exposição do professor e método de ensino participativo.

Para concluir, pode afirmar-se que não existem grandes diferenças de entendimento do fenómeno da Indisciplina por parte de investigadores, professores e alunos, a avaliar pelos resultados deste estudo. Ambos entendem que a Disciplina implica, obrigatoriamente, a existência de regras a respeitar e que a Indisciplina será a quebra dessas regras; que essa quebra pode ter origem em fatores respeitantes ao aluno e/ou ao professor; que o professor que melhor liderará com a Indisciplina deve saber impor respeito e saber respeitar, deve controlar a aula e saber geri-la, deve fazer opções metodológicas que se adaptem aos alunos de cada turma, criando um clima de abertura, diálogo e motivação. Se o entendimento é similar, interessa, assim, passar à ação: o professor deve tentar, cada vez mais, conceber a aula em função da turma com quem trabalha, investir numa relação pedagógica saudável e de confiança e procurar formação específica que lhe permita intervir em situações de Indisciplina de forma justa e eficaz.

## CONCLUSÃO

*“Toda a educação visa a inserção do indivíduo numa sociedade que se pretende ordenada e harmónica”* (Estrela, 1992: 15). Em traços gerais, podemos considerar que este é o fim último da educação: contribuir para o desenvolvimento físico, psíquico, intelectual e social do indivíduo, para que a sua inserção no grupo social seja bem-sucedida. Ora a sociedade tem uma ordem, uma orgânica, baseada em regras de atuação, de comportamento, de saber estar com o outro. E se a família deve ser a primeira a assumir o papel da socialização do indivíduo, a escola é a entidade por excelência a quem foi atribuída essa missão. Por isso, enquanto professores não temos somente a função de transmitir determinados saberes científicos. Temos que educar, temos que ensinar a estar, temos que perpetuar a ordem social. *“O treino disciplinar desenvolvido no interior das paredes da sala de aula continua vida adulta adentro.”* (Ramos do Ó, 2003: 106). Não quero, com isto, dizer que nos limitamos a formatar pessoas. Não. A tarefa é bem mais complexa. O que temos que fazer é ensinar os alunos a saber ser pessoas únicas inseridas numa sociedade com normas próprias. Uma missão difícil, sem sombra de dúvida. Mas grandemente compensadora, quando acompanhamos de perto os homens e mulheres que ajudámos a educar.

A Disciplina escolar, na minha opinião, não serve somente para criar as condições necessárias a uma boa aprendizagem. Serve para lançar os alicerces de uma construção de personalidade duradoura, coerente e consistente. Daí a minha preocupação com este tema não ser só o de perceber o que está em causa, para prevenir situações de Indisciplina e desenvolver um ensino de qualidade, mas também, perceber como agir para que o trabalho com os alunos ao nível da Disciplina tenha efeitos duradouros e colabore na construção de uma personalidade. Disciplinar, no sentido de colaborar para um desenvolvimento harmonioso e saudável do aluno, tem de ser uma forma de estar na sala de aula e na escola, mais do que um conjunto de medidas de intervenção às quais recorreremos para garantir o bom desempenho do nosso papel de professor. Por isso, pensar em como criaremos um clima agradável, democrático, de abertura e diálogo e de respeito pelos outros, deve ser uma estratégia pedagógica a definir no início do ano letivo, a par com as sínteses programáticas e as planificações de aula.

Entende-se, assim, como aliás ficou evidente ao longo deste trabalho, que o professor é elemento chave no desenvolvimento desta missão concreta de ensinar e formar indivíduos dentro da sala de aula. Não só porque a ele cabe a maior fasquia de «poder» na relação pedagógica, mas porque a sua atuação é o resultado da formação que recebeu, do seu percurso profissional, das características da sua personalidade, da sua forma de pensar a educação, da sua forma de pensar o fenómeno da Indisciplina. Será, portanto, uma atuação única, mesmo que as opções metodológicas sejam idênticas às de outros colegas. E se a sua forma de atuar depende do seu entendimento do ensino, do seu entendimento do que é estar em sala de aula, a Disciplina também dependerá. O pequeno estudo apresentado acima demonstra que, quando nos referimos ao conceito de Disciplina ou Indisciplina, as opiniões são idênticas entre professores e alunos. Já quando se passa à avaliação concreta de comportamentos, os indícios são de que dependerá muito do avaliador o nível de Indisciplina atribuído.

O tema deste trabalho apresenta o fenómeno da Indisciplina entre parênteses por isto mesmo: em última análise, é da avaliação daquele professor em particular que resultará a atribuição de um valor ao comportamento do aluno. E o que pode ser considerado um comportamento indisciplinado para um, pode ser um comportamento próprio da idade para outro. E assim começa a confusão na cabeça do aluno, que será agravada se o mesmo professor avaliar comportamentos idênticos de forma diferente. A coerência é uma regra de ouro no processo de disciplinação. Se não o puder ser dentro do Conselho de Turma, que o seja dentro da sala de aula. Por isso, é urgente que os professores tenham consciência do que a sua atuação, as suas opções, os seus comportamentos podem fazer na (des)construção da Indisciplina. Porque se o caminho seguido for a preocupação primeira de edificar uma relação pedagógica saudável, a atuação do professor pode ir no sentido da desconstrução do fenómeno. Se não investirmos nessa relação, se não pensarmos no aluno quando tomamos decisões pedagógicas, corremos o risco de estarmos a contribuir para a sua construção. Já se disse que são múltiplos os fatores que explicam a Indisciplina; alguns fogem completamente ao controlo do professor, até da escola. Com esses teremos,

obrigatoriamente, de lidar quando se manifestarem. Mas os que têm origem na prática pedagógica só dependem de nós serem evitados.

Tanto alunos como professores evidenciaram, no estudo desenvolvido, que a capacidade do professor para motivar os alunos é essencial na prevenção da Indisciplina. Sílvia Lemos, na sua tese de mestrado *A utilização das TIC em sala de aula: contributo para melhorar a motivação dos alunos*, afirma que “o planeamento realizado pelos professores é fortemente influenciado pelas características do estudante, e as preocupações motivacionais são consideradas importantes no processo decisório” (Lemos, 2011: 38). Eu diria que nem sempre são, mas deveriam ser. O planeamento da ação do professor deve conceber situações de aprendizagem contextualizadas na realidade do aluno e nos seus interesses, e, nesse sentido, não poderão ser ignoradas as TIC; deve estimular a participação e a criatividade dos alunos mas deve também, e nunca é demais lembrar, incluir a construção de um clima de aula aberto ao aluno, apesar de assente em normas e regras.

A Prática de Ensino Supervisionada na Escola Secundária de Seomara da Costa Primo foi um presente para o estudo deste tema. Ao contrário do que muitos pensarão, não o foi tanto pela abundância do fenómeno, mas pela atuação concertada que se verifica com a atual direção. Com turmas complicadas e uma grande diversidade de alunos, com diferentes culturas e contextos económicos, trabalhei com profissionais rigorosos e briosos no desempenho do seu papel docente e observei a atuação de uma direção ativa, presente, atenta, interventiva e sempre disponível para professores e alunos. Aprendi, pela observação direta, como se constrói uma relação pedagógica estimulante e aberta, mantendo um rigoroso controlo sobre a turma. Sobretudo, em tudo o que observei neste estágio, vi sempre qual era a preocupação última da atuação dos professores com quem trabalhei e da direção que me acolheu: o desenvolvimento pleno e harmonioso do aluno. Daí, a opinião dos poucos professores, como dos alunos questionados, não diferir muito. Porque estão sintonizados numa mesma realidade. E a direção da escola está de parabéns por isso. Em jeito de sugestão, refiro apenas que o desconhecimento do Regulamento Interno, evidenciado pelos alunos, poderá ser um obstáculo ao trabalho que tem vindo a ser desenvolvido e talvez seja benéfico pensar numa forma criativa de o trabalhar com os alunos, para

que não só o conheçam, mas o entendam. Percebo que as entradas e saídas de alunos, ao longo do ano letivo, não facilitam esta tarefa. Mas trabalhar com os alunos o Regulamento Interno poderá ser mais um aliado para o trabalho já desenvolvido.

Apesar da relevância que os fenómenos de indisciplina assumem nas nossas escolas, a sua abordagem continua a ter um lugar menor ou mesmo inexistente nos currícula de formação de professores. E quando essa abordagem acontece, trata-se, muitas vezes de uma abordagem puramente teórica, que os formandos sentem como distanciada da realidade vivida na escola, não os preparando para a enfrentarem e podendo constituir uma das razões do choque com a realidade.

*“Não temos ilusão de que intervir e modificar o comportamento dos alunos seja uma tarefa fácil, mas, mesmo cientes da dificuldade do professor em exercer as inúmeras responsabilidades que lhe são atribuídas atualmente como: ensinar, educar, agradar, diagnosticar problemas emocionais, afetivos, físicos, distúrbios mentais, não podemos ficar de braços cruzados, esperando que a iniciativa seja sempre dos órgãos públicos educacionais. É preciso, dentro das nossas possibilidades, criar estratégias para intervir frente aos problemas que se manifestam dentro da escola, sejam eles de qualquer natureza, que prejudicam o processo ensino-aprendizagem.”* (Oliveira, 2009: 302-303).

E a nossa iniciativa pode começar por apostar numa formação mais concreta e prática na área da Psicologia Educacional, ou semelhantes, que auxiliem e apoiem a atuação em aula, enquanto a Indisciplina não deixar de ter uma abordagem puramente teórica nos currícula de formação dos professores. Só assim estaremos a fazer tudo ao nosso alcance para podermos desempenhar bem as nossas funções enquanto docentes.

## BIBLIOGRAFIA

- AMADO, J., e FREIRE, Isabel Pimenta (2009). *A(s) indisciplina(s) na escola. Compreender para prevenir*. Coimbra: Almedina.
- AMADO, J., e ESTRELA, M. T. (2007). Indisciplina, violência e delinquência na escola - Compreender e prevenir. In A. C. Fonseca, M. J. Seabra-Santos & M. F. F. Gaspar (Eds.), *Psicologia e Educação – Novos e Velhos Temas* (pp. 334-363). Coimbra: Almedina.
- AMADO, J. (2001a). *Interação Pedagógica e Indisciplina na Aula*. Porto: Edições ASA.
- AMADO, J. (2001b). *A indisciplina e a formação do professor competente*. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/joaoamado.pdf>, consultado a 20 de Novembro de 2011.
- AMADO, J. (1999). Indisciplina na aula: regras, tarefas e relação pedagógica. In *Psicologia, Educação e Cultura.*, Vol. III, nº 1 (pp. 53-72). Lisboa: Colégio Internato dos Carvalhos.
- BIRZEA, César (1984). *A pedagogia do Sucesso*. Lisboa: Editorial Confluência.
- BLOCH, Marc (1993). *Introdução à História*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- BRANDÃO, M. (1999). *Modos de ser professor*. Lisboa: Educa.
- CALDEIRA, Suzana Nunes e REGO, Isabel Estrela (2007). *Objetos voadores e outras histórias de indisciplina*. Coimbra: Quarteto.
- CALDEIRA, Suzana Nunes e REGO, Isabel Estrela (2007). *Episódios de vida na escola. O que devemos valorizar? Quando devemos ignorar?*. Coimbra: Quarteto.
- CÂMARA, Ana Cristina et al (s.d.). *Geografia. Orientações Curriculares 3º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- CARITA, Ana e FERNANDES, Graça (2002). *Indisciplina na sala de aula: Como prevenir? Como remediar?*. 3ª edição, Lisboa: Editorial Presença.
- CLAVAL, Paul (2006). *História da Geografia*. Lisboa: Edições Setenta.



- COSTA, J. A. e MELO, A. S. (coords.) (1989). *Dicionário da Língua Portuguesa* (6ª ed.). Porto: Porto Editora.
- CURY, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Cascais: Editora Pergaminho.
- DELAMONT, Sara (1987). *Interação na sala de aula*. Lisboa: Livros Horizonte.
- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1999). *Programa de História. Plano de organização do ensino aprendizagem*. Vol. II, 4ª ed. Lisboa: Ministério da Educação – Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- DIREÇÃO-GERAL DE FORMAÇÃO VOCACIONAL (2007). *Programa Componente de Formação Científica Disciplina de Geografia*. Lisboa: Ministério da Educação.
- DIREÇÃO-GERAL DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO (1991). *Organização Curricular e Programas*. Vol. I. Lisboa: Ministério da Educação – Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ESTRELA, Albano (2008). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*. Porto: Porto Editora.
- ECELLI, Simone Deperon (2008). A motivação como prevenção da indisciplina. In *Educar*, nº 32, pp. 199-213. Disponível em [http://www.janehaddad.com.br/new/arquivos/A\\_motivacao\\_como\\_prevencao\\_da\\_indisciplina.pdf](http://www.janehaddad.com.br/new/arquivos/A_motivacao_como_prevencao_da_indisciplina.pdf), consultado a 19 de Maio de 2012.
- ESTRELA, M. T. (1986). *Une Étude sur l'Indiscipline en Classe*. Lisboa: INIC.
- ESTRELA, M. T. (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- ESTRELA, M. T. (2010). *Profissão Docente. Dimensões afetivas e éticas*. Porto: Areal Editores.
- FERREIRA, Manuela Sanches e SANTOS, Milice Ribeiro dos (1994). *Aprender a ensinar. Ensinar a aprender*. Porto: Edições Afrontamento.
- GOOD, Thomas L. (2003). *Looking in classrooms*. Boston: Walsh.
- JESUS, Saul Neves (1996). *Influência do professor sobre os alunos: relação pedagógica, gestão da indisciplina, motivação dos alunos*. Lisboa: Asa.

- JONES, Vern (2004). *Comprehensive classroom management: creating communities of support and solving problems*. Boston: Pearson.
- LEFÈVRE, Lucien (1978). *O professor, observador e ator: condução da classe e orientação escolar*. Coimbra: Livraria Almedina.
- LEMOS, Sílvia (2011). *A utilização das TIC em sala de aula: contributo para melhorar a motivação dos alunos*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Informática Educacional. Faculdade de Ciências Humanas – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/82206710/Tese-Silvia>, consultado a 28 de Agosto de 2012.
- MADUREIRA, Rosa Maria (1998). A (In)disciplina na sala de aula: estratégias de atuação. In *Psicologia, Educação e Cultura*, vol. II, nº 1, pp. 91-101.
- MARTINS, Ernesto Candeias (2009). No cenário da escola (re)vemos a disciplina versus a indisciplina escolar. In *Revista Querubim*, Nº 08, pp. 46-55. Disponível em [http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/909/1/Rev.%20Querubim\\_n\\_8\\_2009.pdf](http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/909/1/Rev.%20Querubim_n_8_2009.pdf), consultado a 22 de Junho de 2012.
- MARTINS, Odete Sousa (coord.) (2001). *Programa de Geografia A. 10º e 11º ou 11º e 12º anos. Cursos Científico-Humanísticos de Ciências Socioeconómicas e de Ciências Sociais e Humanas. Formação Específica*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário.
- MENDES, Francisco (1998). *Fatores associados a comportamentos de (in)disciplina na sala de aula*. Disponível em [http://www.ipv.pt/millennium/ect10\\_mend.htm](http://www.ipv.pt/millennium/ect10_mend.htm), consultado a 22 de Junho de 2012.
- MENDES, Francisco (1998). Gestão do tempo de aula e os comportamentos de indisciplina dos alunos. In *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 11, nº 2, pp. 109-121.
- NÓVOA, António, org. (1991). *Profissão professor*. 2ª ed.. Porto: Porto Editora.
- OBSERVATÓRIO DE QUALIDADE (2012). *Caraterização da Escola. 2011-2012*. Lisboa: Escola Secundária Seomara da Costa Primo.

- OLIVEIRA, Maria Izete de (2009). Fatores psicossociais e pedagógicos da indisciplina: da infância à adolescência. In *Linhas Críticas*, Vol. 15, Nº 29, pp. 289-305. Disponível <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1935/193514388007.pdf>, consultado a 30 de Abril de 2012.
- POSTIC, Marcel (1984). *A relação pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora.
- RAMOS DO Ó, Jorge (2003). *O governo de si mesmo*. Lisboa: Educa.
- RIBEIRO, Maria do Céu (2010), *Ver e viver a indisciplina na sala de aula*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança. Disponível em <http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3268/1/MariaC%C3%A9uRibeiro.pdf>, consultado a 30 de Abril de 2012.
- ROLDÃO, Maria do Céu (1987). *Gostar de História. Um desafio pedagógico*. Lisboa: Texto Editora.
- SAMPAIO, Daniel (2001). Prevenção da indisciplina na escola: o papel da mudança na sala de aula. In AA. VV., *Indisciplina e violência na escola*. Lisboa: Associação Educativa para o Desenvolvimento da Criatividade, pp. 7-10.
- SANTOS, Branca (s.d.). *Gestão da sala de aula para prevenção da indisciplina: Que competências? Que formação?* Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/brancasantos.pdf>, consultado a 11 de Junho de 2012.
- SILVA, Carlos Fernandes, et al (2008). *Incidentes críticos na sala de aula. Análise comportamental aplicada (ACA)*. Coimbra: Quarteto.
- SIMON, Ingrid (2008). *Indisciplina escolar e autoridade docente*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba. 109 p..

## **ANEXOS**

## ANEXO I

	Atividade	Objetivos	Destinatários	Calendarização
ATIVIDADES DE COMPLEMENTO EDUCATIVO	<p>➤ <i>Geocaching na Amadora</i> - Exploração a nível local do espaço físico onde se insere a escola e a residência do aluno/ exploração do Património Cultural do concelho da Amadora;</p>	<p>⇒ Desenvolver a capacidade de orientação, através do uso de coordenadas geográficas;</p> <p>⇒ Observar <i>in loco</i> características geográficas do espaço onde se movimentam todos os dias;</p> <p>⇒ Conhecer o património histórico-cultural e arquitetónico da Amadora;</p> <p>⇒ Participar em actividade de grupo, respeitando as normas, regras e critérios de atuação</p> <p>⇒ Proporcionar aos alunos diferentes experiências ao nível das atividades de enriquecimento curricular.</p>	<p>⇒ Geografia – 10º Ano 6</p> <p>⇒ História – 8º 1</p>	<p>⇒ Geografia – Final do 1º Período</p> <p>⇒ História – Final do 2º Período</p>
	<p>➤ <i>Visita ao futuro: uma aula na Faculdade</i> – Assistência a uma aula na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas a fim de usufruirmos de um primeiro contacto com a realidade do Ensino Superior e, potencialmente, esclarecer futuras opções de vida.</p>	<p>⇒ Conhecer uma outra realidade de ensino: o ensino superior;</p> <p>⇒ Relacionar os conteúdos que trabalham no ensino secundário com os conteúdos que poderão trabalhar no ensino superior;</p> <p>⇒ Conhecer o espaço de um estabelecimento de ensino superior: a organização, a dinâmica, os locais próprios do grupo da comunidade escolar a que poderão pertencer - os alunos;</p> <p>⇒ Esclarecer dúvidas relativas a futuras opções profissionais;</p> <p>⇒ Proporcionar aos alunos diferentes experiências ao nível das atividades de enriquecimento curricular.</p>	<p>⇒ Geografia – 12º Ano 2+3</p>	<p>⇒ Geografia – Início do 2º Período</p>



## ANEXO II

Universidade Nova de Lisboa  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Escola Secundária Seomara da Costa Primo



Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário  
Questionário de Caracterização do Aluno

O presente questionário pretende reunir informação para caracterizar os alunos das turmas da Escola Secundária Seomara da Costa Primo onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, no ano letivo 2011/2012. A informação recolhida contribuirá para a análise do fenómeno da (In)disciplina na sala de aula, e será utilizada unicamente no relatório final da Prática de Ensino Supervisionada. Lê, com atenção, todas as questões e procura responder de forma clara e verdadeira.

### PARTE I

Ano		Turma		Número	
-----	--	-------	--	--------	--

#### Dados Pessoais

Idade		Género	
Freguesia		Concelho	
Naturalidade		Nacionalidade	

#### Caraterização do Agregado Familiar

Nº de elementos do agregado familiar					
1	Idade		Género		Profissão
	Nacionalidade				Habilitações Literárias
2	Idade		Género		Profissão
	Nacionalidade				Habilitações Literárias
3	Idade		Género		Profissão
	Nacionalidade				Habilitações Literárias
4	Idade		Género		Profissão
	Nacionalidade				Habilitações Literárias
5	Idade		Género		Profissão
	Nacionalidade				Habilitações Literárias

Caraterização da Situação Escolar															
Nº de anos em que frequento a ESSCP						Motivo da Ingressão na ESSCP									
Já ficaste retido em algum ano letivo?						Já foste alvo de algum processo disciplinar?									
Não		Sim		Ano(s) Letivo(s)		Não		Sim		Ano(s) Letivo(s)					
						Motivo									
Já alguma vez leste o Regulamento Interno do aluno da ESSCP?															
Não		Sim		Nº de vezes de leitura		Duas ideias que te recordes ter lido no referido documento									
Disciplinas de que mais gostas				1. _____		Motivo		_____							
				2. _____											
				3. _____											
Disciplinas de que menos gostas				1. _____		Motivo		_____							
				2. _____											
				3. _____											
Três qualidades tuas enquanto aluno															
Três defeitos teus enquanto aluno															
Carateriza a tua turma relativamente ao grau de indisciplina existente na disciplina de Geografia						Carateriza a tua turma relativamente ao grau de indisciplina existente na disciplina de História									
1 – Pouco indisciplinada		2 – Relativamente Indisciplinada		3 - Indisciplinada		4 - Muito indisciplinada		1 – Pouco indisciplinada		2 – Relativamente Indisciplinada		3 - Indisciplinada		4 - Muito indisciplinada	

## PARTE II

Sobre a (In)disciplina	
2.1 Refere o que é para ti a Disciplina na sala de aula?	
_____	
_____	
_____	
_____	
_____	
_____	
_____	

**2.2** *Refere o que é para ti a Indisciplina na sala de aula?*

---

---

---

---

---

---

---

---

**2.3** *Indica três disciplinas onde, na tua opinião, se propicia mais a ocorrência de comportamentos de indisciplina*

--	--	--

**2.4** *Indica três disciplinas onde, na tua opinião, se propicia menos a ocorrência de comportamentos de indisciplina*

--	--	--

**2.5** *Identifica, dos comportamentos abaixo indicados, os que consideras reveladores de indisciplina na sala de aula*

Usar linguagem obscena		Desobedecer ao professor	
Ser desatento		Ser ativo e irrequieto	
Gostar de se exhibir		Ser gabarola	
Ameaçar os colegas		Discutir com os colegas na aula	
Dormir nas aulas		Desafiar a autoridade do professor	
Agredir fisicamente os colegas e professores		Ter dificuldade em cumprir regras	
Falar fora da sua vez		Cantar ou fazer outros barulhos na aula	
Distrair os colegas		Dar pontapés ou murros nas mesas e/ou cadeiras	

**2.6** *Indica três comportamentos de indisciplina na sala de aula que não estejam apresentados na questão anterior e consideres que deveriam ser considerados*

--	--	--



**2.7** Indica cinco fatores que possam explicar a existência de indisciplina na sala de aula

--	--	--	--	--

**2.8** Apresenta cinco características que um professor competente deve ter

--	--	--	--	--

**2.9** Apresenta cinco características que um professor competente NÃO deve ter

--	--	--	--	--

**2.10** Apresenta cinco características que um professor disciplinador deve ter

--	--	--	--	--

**2.11** Apresenta cinco características que um professor disciplinador NÃO deve ter

--	--	--	--	--

**2.12** Apresenta cinco comportamentos/ações/estratégias de um professor que possam ser geradoras de indisciplina na sala de aula

--	--	--	--	--

**2.13** Na tua opinião, é mais fácil cumprir as regras impostas por um professor ou por uma professora?

Professor		Professora		Ambos	
-----------	--	------------	--	-------	--

**2.14** Indica que medidas devem ser tomadas pelo professor quando se verificam as seguintes situações na sala de aula:

<b>2.14.1</b> Aluno assobia	
<b>2.14.2</b> Aluno desautoriza o professor	

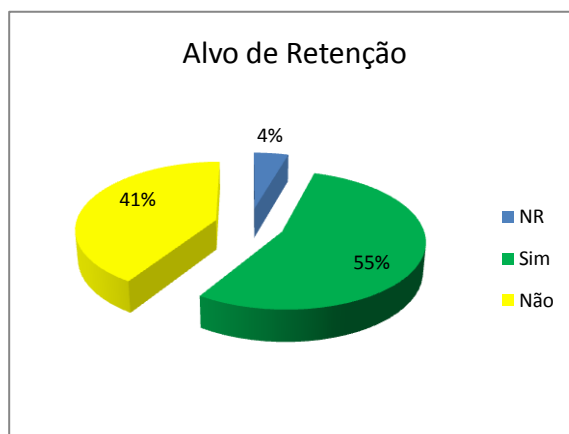
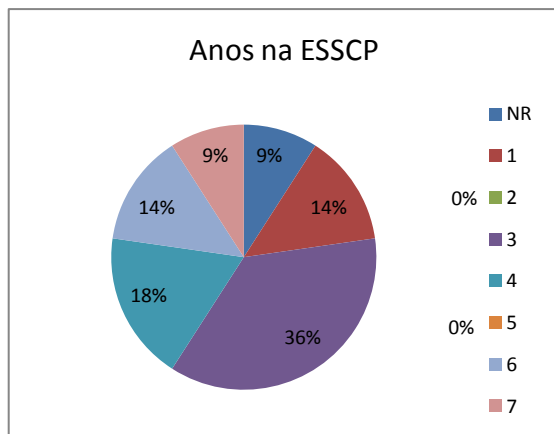
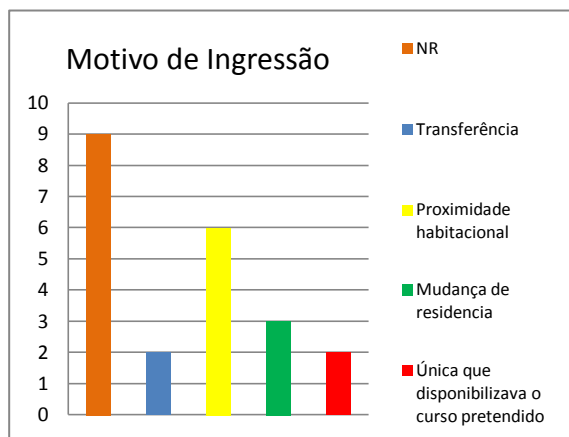
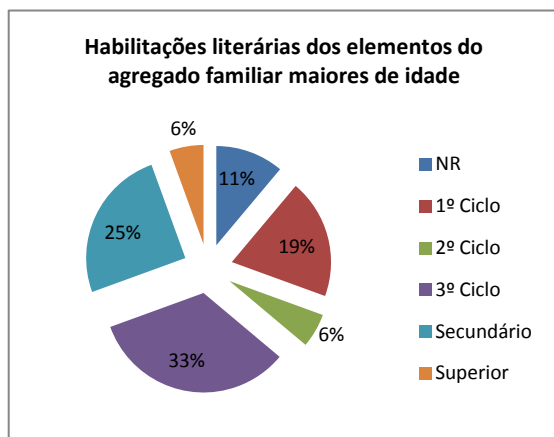
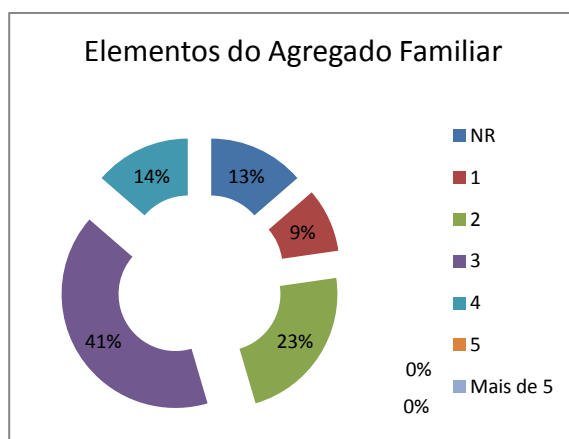
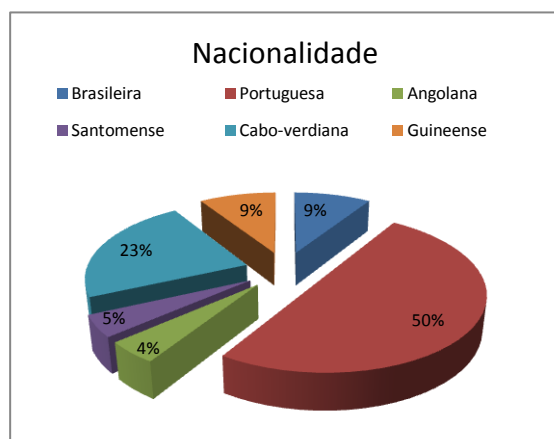
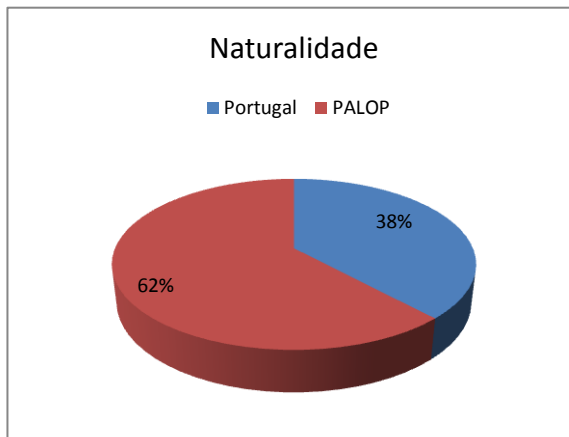
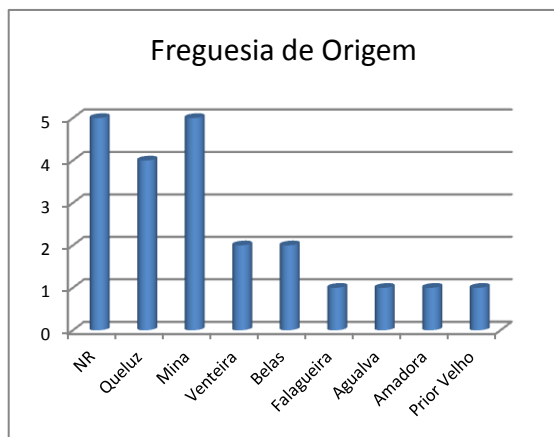
2.14.3 Aluno faz gestos impróprios	
2.14.4 Aluno ameaça o professor	
2.14.5 Aluno agride fisicamente um colega	
2.15 Analisa a situação seguinte e sublinha os comportamentos que consideres manifestações de indisciplina	
<p>Uma turma do 8º ano habitualmente tinha um comportamento considerado pelos professores como muito difícil e desapropriado. Os alunos falavam alto e todos ao mesmo tempo, levantavam-se e movimentavam-se pela sala para ir ao encontro de colegas e iniciarem ou prosseguirem com conversas que nada tinham a ver com o tema da aula; havia insultos entre alunos e a verbalização de palavrões. Além disso, nunca levavam o material necessário para as aulas.</p>	
2.16 Explica como atuarias perante a situação descrita acima, se fosses professor dessa turma	

**2.17** *Selecione, das estratégias/ações/comportamentos abaixo apresentadas, as cinco que considere mais importantes para a prevenção da indisciplina na sala de aula*

Entusiasmo do professor		Método de ensino participativo	
Clareza da exposição do professor		Método de ensino expositivo	
Sistema justo de recompensas e castigos		Capacidade de comunicação do professor	
Regras bem claras e definidas		Boa gestão do tempo de aula	
Maioria de aulas práticas		Ausência de tempos mortos	
Envolvimento dos alunos na definição das regras e estratégias a implementar na aula		Correta gestão e administração do espaço	
Organização metódica da aula		Bom conhecimento científico do professor	
Estratégias diferenciadas para alunos com necessidades diferenciadas		Capacidade do professor para motivar os alunos	
Utilização de recursos diversificados		Construção de uma relação aberta com os alunos	

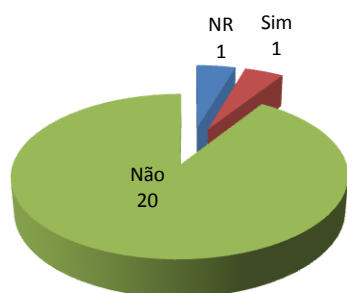
**Obrigada pela participação!**

### ANEXO III

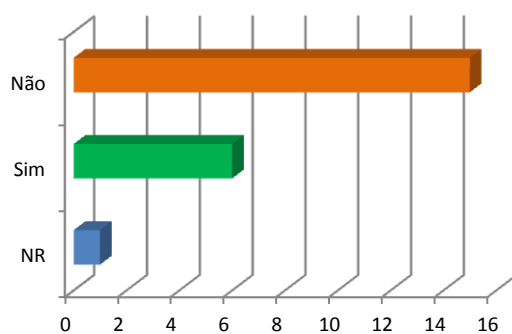


## CARATERIZAÇÃO DA TURMA 12º 2+3

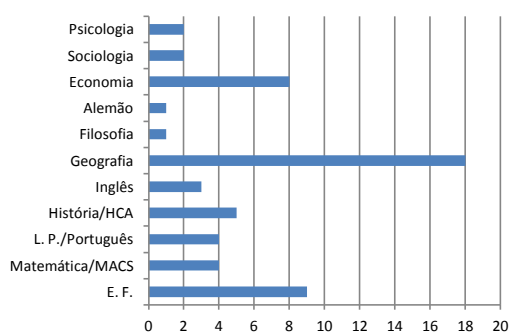
Alvo de Processo Disciplinar



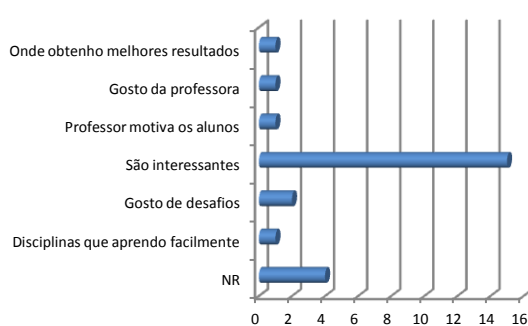
Leitura do Regulamento Interno



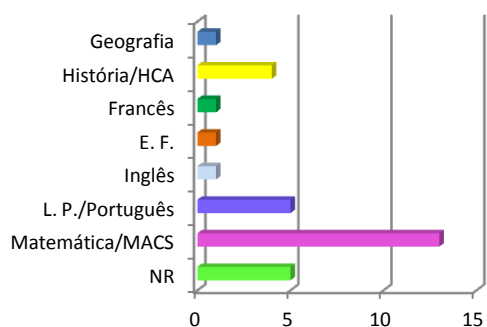
Disciplinas de que mais gosta



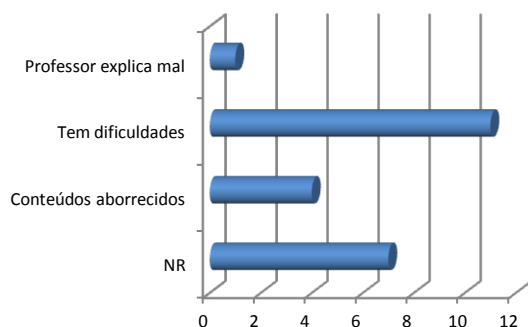
Motivo de preferência das disciplinas



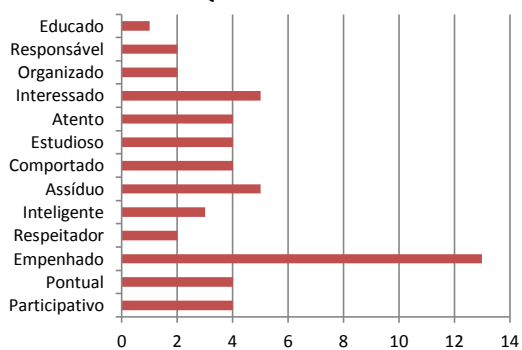
Disciplina de que menos gosta



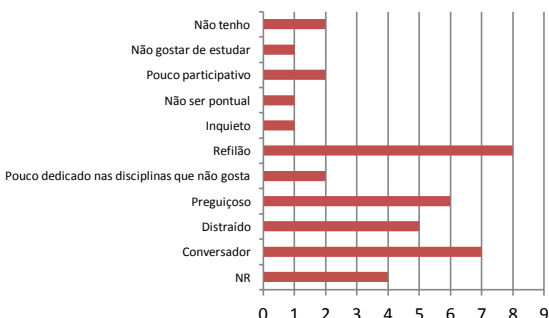
Motivo disciplinas preteridas



Qualidades



Defeitos



## ANEXO IV

### PLANIFICAÇÃO MÉDIO PRAZO

Período Letivo	Conteúdos	Objetivos	Conceitos	Nº de Aulas
	<b>TEMA 2 – Um mundo Policêntrico</b>			
1.º Período	<b>Subtema 2.1 – Os antecedentes geopolíticos e geoestratégicos</b>			
	<b>2.1.1 – A partilha do mundo no final da Segunda Guerra Mundial</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>A afirmação do poderio militar dos EUA e da URSS após 1945: a bipolarização do mundo e a Guerra Fria</li> <li>O papel do Movimento dos Não Alinhados (MNA)</li> <li>O papel da ONU face aos frágeis desequilíbrios emergentes do pós-guerra</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Explicar a afirmação do poderio militar dos EUA e da URSS, no final da Segunda Guerra Mundial;</li> <li>Explicar a existência de um equilíbrio geopolítico instável face aos conflitos regionais;</li> <li>Identificar as repercussões da Guerra Fria à escala mundial;</li> <li>Explicar o papel do Movimento dos Não Alinhados no relacionamento entre as duas superpotências, no contexto da Guerra Fria;</li> <li>Compreender o papel da ONU face aos frágeis equilíbrios emergentes no pós-guerra;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Acordo de Schengen</li> <li>Acordos de Lomé</li> <li>Centro/Periferia</li> <li>Coexistência pacífica</li> <li>Conferência de Bandung</li> <li>Conferência de Belgrado</li> <li>Dependência Económica</li> <li>Doutrina Truman</li> <li>Esfera de Influência</li> <li>Estratégia de Desenvolvimento</li> </ul>	5
	<b>2.1.2 – A reafirmação da Europa e a consolidação do Japão</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>A reafirmação da Europa como centro de decisão à escala mundial</li> <li>A afirmação do Japão como potência económica após a Segunda Guerra Mundial</li> <li>A crise do pós-Guerra e a ajuda americana</li> <li>O “milagre” económico japonês</li> <li>A segunda economia mundial</li> <li>Os choques petrolíferos e a alteração da estrutura económica</li> <li>A internacionalização da produção e a presença do Japão no mundo</li> <li>Um modelo económico dualista</li> <li>As limitações político-militares do poderio japonês</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Explicar as finalidades do Plano Marshall e do Plano Dodge, no contexto da Guerra Fria;</li> <li>Relacionar o processo de reafirmação da Europa com o papel desempenhado pela OECE/OCDE;</li> <li>Compreender a importância do processo de construção da União Europeia na reafirmação da Europa como centro de decisão;</li> <li>Explicar a afirmação do Japão como potência económica, no pós-guerra;</li> <li>Explicar a diversificação das estratégias de desenvolvimento dos Novos Países Industrializados;</li> <li>Explicar a importância que assume o posicionamento geoeconómico dos Novos Países Industrializados;</li> <li>Discutir o papel da ajuda internacional aos países do Terceiro Mundo;</li> <li>Reconhecer a importância da cooperação Norte/Sul na procura de uma Nova Ordem Económica Internacional.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Geopolítica</li> <li>Geoestratégia</li> <li>Guerra Fria</li> <li>Liberalismo Económico</li> <li>Mercado Comum</li> <li>Mercado Único</li> <li>Mundo bipolar</li> <li>Norte/Sul</li> <li>Nova ordem económica internacional</li> <li>Novos Países industrializados</li> <li>Organizações político/militares</li> <li>Países em via de desenvolvimento/ países desenvolvidos</li> </ul>	6
	<b>2.1.3 – O Terceiro Mundo e a emergência das semiperiferias</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>Os principais obstáculos ao desenvolvimento do Terceiro Mundo</li> <li>Os reflexos da colonização</li> <li>O frágil posicionamento do Terceiro Mundo no comércio internacional</li> <li>O endividamento do Terceiro Mundo</li> <li>Os sucessos e insucessos do diálogo Norte-Sul</li> <li>Os Novos Países Industrializados da Ásia Oriental e do Sudeste Asiático</li> <li>As semiperiferias da América Latina</li> <li>Os países da região do Magrebe</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Semi-periferia</li> <li>Terceiro mundo</li> <li>NPI</li> </ul>	6

**Tema:** Tema 2 - Um Mundo Policêntrico

**Subtema:** 2.1 - Os antecedentes geopolíticos e geoestratégicos

**Sumário:** Leitura do resumo da aula anterior. Conclusão do sumário da aula anterior. Exploração de um *Powerpoint* sobre a ONU. Início do trabalho de grupo sobre a ação da ONU.

**Conceitos:** Direito de Veto; Recomendações; Operações de paz; Agências especializadas

Conteúdos	Competências Gerais	Competências Específicas	Experiências de Aprendizagem			Avaliação
			Atividades/Estratégias	Desenvolvimento de Atividades/Estratégias	Recursos	
O papel da ONU face aos frágeis desequilíbrios emergentes do pós-guerra	Identificar situações problemáticas relativas às espacialidades e aos territórios;	Explicar a importância da constituição de uma organização como a ONU no quadro do pós-guerra;	Exploração do Vídeo "Construção do muro de Berlim" através de um Guião de Exploração	Concluir a resolução dialogada do Guião de Exploração.	Guião de Exploração do Vídeo "Construção do muro de Berlim"	Observação direta na sala de aula: Preenchimento da grelha de observação; Respostas orais às questões do Guião de Exploração
	Compreender lugares e regiões como componentes de um sistema global em constante mudança;					
	Compreender alguns dos problemas do mundo contemporâneo e a sua diversidade;	Explicar a existência de um equilíbrio geopolítico instável;	Exploração de um <i>powerpoint</i> sobre a ONU	Apresentar os conteúdos essenciais a reter relativamente à ONU: objetivos para que foi criada, principais órgãos que a constituem e os desafios que enfrenta atualmente.	<i>Powerpoint</i> sobre a ONU	
	Utilizar as tecnologias da informação e comunicação, concretamente os meios informáticos, para pesquisar, tratar e apresentar informação;			Analisar gráficos que expõem alguns problemas da ONU.		
	Utilizar corretamente conceitos geográficos;	Explicar o papel da ONU no relacionamento entre as duas superpotências, no contexto da guerra fria e no quadro atual das relações internacionais.	Trabalho de grupo: a ação da ONU	Investigar, no site da ONU, em que consistem algumas das operações de manutenção de paz e de segurança.	Guião do Trabalho de Grupo: a Ação da ONU	Observação direta na sala de aula: Preenchimento da grelha de observação
	Desenvolver um diálogo crítico;			Investigar, nos respetivos sites, em que consiste o trabalho de algumas das agências especializadas, que fazem parte da estrutura da ONU.	Internet	
	Usar corretamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar o pensamento próprio.					



12º 2 e 12º 3

ESCOLA SECUNDÁRIA SEOMARA DA COSTA PRIMO  
GEOGRAFIA C

TEMA 2 – UM MUNDO POLICÊNTRICO

2.1 – Os antecedentes geopolíticos e geoestratégicos

2.1.1 – A partilha do mundo no final da Segunda Guerra Mundial

ANEXO VI

Ano letivo 2011/2012

### Atividade: *Brainwriting*

**“Alianças estabelecidas em tempo de guerra raramente sobrevivem ao regresso à paz.”**

DROZ, Jacques e ROWLEY, Anthony, “O nascimento da guerra fria” in *História do Século XX*, vol 2, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1988, p. 179

#### Desafio:

Registrar, num cartão de registo, palavras ou expressões (conjuntos de palavras) suscitadas de acordo com a observação/análise das 6 imagens, relativas à problemática que a afirmação anterior apresenta.

#### Competências a desenvolver:

- Descrever e interpretar documentos iconográficos;
- Identificar situações problemáticas relativas às espacialidades e aos territórios;
- Utilizar corretamente os conceitos geográficos;
- Demonstrar espírito crítico;
- Demonstrar autonomia e confiança em si próprio.

#### Material necessário:

- 6 imagens
- 6 cartões de registo
- “*Brain*”

#### Dinâmica do Desafio:

- Formar grupos de 4 elementos;
- Analisar a imagem, relativa à problemática a tratar;
- Registrar, individualmente, no cartão entregue, uma palavra ou expressão suscitada pela observação da imagem e, depois, passar a outro elemento do grupo.
- Cada elemento terá que fazer o registo de uma palavra ou expressão diferente das já registadas, sem esquecer que o grupo tem 3 minutos para fazer os quatro registos.
- Passado o tempo estipulado, os grupos trocam de imagem e repetem o processo.
- Cada grupo terá que observar e manifestar-se sobre as seis imagens distribuídas.
- Quando a imagem e o cartão de registo regressar ao primeiro grupo que a trabalhou, este tem 10 minutos para relacionar todas as ideias registadas (as suas e as dos outros grupos) e construir uma explicação para as mesmas.
- De seguida, cada grupo tem 5 minutos para apresentar as conclusões à turma.



TEMA 2 – UM MUNDO POLICÊNTRICO

2.1 – Os antecedentes geopolíticos e geoestratégicos

2.1.1 – A partilha do mundo no final da Segunda Guerra Mundial

12º 2 e 12º 3

Ano letivo 2011/2012

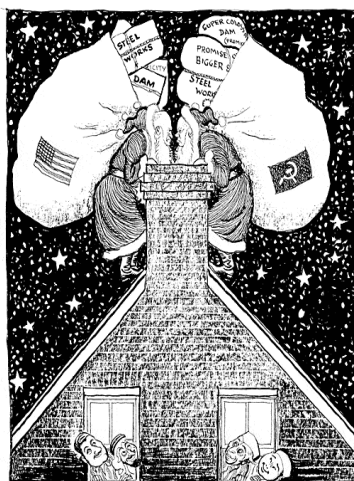
**Avaliação:**

- Cumprimento do desafio/tarefa apresentado;
- Cumprimento de todas as etapas presentes no guião da atividade;
- Cooperação com os colegas;
- Correta abordagem dos conteúdos geográficos;
- Empenho na atividade;
- Espírito crítico.

**Cartão de Realisto**

Imagem 1				
Grupo 1				
Grupo 2				
Grupo 3				
Grupo 4				
Grupo 5				
Grupo 6				

**Imagem 2**



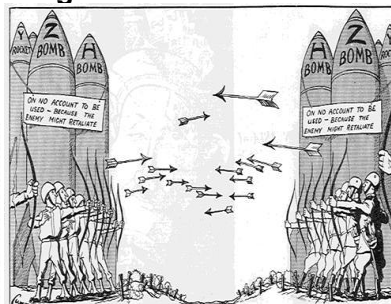
**Imagem 3**



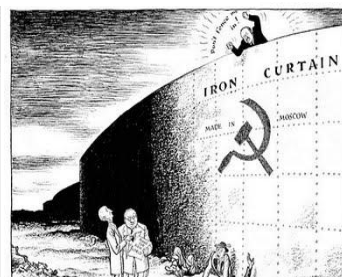
**Imagem 1**



**Imagem 5**



**Imagem 6**



**Imagem 4**



Disponíveis em:

- <http://oespaconapara.blogspot.com/2011/08/guerra-fria.html>, consultado a 29 de Setembro de 2011
- <http://historia-dos-tempos.blogspot.com/2009/11/cartoons-guerra-fria.html> consultado a 19 de Outubro de 2011

**GEOGRAFIAC - 12º ANO 2+3**  
**TEMA 2 – Um mundo policêntrico**

**Subtema 2.1 – Os antecedentes geopolíticos e geoestratégicos**  
**2.1.1 – A partilha do mundo no final da Segunda Guerra Mundial**

**Powerpoint de Síntese**



Ano Letivo 2011/2012



Professora : Sílvia de Sousa

**GEOGRAFIAC - 12º ANO 2+3**  
**TEMA 2 – Um mundo policêntrico**

**Subtema 2.1 – Os antecedentes geopolíticos e geoestratégicos**  
**2.1.1 – A partilha do mundo no final da Segunda Guerra Mundial**

**Powerpoint de Síntese (cont.)**



Ano Letivo 2011/2012



Professora : Sílvia de Sousa

Prof. Sílvia de Sousa

Nível 1 – 0-19 – Reduzido

Nível 2 – 20-49 – Não Satisfaz

Nível 3 – 50-69 – Satisfaz

Nível 4 – 70-89 – Satisfaz Bem

Nível 5 – 90-100 - Excelente



12º 2 e 12º 3

Nome: \_\_\_\_\_

ESCOLA SECUNDÁRIA SEOMARA DA COSTA PRIMO  
GEOGRAFIA C

TEMA 2 – UM MUNDO POLICÊNTRICO

2.1 – Os antecedentes geopolíticos e geoestratégicos

2.1.1 – A partilha do mundo no final da Segunda Guerra Mundial

ANEXO IX

Ano letivo 2011/2012

Nº \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### Guião de Exploração/Ficha de Aprofundamento

#### Visualização do vídeo:

#### “Movimento dos Países Não-Alinhados faz 50 anos”

**Observa, com atenção, o vídeo apresentado.**

**1.** Indica a que acontecimento se refere a reportagem visionada.

---

---

**2.** Refere onde se realizou a cerimónia e qual a importância do local.

---

---

---

**3.** Indica quantos países estavam presentes na cerimónia e identifica os continentes de origem.

---

**4.** Explica como caracteriza, a jornalista, o Movimento dos Países Não Alinhados (MNA).

---

---

---

**5.** Cita o objetivo para que foi criado o MNA, lembrado pelos países membros, durante a cerimónia.

---

---

---

---

**6.** Refere que alertas fizeram os membros do MNA, relativos ao mundo atual, e qual o papel que o MNA deverá desempenhar.

---

---

---

---

---



**Lê e observa, atentamente, os documentos apresentados e responde no teu caderno diário às questões apresentadas.**

### Documento 1

“Estamos resolvidos a não ser dominados por nenhum país, por nenhum continente. (...) Somos grandes países e queremos viver livres sem receber ordens de ninguém. Damos importância à amizade das grandes potências, mas só cooperaremos com elas em pé de igualdade. É por essa razão que erguemos a nossa voz contra a hegemonia e o colonialismo que sofremos, muitos de nós, durante longo tempo. E é por essa razão que deveremos estar vigilantes para que nenhuma outra forma de dominação nos ameace. Queremos ser amigos tanto do Oriente, como do Ocidente, como de todos no mundo.”

Nehru, Primeiro-Ministro da Índia, discurso de encerramento da Conferência de Bandung, Indonésia, 24 de Abril de 1955

### Documento 2 – Localização geográfica dos países do “Terceiro Mundo”



1. Explica a expressão “não-alinhado”.
2. Relaciona a igualdade apresentada por muitos autores, “terceiro mundo = terceiro caminho”, com os objetivos do MNA delineados em Bandung e confirmados em Belgrado.
3. Analisa o documento 17 da página 59 do teu manual e apresenta as tuas conclusões, tendo em conta os objetivos iniciais do MNA.



### Documento 3

“O presidente da Indonésia, Susilo Bambang Yudhoyono, advertiu hoje para o risco da emergência de novas rivalidades estratégicas, no momento em que o mundo lida com complexos desafios, incluindo o terrorismo e conflitos religiosos. O general fez o discurso de abertura da 16ª Conferência Ministerial do Movimento dos Não Alinhados, um grupo de 118 nações considerado por ele como ‘o maior movimento pela paz na história’. ‘Nós precisamos encorajar as potências a manter relações estáveis e cooperantes. Precisamos garantir que as mudanças sísmicas de poder não levem a uma nova tensão estratégica’, disse Yudhoyono aos representantes dos países reunidos.

‘Até onde for possível, devemos encorajar um processo construtivo de segurança cooperativa, de modo que inimigos se tornem amigos e amigos se tornem parceiros’, afirmou. Yudhoyono pediu o total desarmamento nuclear e encorajou todas as nações a ‘resolver as suas disputas e conflitos através do diálogo, de negociações e de outros meios pacíficos’. Segundo ele, o Movimento dos Não Alinhados mudou o curso da história no século XX e atuou como uma força para a estabilidade e a paz nas décadas seguintes.

‘Mas o nosso bom trabalho está longe do fim. E o nosso movimento está longe da perfeição. A melhor maneira do nosso movimento ser relevante é ser pertinente para os desafios de hoje e reagir às oportunidades’, afirmou. Segundo o indonésio, os desafios para a comunidade internacional incluem desequilíbrios económicos, tensões regionais, como o conflito entre palestinianos e israelitas, competição por recursos, terrorismo e intolerância religiosa, ‘incluindo a islamofobia’.

Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,indonesia-sedia-conferencia-dos-paises-nao-alinhados,723957,0.htm>, consultado em 24 de Outubro de 2011, adaptado

**4.** Compara os propósitos de não-alinhamento dos países reunidos em Bandung, com os propósitos que o movimento tem hoje, apresentados por Susilo Bambang Yudhoyono, presidente da Indonésia, na abertura da 16ª Conferência do Movimento.

**5.** Aponta que desafios se apresentam hoje à comunidade internacional, enunciados pelo general indonésio, onde o MNA deverá ter um papel relevante.

**6.** Comenta a afirmação do atual presidente da Sérvia, Boris Tadic, “Ainda temos muito a fazer mas não podemos esquecer o quanto o mundo mudou desde 1961, devido aos países do movimento dos não-alinhados”.

**7.** Apresenta uma explicação para o facto da comemoração dos 50 anos do MNA não ter sido notícia em Portugal.





ESCOLA SECUNDÁRIA SEOMARA DA COSTA PRIMO

GEOGRAFIA C

TEMA 2 – UM MUNDO POLICÊNTRICO

2.1 – Os antecedentes geopolíticos e geoestratégicos

2.1.1 – A partilha do mundo no final da Segunda Guerra Mundial

12º 2 e 12º 3

Nome: \_\_\_\_\_

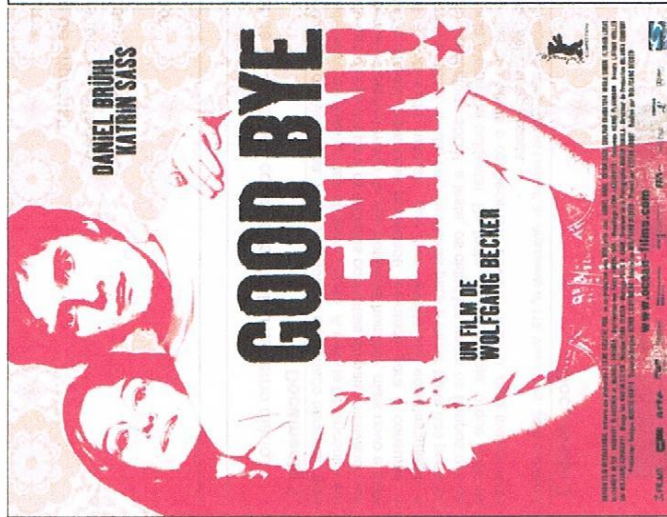
Nº \_\_\_\_\_

Ano letivo 2011/2012

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## Guião de Exploração

### Visualização do filme "Goodbye Lenin!"



Título: Goodbye Lenin!
Ano: 2003
Duração: 118 minutos
Realizador: Wolfgang Becker
Argumento: Bernd Lichtenberg e Wolfgang Becker
Interpretes:
Daniel Brühl
Katrin Sass
Maria Simon
Chulpan Khamatova
Florian Lukas
Alexander Beyer
Burghart Klausner
Música: Yann Thiersen
Fotografia: Martin Kukula
Montagem: Peter Adam e Antje Zynga

### Síntese

Outubro de 1989 era uma má altura para ficar em casa para quem vivesse na Alemanha de Leste. Mas é, precisamente, o que acontece à mãe de Alex, um ativista do progresso social. Oito meses depois, para surpresa de todos, Christiane acorda do seu coma. Mas o seu país mudou radicalmente e ela desperta numa Alemanha capitalista. O seu coração está tão fraco que o menor choque pode levá-la à morte. E, afinal, o que poderá ser mais dramático do que a queda do muro de Berlim e o triunfo do capitalismo sobre o seu país? Para salvar a mãe, Alex decide ocultar todos os fatos políticos e, para isso, transforma os 79 metros quadrados do seu apartamento numa colónia de recordações, onde a mãe é levada a acreditar que nada mudou na sua ausência.

Trailer do Filme: 2'10" <http://www.youtube.com/watch?v=r85BKBtCtEg&feature=related>

Prof. Sílvia de Sousa

1

## ANEXO X

Após a visualização do filme responde às questões apresentadas.

### 1. Seleciona, colocando um X, a opção correta:

#### 1.1 A família Kerner vive...

- ☐ ... em Bona, na República Democrática Alemã.
- ☐ ... em Berlim, na República Democrática Alemã.
- ☐ ... em Bona, na República Federal da Alemanha.
- ☐ ... em Berlim, na República Federal da Alemanha.

#### 1.2 O pai de Alex Kerner, médico de profissão, é acusado pela polícia de...

- ☐ ... ter traído a mulher.
- ☐ ... ter fugido para o Ocidente.
- ☐ ... ter roubado o hospital onde trabalhava.
- ☐ ... ter passado o Muro de Berlim de noite.

#### 1.3 Depois do pai de Alex ter saído de casa, a mãe de Alex torna-se...

- ☐ ... uma dedicada ativista do progresso social.
- ☐ ... doméstica.
- ☐ ... violenta.
- ☐ ... uma acérrima defensora dos direitos dos animais.

### 2. Preenche os espaços em branco, do texto que se segue, com as informações que o filme te proporcionou:

"(...) 7 de Outubro de \_\_\_\_\_. No dia em que a \_\_\_\_\_ festeja os seus \_\_\_\_\_ anos com uma \_\_\_\_\_ militar e um discurso de vitória do seu governante, reivindica \_\_\_\_\_. O jovem Alex Kerner junta-se aos manifestantes que nas ruas da cidade Partido, está a caminho do Palácio da República para participar nos festejos, quando assiste à atuação da \_\_\_\_\_ do seu filho. O choque de o ver em protesto contra tudo em que ela acredita e de assistir à atuação da \_\_\_\_\_ causa-lhe um ataque cardíaco, que a vai deixar em \_\_\_\_\_".

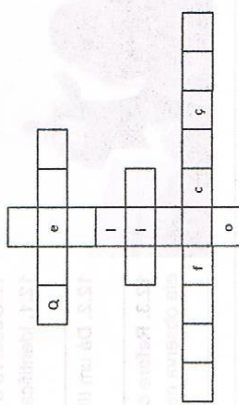
### 3. Resolve as palavras cruzadas e identifica o que acontece enquanto Christiane Kerner está no hospital.

3.1. O \_\_\_\_\_ de Erich Honecker;

3.2. A \_\_\_\_\_ do Muro de Berlim;

3.3. O \_\_\_\_\_ da RDA;

3.4. A \_\_\_\_\_ dos dois estados alemães.



Prof. Sílvia de Sousa

2



4. **Completa** o quadro relativo a algumas das mudanças verificadas na família Kerner, enquanto Christiane Kern está no hospital.

Mudanças ocorridas	Antes da queda do muro de Berlim		Depois da queda do muro de Berlim	
	O filho...	A filha...	O filho...	A filha...
A nível profissional				
A nível pessoal				

5. Passados oito meses, Christiane Kerner acorda do coma. **Refere** o que Alex decide fazer, quando sabe que o coração da mãe continua muito fraco e que o menor choque pode levá-la à morte.

---



---



---

6. **Explica** o que observa Christiane pela janela de sua casa, no dia do seu aniversário.

---



---



---

7. **Menciona** como Alex justifica a situação, que a sua mãe observa no dia do seu aniversário.

---



---



---

8. **Seleciona**, das seguintes hipóteses, que outras marcas ocidentais podem ser observadas no filme.

- ☐ Ikea ☐ Volvo  
☐ Spreewald ☐ Burger King  
☐ Tempo ☐ Trabant

9. **Identifica** três aspetos do dia-a-dia dos habitantes de Berlim Oriental em que se observa a influência do modo de vida ocidental.

---



---



---

10. **Carateriza**, numa palavra, a passagem do comunismo para o socialismo, na República Democrática Alemã.

---



---



---

11. **Indica** que acontecimento festejam, os alemães, em 1990, enquanto povo unificado.

---



---



---

12. **Observa** a imagem.

- 12.1. **Identifica** o busto que é transportado pelo helicóptero.

- 12.2. **Dá** um título a esta imagem.

- 12.3. **Refere** como explica Alex, à sua mãe, todas as mudanças que ela observa nesta saída à rua.



13. **Menciona** o segredo que Christiane revela, no fim-de-semana passado em Datsche.

---



---



---

14. **Seleciona**, das seguintes hipóteses, as características sociais, económicas e políticas do regime socialista identificadas no filme:

- ☐ Repressão ☐ Vida noturna  
☐ Eleições livres ☐ Liberdade de imprensa  
☐ Cariz militar ☐ Controlo sobre os cidadãos  
☐ Novas marcas ☐ Marcos democratas

15. **Explica** o título dado ao filme pelo seu realizador.

---



---



---

16. **Lê e analisa** os documentos seguintes e responde às questões colocadas, no teu caderno diário.

#### Documento 1

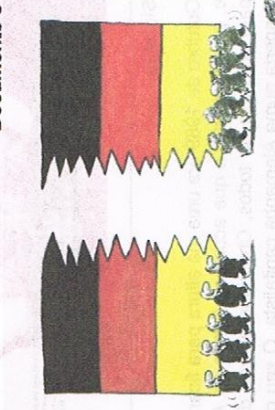
No dia 3 de Outubro de 2011 celebraram-se 21 anos da reunificação da Alemanha. A data tornou-se um feriado nacional, mas este será, possivelmente, um dos poucos elementos de unidade entre as duas partes da nova nação. A euforia do encontro em 1989 deu lugar ao ceticismo. Foram muitos os alemães de leste que passaram para os estados ocidentais do país, movendo um fenómeno conhecido como "brain drain": a parte oriental da Alemanha perdeu muito do seu potencial humano, mais novo e mais capaz. (...) Mudar de um sistema centralizado de economia socialista para uma sociedade orientada para o consumo, a privatização e a carreira individual, é um processo difícil e sobretudo moroso, que tem levado ao envelhecimento e despojavação de muitas regiões. A promessa de um futuro melhor não é, ainda, uma realidade para a maior parte das pessoas dos novos estados alemães. A estes problemas junta-se algum desconforto social: a leste, os cidadãos veem os tempos que se seguiram à reunificação como um processo de colonização pela Alemanha ocidental. De facto, pouco é, hoje, o que resta da RDA. (...) O muro que já não existe permanece na memória dos que ainda o conheceram. Levava, decerto, pelo menos mais uma geração até que a divisão geográfica e mental dos alemães seja ultrapassada.

ABRANTES, Ana Margarida (Ed.), "Adeus Lénine!", In: *Argumento* nº 116, Viseu / Nov. 2004 (adaptado)

#### Documento 2



#### Documento 3



- 16.1. **Sublinha**, no documento 1, a frase que melhor explica a mudança que ocorreu na Alemanha Oriental, depois de 1989.

- 16.2. **Relaciona** o documento 2 com o documento 3, no contexto da reunificação alemã.

- 16.3. **Explica** a afirmação "(...) a leste, os cidadãos veem os tempos que se seguiram à reunificação como um processo de colonização pela Alemanha ocidental".

- 16.2. **Relaciona** o documento 3 com o documento 1 e **explica** de que forma ainda permanece, nos nossos dias uma Alemanha "dividida".



Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

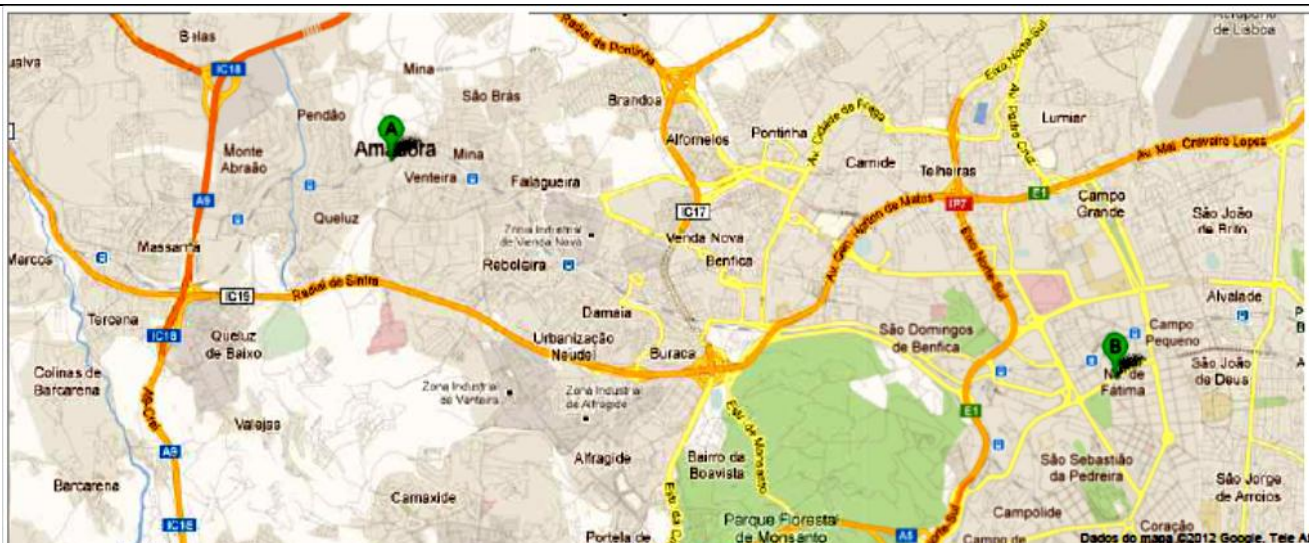
**VISITA DE ESTUDO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**  
**AGRICULTURA SUSTENTÁVEL**  
**Seminário com a professora Ana Firmino**

*"A agricultura é a arte de saber esperar."*

Riccardo Bacchelli

*Il Diavolo al Pontelungo*

**ONDE:**



A – Escola Secundária Seomara da Costa Primo, Rua Elias Garcia, nº 329, Amadora  
 B – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Avenida de Berna, 26/C, Lisboa

Disponível em <http://maps.google.pt/maps>, acessado a 09 de Abril de 2012

**QUANDO:**

April 2012						
Sunday	Monday	Tuesday	Wednesday	Thursday	Friday	Saturday
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

Disponível em <http://www.calendars.com/pt/calendar-april-2012/>, acessado a 09 de Abril de 2012

## **PORQUÊ:**

### **Objetivos da Visita:**

- ⇒ Conhecer uma outra realidade de ensino: o ensino universitário;
- ⇒ Relacionar as aprendizagens geográficas, referentes ao ensino secundário, com temáticas que são investigadas e trabalhadas no ensino universitário;
- ⇒ Conhecer o espaço de um estabelecimento de ensino superior: a organização, a dinâmica, os locais próprios do grupo da comunidade escolar a que poderão pertencer - os alunos;
- ⇒ Proporcionar aos alunos diferentes experiências ao nível das atividades de enriquecimento curricular.

### **Objetivos do Seminário:**

- ⇒ Discutir o conceito de sustentabilidade;
- ⇒ Identificar os fatores que justificam uma mudança urgente nos modos de produção agrícolas praticados;
- ⇒ Explicar a diferença entre desenvolvimento sustentável e sustentado;
- ⇒ Dominar conceitos como: Proteção Integrada, Produção Integrada, Agricultura Biológica e Agricultura Biodinâmica;
- ⇒ Explicar vantagens e desvantagens da Agricultura Biológica;
- ⇒ Explicar a importância da prática de uma agricultura sustentável para a manutenção dos recursos finitos do Planeta.

*Toda riqueza existente  
Vegetal ou mineral  
Não é moeda corrente  
É tesouro ambiental.  
Não pertence a qualquer gente  
Mas com o uso racional  
E exploração consciente  
Todos ganham por igual.*

*Geovane Alves de Andrade*

Disponível em [http://simposio.cpac.embrapa.br/simposio\\_pc210/outros/poesias.pdf](http://simposio.cpac.embrapa.br/simposio_pc210/outros/poesias.pdf),  
acedido a 09 de Abril de 2012

## **AVALIAÇÃO:**

- ⇒ Manifestação de um comportamento adequado;
- ⇒ Colaboração com colegas e professores;
- ⇒ Empenho e entusiasmo;
- ⇒ Intervenções adequadas e pertinentes durante a visita e seminário;
- ⇒ Realização das atividades propostas.

*Ao proteger um bioma  
Muito se faz, na verdade  
Não se congela em redoma  
Sua biodiversidade.  
Frutos, sementes ou goma  
Dali se pode extrair  
Com o cuidado que se toma  
Para nada destruir.*

**Geovane Alves de Andrade**

Disponível em [http://simposio.cpac.embrapa.br/simposio\\_pc210/outros/poesias.pdf](http://simposio.cpac.embrapa.br/simposio_pc210/outros/poesias.pdf),  
acedido a 09 de Abril de 2012

**Diz o que entendes por:**

**Sustentabilidade**

---

---

---

---

---

---

---

**Proteção Integrada**

---

---

---

---

---

---

---

*A agressão ambiental  
É causa e não sintoma  
De um problema social  
Que afeta qualquer bioma.  
A agroecologia  
Tem amplo potencial  
De agregar sabedoria  
Com equilíbrio ambiental.*

**Geovane Alves de Andrade**

Disponível em [http://simposio.cpac.embrapa.br/simposio\\_pc210/outros/poesias.pdf](http://simposio.cpac.embrapa.br/simposio_pc210/outros/poesias.pdf),  
acedido a 09 de Abril de 2012

*O agricultor consciente  
Faz zoneamento ambiental  
Planta o que for coerente  
Ao arranjo espacial.  
Seu negócio é diferente  
Daqueles que, em geral  
Pensam em lucrar somente  
E no fim, sempre vão mal.*

**Geovane Alves de Andrade**

Disponível em [http://simposio.cpac.embrapa.br/simposio\\_pc210/outros/poesias.pdf](http://simposio.cpac.embrapa.br/simposio_pc210/outros/poesias.pdf),  
acedido a 09 de Abril de 2012

**Agricultura Biológica**

---

---

---

---

---

---

---

## Autoavaliação da Visita de Estudo

1. Assinala com um (X) a resposta que mais se adequa:

	Insuficiente	Suficiente	Bom
Realização das atividades propostas			
Participação na discussão/debate/esclarecimento de dúvidas			
Relacionamento com os professores			
Relacionamento com os colegas			
Comportamento			

2. Refere o que consideraste mais interessante na Visita de Estudo e justifica.

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Refere o que consideraste menos interessante na Visita de Estudo e justifica.

---

---

---

---

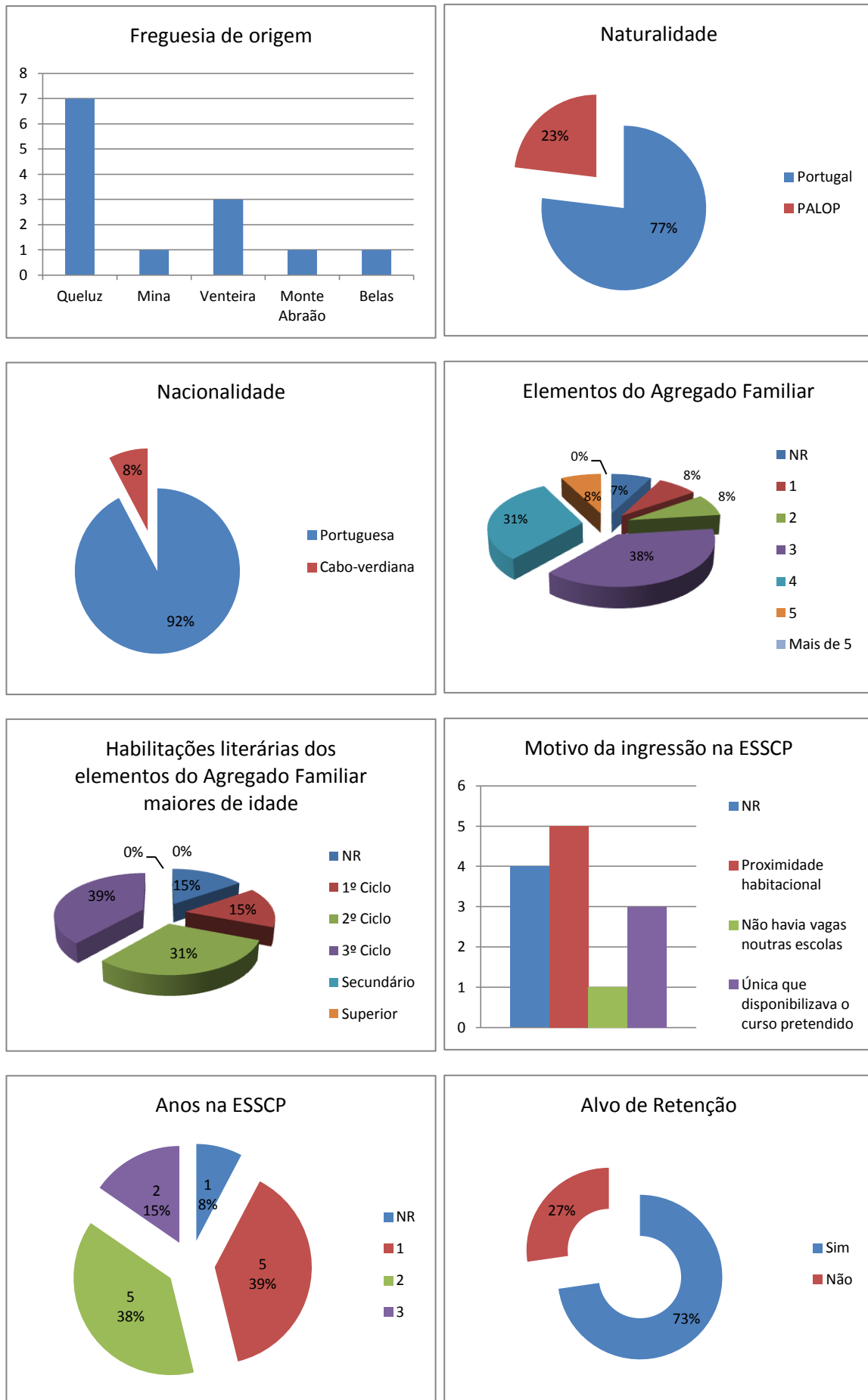
---

---

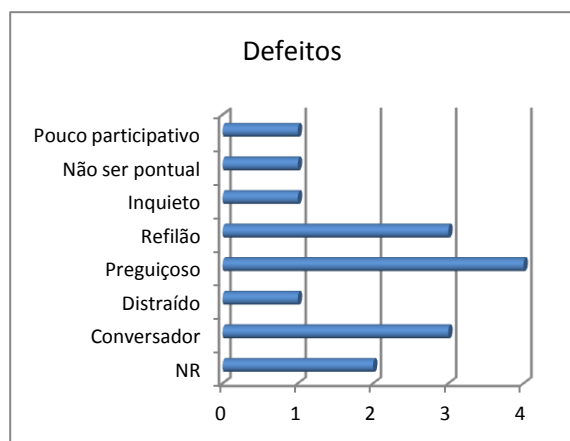
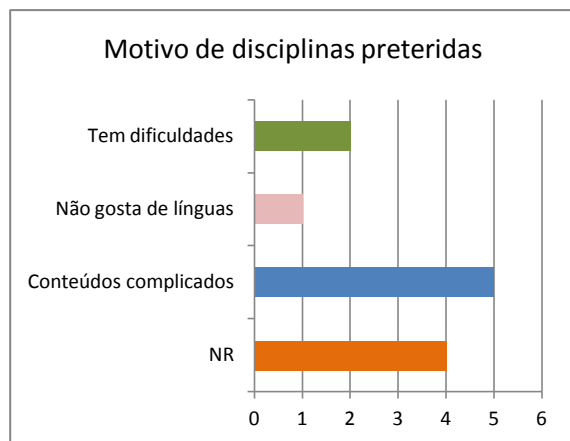
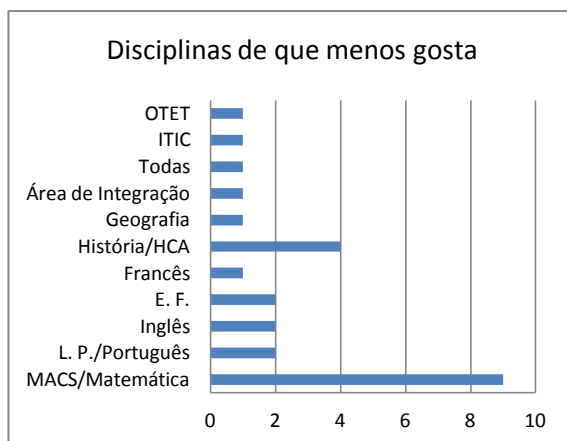
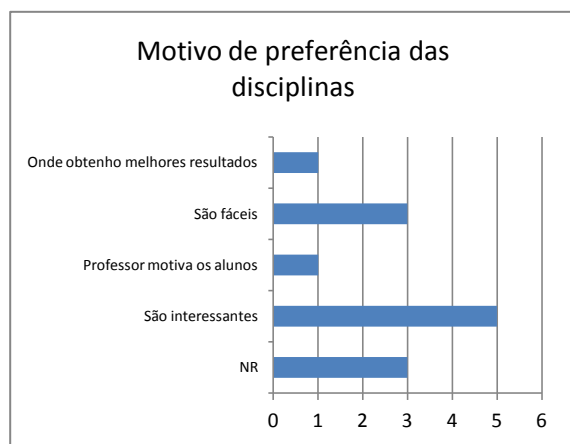
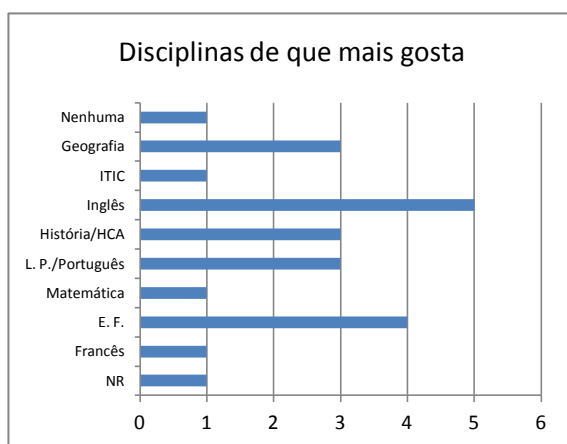
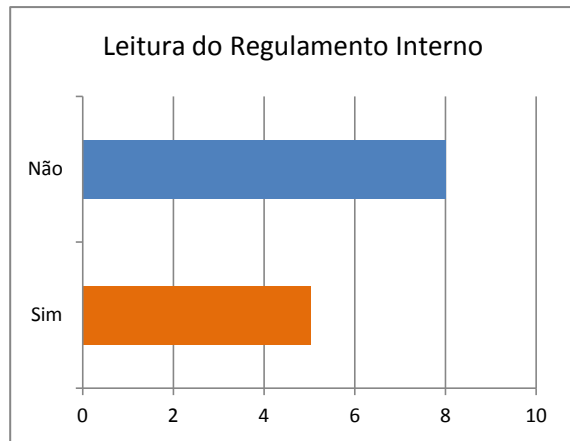
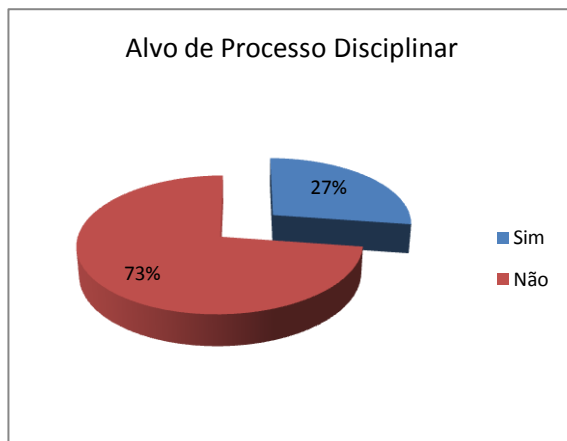
---

---

ANEXO XII



## CARATERIZAÇÃO DA TURMA 10º 6





10º 6

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

ESCOLA SECUNDÁRIA SEOMARA DA COSTA PRIMO  
CURSOS PROFISSIONAIS DE NÍVEL SECUNDÁRIO - TURISMO

**GEOGRAFIA**

Módulo B1 – O QUADRO NATURAL DE PORTUGAL - O RELEVO  
B1.1 – As características morfológicas de Portugal Continental

Ano letivo 2011/2012

## ANEXO XIII

### Guião de Exploração/Ficha de Acompanhamento

#### Parte I – Guião de Exploração

**Visualização do vídeo promocional: “Portugal, a beleza da simplicidade”**

**Observa**, atentamente, o vídeo **e responde** às questões apresentadas.

1. Das imagens observadas, relativas a Portugal, **identifica**:

a. quatro regiões portuguesas

---

---

b. três localidades

---

---

c. três monumentos/locais de interesse

---

---

d. três atividades desportivas/lazer

---

---

e. três formas de relevo

---

---

f. dois rios

---

2. Refere a região de Portugal onde se encontram as formas de relevo de...

a. ... maior altitude \_\_\_\_\_

b. ... menor altitude \_\_\_\_\_

3. **Indica** dois tipos de turismo identificáveis no vídeo.

---

---

---

4. **Explica** o *slogan* que apresenta o vídeo: *Portugal, a beleza da simplicidade*.

---

---

---

---

---

5. **Refere** que caraterísticas, físicas e/ou humanas de Portugal, acrescentarias à informação do vídeo, para tornar a apresentação mais completa.

---

---

---

6. **Menciona cinco** adjetivos que caraterizem, geograficamente, o *Portugal* a que acabaste de observar.

---

---

---

## Parte II – Ficha de Acompanhamento

### *Portugal, um território de contrastes*

#### Documento 1

“A observação de qualquer mapa hipsométrico do continente português, minimamente expressivo, torna sensíveis, logo à primeira vista, dois factos. Em primeiro lugar, a modéstia generalizada das altitudes: a sua média não vai além de 240 metros, o que é bem pouco, em comparação com os 660 metros de Espanha (...). A porção do território de Portugal continental, que fica a menos de 400 metros, ultrapassa ligeiramente os 70%, enquanto a de cotas superiores a 700 metros mal atinge 12%.

No entanto, e é esta a segunda caraterística saliente, verifica-se acentuado contraste em latitude. Para sul do Tejo, localizam-se 61,5% das áreas com menos de 200 metros e existe apenas um acidente de relevo que se projeta para cima dos 1000 metros: a serra de São Mamede (1025 metros). Pelo contrário, a norte daquele rio, estão 95% das áreas com mais de 400 metros. O ponto culminante é a Estrela, com 1991 metros.”

MEDEIROS, Carlos Alberto, *Geografia de Portugal. Ambiente Natural e Ocupação Humana. Uma Introdução*. (5ª ed.), Lisboa: Editorial Estampa, 2000 (adaptado)

1. **Refere** os dois factos que caraterizam o relevo de Portugal continental, de acordo com o autor.

---

---

---

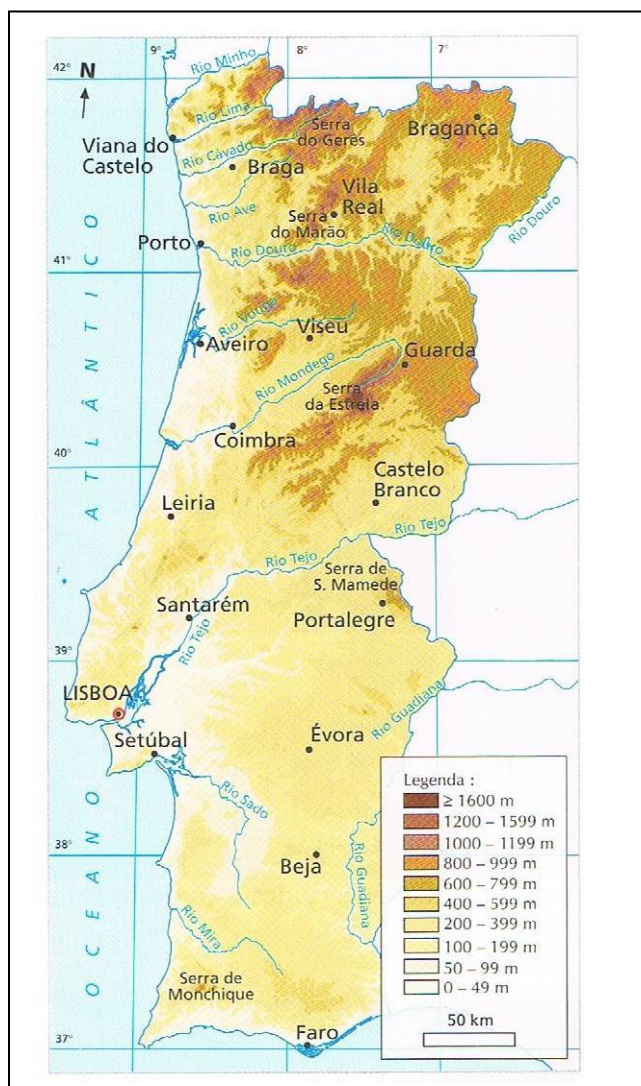
---

---



Observa o mapa do documento 2.

## Documento 2



2. Identifica o tipo de mapa apresentado.

3. Indica, de acordo com a informação do mapa, as diferenças observadas entre:

a. O Norte e o Sul de Portugal Continental

---

---

---

---

---

---

b. O Litoral e o Interior de Portugal Continental

---

---

---

---

---

---

4. **Completa** os seguintes textos com palavras/conceitos/frases, de acordo com as aprendizagens geográficas realizadas nesta aula.

O território português apresenta características morfológicas contrastantes. O Norte de Portugal continental é mais \_\_\_\_\_ que o sul, com altitudes médias mais \_\_\_\_\_, próximas dos 700 metros. Predominam as \_\_\_\_\_ e os \_\_\_\_\_, entalhados por \_\_\_\_\_ profundos. Os relevos mais significativos do norte são:

- a serra da \_\_\_\_\_, com cerca de 1991 metros (Figura 1);
- a serra do Gerês, com cerca de 1507 metros;
- a serra da Peneda, com cerca de 1416 metros;
- a serra do Marão, com cerca de 1415 metros.



a. Faz o esboço da figura, identificando a montanha, o vale e o curso de água.

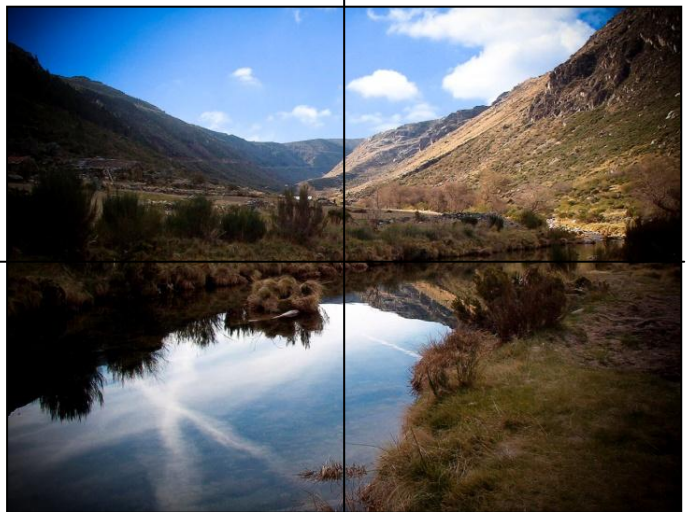



Figura 1 - Relevo com maior altitude do Norte de Portugal Continental

<http://turismocadentro.com/desporto-serra-da-estrela/>

O Sul de Portugal continental apresenta um \_\_\_\_\_ mais suave, e altitudes médias mais \_\_\_\_\_, próximas dos 200 metros. Predominam as \_\_\_\_\_ e os planaltos de baixa altitude. Os relevos mais significativos são:

- a serra de \_\_\_\_\_, com cerca de 1025 metros (Figura 2);
- a serra de Monchique, com cerca de 902 metros;
- a serra do Caldeirão, com cerca de 575 metros.



b. Faz o esboço da figura, identificando a montanha e o vale.




Figura 2 - Relevo com maior altitude do Sul de Portugal Continental

<http://www.cm-marvao.pt/turismo/natureza/serra.htm>

A separar, naturalmente, estas duas áreas de relevo está o \_\_\_\_\_ (Figura 3).



Figura 3 - Vista do Castelo de Almourol

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Tejo\\_do\\_Castelo\\_Almourol.JPG](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Tejo_do_Castelo_Almourol.JPG)



<http://www.portimar.pt/roteiros.php?lang=pt&file=32>

Também o litoral e o interior apresentam diferenças \_\_\_\_\_ significativas: no \_\_\_\_\_ predominam as \_\_\_\_\_ e os planaltos de baixa altitude, e é onde se situam as bacias do Tejo e do Sado. À medida que avançamos para o \_\_\_\_\_ do país, a altitude do relevo observado \_\_\_\_\_, e encontramos as serras e \_\_\_\_\_ mais altos.

**5. Localiza**, no mapa do documento 2, os seguintes elementos geográficos, tendo para isso, de construir a sua própria legenda:

**a)** as serras...

Marão; S. Mamede; Gerês; Estrela; Monchique

**b)** cidades...

Viana do Castelo; Vila Real; Aveiro; Guarda; Santarém; Portalegre; Lisboa; Évora; Beja e Faro

**c)** os rios...

Tejo; Minho; Douro; Mondego; Lima; Sado e Guadiana

**d)** uma serra acima dos 1000 metros de altitude

**e)** uma serra abaixo dos 1000 metros de altitude

**A minha legenda:**

## ANEXO XIV

### Trabalho de Grupo: As Principais Serras de Portugal Continental

*Ó mar de que não sei nada  
Nem vejo que desvendar,  
És só a mais larga estrada  
Para ir e voltar!*

*Eu sou lá dos montes  
Que medem o céu,  
Sou das frias serras onde primeiro  
o Sol nasceu  
E onde os rios ainda são apenas  
fontes.*

*Sou de onde as árvores falam  
A língua que eu conheço,  
Onde de mim sei tudo  
E do resto me esqueço.*



Serra da Gralheira, Viseu

Disponível em <http://tertuliadesabores.blogs.sapo.pt/59007.html>,  
acedido a 11 de Dezembro de 2011



Aldeia de Monsanto, Idanha-a-Nova

Disponível em <http://abcdosportuguesinhos.blogspot.com/>,  
a 11 de Dezembro de 2011

*Lá, tenho olhar de estrelas a luzir  
E tenho voz de guardador de rebanhos,  
Passos de quem só desce pra subir,  
Mãos sem perdas nem ganhos.*

*Contigo falo, ó mar,  
Se a Lua vem do céu passear no mundo,  
Tornando-te a planície do luar  
Sem ecos nem mistérios de profundo.*

*Mas só lá sou da terra e a terra é minha,  
Só lá eu sou do céu e o céu é para mim,  
Ó serra aonde há tal serenidade  
Que nada tem começo  
Nem fim.*

*Poema do Mar e da Serra, Branquinho da Fonseca*

#### Desafio:

Construir o Bilhete de Identidade das principais serras de Portugal Continental.

#### Competências a desenvolver:

- Localizar as principais serras de Portugal Continental;
- Caracterizar, do ponto de vista geográfico, as principais serras de Portugal Continental;
- Valorizar o património natural;
- Reconhecer a atividade turística como um importante recurso económico do país;
- Utilizar as tecnologias da informação e comunicação, concretamente os meios informáticos, para pesquisar, tratar e apresentar informação;
- Utilizar corretamente o vocabulário e os conceitos geográficos;
- Manifestar espírito de tolerância e capacidade de diálogo crítico;
- Comunicar, discutir e defender ideias próprias;
- Manifestar rigor e empenhamento na realização das atividades propostas;
- Demonstrar autonomia e confiança em si próprio.



**Temas:**

Alinhamentos de Serras	
Montemuro-Alvão-Marão	<b>Grupo 1</b> – Ana Carvalho, Luís Marcelo
Lousã-Estrela-Gardunha	<b>Grupo 2</b> – Andreia Almeida, Gonçalo Fonseca
Peneda-Amarela-Gerês	<b>Grupo 3</b> – Daniela Filipe, Luís Monteiro
Montejunto-Aire-Candeeiros	<b>Grupo 4</b> – Glória Samuel, Frederico
Serras	
Buçaco, Caramulo e Penha Garcia	<b>Grupo 5</b> – Lucília Banjaqui, Sandra Tacanho, Elves Coelho
Arrábida, Sintra e Perdigão	<b>Grupo 6</b> – Daniela Fonseca, Ana Carreira, Vasco Lourenço
S. Mamede, Monchique e Caldeirão	<b>Grupo 7</b> – Maria Leonor Fontes, Mariana Seidi, Carlos Correia

**Dinâmica do Desafio (a realizar em 90 mn):**

- Num motor de busca à vossa escolha, **pesquisem** informações sobre as serras/alinhamento de serras, relativamente aos seguintes itens:
  - Mapa de localização
  - Orientação
  - Altitude
  - Comprimento
  - Origem geológica
  - Constituição litológica
- Indicar** uma mais-valia turística para a região onde a serra/alinhamento de serras se insere;
- Criar** um *slogan* publicitário sobre a região que possa ser o mote de uma campanha turística;
- Registar** as informações pesquisadas, num *powerpoint* com o máximo de 1 slide por serra, para apresentar à turma, num período máximo de 10 minutos. Todos os elementos deverão apresentar sem ler!

**Avaliação:**

- Cumprimento do desafio/tarefa apresentado;
- Resposta a todos os itens solicitados em cada tema;
- Cooperação com os colegas;
- Correta abordagem dos conteúdos geográficos;
- Empenho na atividade;
- Espírito crítico.



10º 6

ESCOLA SECUNDÁRIA SEOMARA DA COSTA PRIMO  
CURSOS PROFISSIONAIS DE NÍVEL SECUNDÁRIO - TURISMO  
**GEOGRAFIA**  
**ATIVIDADE: GEOCACHING NA AMADORA – GUIÃO DO ALUNO**

**GRUPO**  
**A**

Ano letivo 2011/2012

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## ANEXO XV

### Geocaching na Amadora

#### Hoje de manhã saí muito cedo

Hoje de manhã saí muito cedo,  
Por ter acordado ainda mais cedo  
E não ter nada que quisesse fazer...

Não sabia que caminho tomar  
Mas o vento soprava forte, varria para um lado,  
E segui o caminho para onde o vento me soprava  
nas costas.

Assim tem sido sempre a minha vida, e  
Assim quero que possa ser sempre –  
Vou onde o vento me leva e não me  
Sinto pensar.

*Alberto Caeiro*



Disponível em <http://maps.google.pt/maps>, acedido a 25 de Janeiro de 2012

#### O que é o Geocaching?

**Geocaching** é uma atividade de ar livre no qual se utiliza um recetor de navegação por satélite ([Sistema de Posicionamento Global](#) - GPS) para encontrar uma "geocache" (ou simplesmente "cache") colocada em qualquer local do mundo. Uma *cache* típica é uma pequena caixa fechada e à prova de água, que contém um livro de registo e alguns objetos, como canetas, afia-lápis, moedas ou bonecos para troca. O grau de dificuldade varia muito, havendo desde caches escondidas em parques públicos, monumentos, cidades, até altas montanhas, desertos e mesmo na Antártida. Em Portugal, e até Dezembro de 2011, existiam 13 833 *caches*.

Uma das características que diferencia o *Geocaching* de outras atividades é o esforço feito no sentido de preservar a natureza e criar consciência ambientalista. Para tal, é normalmente pedido aos utilizadores que removam algum lixo das áreas onde praticam *Geocaching* e que deixem as áreas visitadas iguais ou em melhor estado do que as encontraram.

**Desafio:**

Descobrir as cinco *geocaches* colocadas nos arredores da escola, através da atividade de *geocaching*.

**Objetivos:**

- Desenvolver a capacidade de orientação, através do uso de coordenadas geográficas;
- Observar *in loco* características geográficas do espaço onde se movimentam todos os dias;
- Conhecer o património histórico-cultural e arquitetónico da Amadora;
- Participar em atividade de grupo, respeitando as normas, regras e critérios de atuação;
- Demonstrar autonomia e confiança em si próprio;
- Participar em experiências ao nível das atividades de enriquecimento curricular.

**Grupos:**

<b>GRUPO A</b> <b>Prof. Carlos Alegre</b>	<b>GRUPO B</b> <b>Prof.<sup>a</sup> Isabel Alves</b>	<b>GRUPO C</b> <b>Prof.<sup>a</sup> Sílvia de Sousa</b>
Carlos Correia	Vasco Lourenço	Daniela Fonseca
Daniela Filipe	Frederico	Ana Carvalho
Maria Leonor Fontes	Lucília Banjaqui	Andreia Almeida
Élves Coelho	Sandra Tacanho	Marisa Carreira
Glória Samuel	Luís Monteiro	Mariana Seidi
Neuza		Gonçalo Fonseca

**Dinâmica do Desafio (a realizar em 60 mn):**

1. O ponto de partida é a entrada da escola.
2. Será distribuído um guião a cada grupo, com as coordenadas geográficas e as pistas a seguir para cada *cache*.
3. Cada grupo deverá ter, pelo menos, um dispositivo eletrónico com GPS.
4. Os grupos terão guiões com percursos diferentes.
5. Os grupos sairão da entrada da escola com intervalos de 5 minutos, acompanhados pelo professor responsável.
6. Ao encontrar uma *cache*, o grupo deverá registar, no livro de registo, a data, as coordenadas que se apresentam no dispositivo que possuem e, cada elemento, deverá assinar a sua presença naquele local.
7. Depois das assinaturas, o grupo deverá retirar o objeto correspondente ao seu grupo e voltar a colocar a *cache* no local onde a encontrou.
8. Depois de encontrar as cinco *caches*, o grupo deverá decifrar o enigma que deverá ter em sua posse. Mas atenção! Só poderão começar a resolvê-lo depois de todos os grupos estarem na sala de aula!
9. O grupo que primeiro decifrar o enigma, terá uma recompensa.

## Preparado? Boa sorte!

Caches	Coordenadas		Pista
	1ª Cache	38° 45' 31,70" N 9° 14' 55,05" O	A tua primeira paragem Recebe-te de portas abertas De relevos roubou o nome O de Faro e as Desertas
	2ª Cache	38° 45' 27,75" N 9° 14' 56,80" O	De altos e baixos é feito Qual relevo acidentado Se a imaginação permitir Temos vales, temos planaltos, E neste exercício constante Há um coração controlado.
	3ª Cache	38° 45' 32,75" N 9° 14' 57,65" O	Da magia devem sair, a toda a pressa E por ocidente seguir caminho Ao borbulhar aproximem vossos passos Não tem meandros, é uma planície E o líquido corre, de mansinho Acima deste obstáculo natural Ergue-se a dita, de metal
	4ª Cache	38° 45' 35,40" N 9° 14' 56,80" O	Com o condutor de água tão perto Herança romana, claro está O caos aparece do nada No meio do verde que ali há
	5ª Cache	38° 45' 36,76" N 9° 14' 52,78" O	Por último, encontrarás No escolar edifício Onde a tua aula decorre A derradeira caixinha Debaixo de uma mesinha

### Avaliação:

- Cumprimento do desafio e tarefas apresentados;
- Cooperação com os colegas;
- Empenho na atividade;
- Respostas às perguntas do guião do aluno.



## Autoavaliação da Atividade de Geocaching

4. Assinala com um (X) a resposta que mais se adequa:

	Nunca	Às vezes	Sempre
Realizei as atividades propostas			
Demonstrei autonomia na realização das tarefas			
Relacionei-me bem com o (a) professor(a)			
Relacionei-me bem com os colegas			
O meu comportamento foi o adequado			
As minhas atitudes contribuíram para o sucesso da atividade			

5. Faz a apreciação global da atividade colocando um (X) na tua resposta.

	Muito	Pouco	Nada
Esta atividade enriquece a minha experiência escolar			
Esta atividade está relacionada com os conteúdos das aulas			
Aprendi com esta atividade			
Gostei da atividade			

6. O que mais gostei foi...

---

---

---

---

---

7. O que menos gostei foi...

---

---

---

---

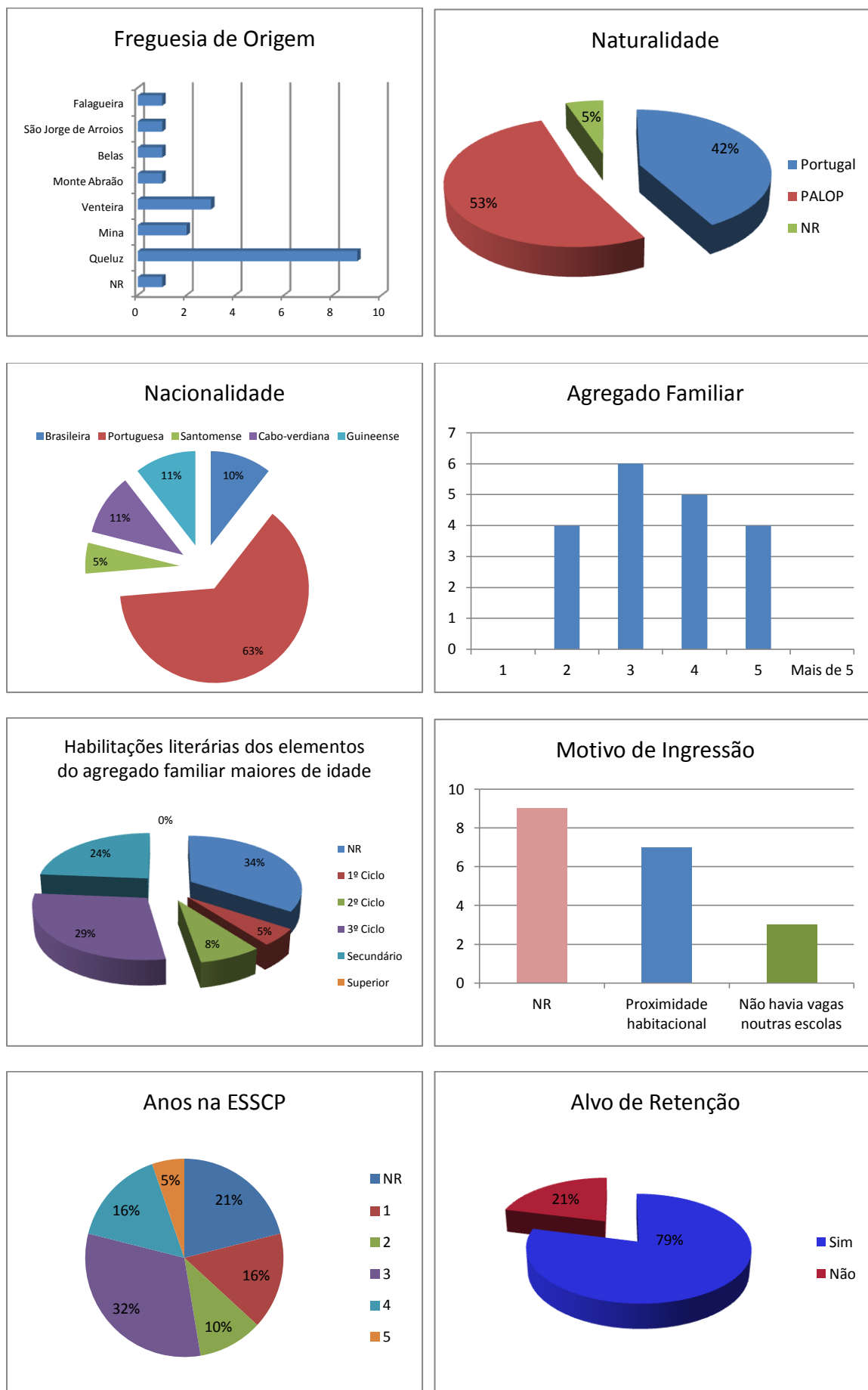
---

10º 6

Ano letivo 2011/2012

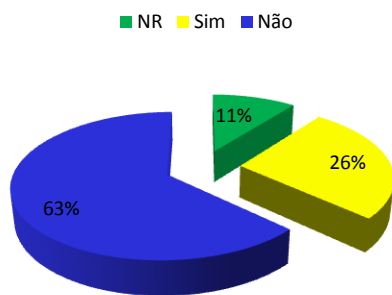
Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

ANEXO XVI

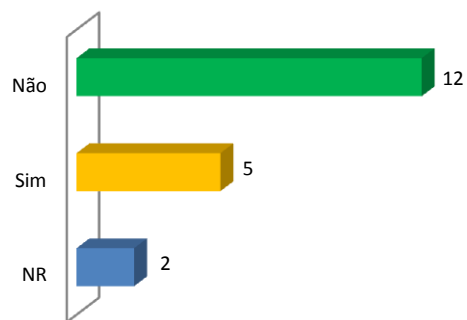


## CARATERIZAÇÃO DA TURMA 9º 3

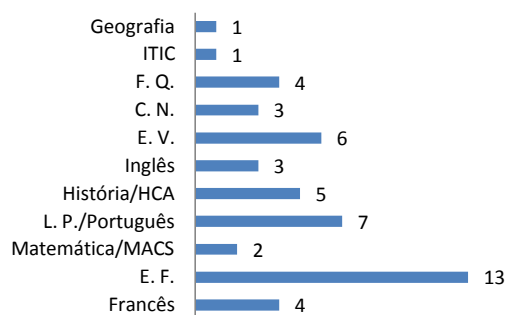
### Alvo de Processo Disciplinar



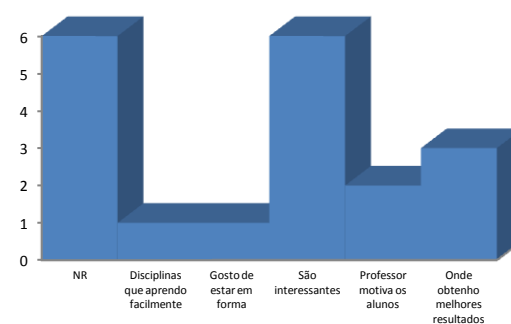
### Leitura do Regulamento Interno



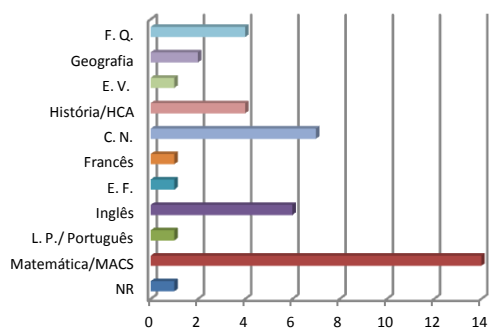
### Disciplina de que mais gosta



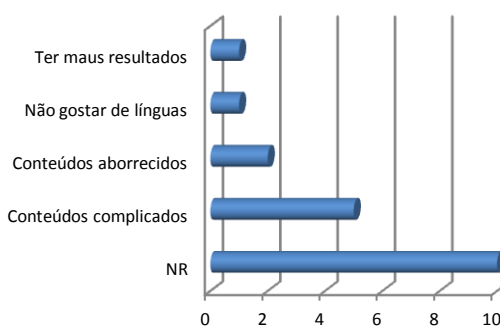
### Motivo de preferência das disciplinas



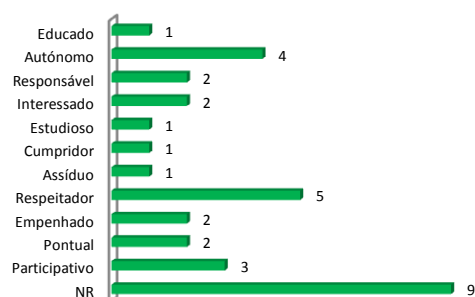
### Disciplina de que menos gosta



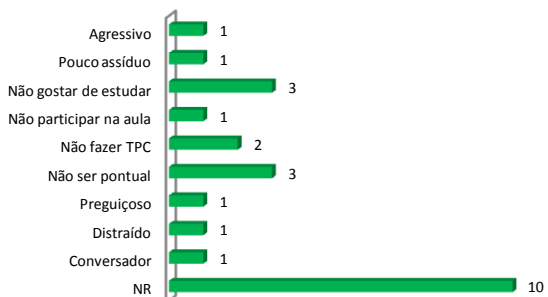
### Motivo disciplinas preteridas



### Qualidades



### Defeitos



## ANEXO XVII - PLANIFICAÇÃO DE UNIDADE

Período Letivo	Conteúdos	Objectivos	Conceitos	Estratégias	Recursos	Nº de Blocos
<b>SUBTEMA J2 – REGIMES DITATORIAIS NA EUROPA</b>						
<b>2º Período</b>	<b>J2.1 Os regimes fascista e nazi</b>					<b>2</b>
	A Crise das Democracias A ascensão do fascismo A consolidação do fascismo em Itália Os princípios do fascismo A tomada do poder pelos nazis O totalitarismo hitleriano na Alemanha Consolidação do nazismo	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar as causas do avanço da extrema-direita na Europa;</li> <li>Perceber a diversidade de opções políticas dos países europeus;</li> <li>Explicar a ascensão do fascismo;</li> <li>Identificar os princípios fundamentais do fascismo;</li> <li>Distinguir as particularidades dos regimes fascistas italiano e nazi;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Extrema-Direita</li> <li>Fascismo</li> <li>Nacionalismo</li> <li>Base de Apoio</li> <li>Camisas Negras</li> <li>Propaganda</li> <li>Corporativismo</li> <li>Militarismo</li> <li>Imperialismo</li> <li>Totalitarismo</li> <li>Nazismo</li> <li>Totalitarismo</li> <li>Estado Novo</li> <li>Economia planificada</li> <li>Coletivização</li> <li>Culto da personalidade</li> <li>Colonialismo</li> <li>Comunismo</li> <li>Marxismo-Leninismo</li> <li>Bolchevique</li> <li>Soviete</li> <li>Nacionalização</li> <li>Ditadura do Proletariado</li> <li>NEP</li> <li>Frente Popular</li> <li>Reformismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Método semi-dirigido (exposição dialogada);</li> <li>Exploração de <i>powerpoints</i>-resumo;</li> <li>Análise e interpretação de mapas, documentos escritos, gráficos e iconográficos;</li> <li>Visualização e exploração de vídeos com excertos dos discursos dos principais responsáveis políticos dos regimes estudados;</li> <li>Realização de trabalho de pares: construção de uma síntese esquemática sobre os princípios fundamentais das ditaduras em estudo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Manual</li> <li>Apresentações em <i>Powerpoint</i></li> <li>Guiões do aluno</li> <li>Documentos escritos, gráficos e iconográficos</li> <li>Vídeos relativos aos regimes estudados</li> </ul>	
	<b>J2.2 Portugal: a ditadura salazarista</b>					<b>1</b>
	A edificação do Estado Novo Os princípios do Estado Novo Corporativismo Colonialismo	<ul style="list-style-type: none"> <li>Explicar a edificação do Estado Novo e o papel de Salazar nesse processo;</li> <li>Identificar os princípios do Estado Novo;</li> </ul>				
	<b>J2.3 A Revolução Soviética</b>					<b>1/2</b>
	Da Rússia dos czares à Rússia dos Sovietes Construção da URSS	<ul style="list-style-type: none"> <li>Caraterizar a sociedade russa do princípio do século XX;</li> <li>Descrever as fases da revolução russa;</li> <li>Explicar as medidas tomadas por Lenine após a Revolução;</li> <li>Enquadrar a construção da URSS na diversidade de povos do antigo império;</li> <li>Caraterizar a era estalinista na URSS;</li> </ul>				
	<b>J2.4 A era estalinista na URSS</b>					<b>1/2</b>
	Coletivização e planificação da economia A vivência totalitária					
	<b>J2.5 As tentativas da Frente Popular</b>					<b>1/2</b>
	França: a efémera unidade de esquerda Espanha: a vitória republicana e o levantamento nacionalista; a guerra civil	<ul style="list-style-type: none"> <li>Explicar as tentativas esquerdistas de ultrapassar a crise nos casos de França e Espanha</li> </ul>				
<b>Avaliação</b>						<b>1</b>

**Tema J: Da Grande Depressão à Segunda Guerra Mundial**

**Subtema J2: Regimes Ditatoriais na Europa**

**Sumário:** Início do estudo do tema "Regimes Ditatoriais na Europa": exploração de um powerpoint sobre as causas do avanço da direita autoritária e a ascensão do fascismo italiano. Análise de fontes do manual.

**Questões Orientadoras:**

- Porque se implantaram regimes autoritários na Europa?
- Em que consiste o fascismo? E como se caracteriza?

**Conceitos:** Extrema-direita, Fascismo, Nacionalismo, Base de Apoio, Camisas Negras, Propaganda

Conteúdos	Objetivos Específicos	Experiências de Aprendizagem		
		Atividades/Estratégias	Desenvolvimento de Atividades/Estratégias	Recursos
<b>Os regimes fascista e nazi:</b>  - Causas do avanço da extrema-direita na Europa - A génese do fascismo - Características do fascismo	Identificar as causas do avanço da extrema-direita na Europa;  Perceber a diversidade de opções políticas dos países Europeus;  Explicar a ascensão do fascismo italiano;  Explicar a importância da propaganda na veiculação de ideais e mobilização das massas.	Exploração de um Powerpoint  Exposição Dialogada  Análise de documentos escritos e iconográficos	Verificar a assiduidade dos alunos Divulgar o sumário aos alunos e na plataforma WebUntis	
			Iniciar a apresentação do <i>Powerpoint</i> com a identificação das causas que estão na origem do triunfo da extrema-direita (slide 2 e 3);  Explorar essas causas, recordando conteúdos programáticos trabalhados anteriormente;	Apresentação em <i>Powerpoint</i> , slides 1, 2 e 3
			Explicar as opções políticas dos países Europeus e apresentar o fascismo como uma das vias mais seguidas;	
			Analisar oralmente os Documentos 1 e 2, página 94 e 95 do Manual, e resolver os exercícios I1, alíneas a) a c) e II1, alíneas a) a c) da rubrica "Com os Documentos Aprendes", página 95 do Manual;	Documentos 1 e 2 do Manual
			Continuar com o <i>powerpoint</i> e explicar a ascensão do fascismo italiano (slide 4 e 5);	Apresentação em <i>Powerpoint</i> , slides 4 e 5
			Analisar oralmente os Documentos 3 e 4, página 94 e 95 do Manual, e resolver os exercícios I1, alíneas d) a f) e II1, alínea d) da rubrica "Com os Documentos Aprendes", página 95 do Manual;	Documento 3 e 4 do Manual
			Analisar o Documento 5 e 6 apresentado no <i>Powerpoint</i> a partir das questões sugeridas no Guião do Aluno;	Documento 5 e 6 do <i>Powerpoint</i>
			Comunicação do trabalho de casa: Questões-problema da página 94 do Manual.	Guião do Aluno

**Competências a desenvolver:**

Identifica e caracteriza fases principais da evolução histórica e grandes momentos de rutura;  
 Localiza no tempo eventos e processos históricos;  
 Interpreta o papel dos indivíduos e dos grupos no dinamismo social;  
 Lê, interpreta e analisa documentos escritos e iconográficos, contextualizando eventos e processos, e estabelecendo conexões;  
 Relaciona saberes e conhecimentos para compreender uma situação ou problema;

Seleciona e organiza a informação de acordo com a situação dada;  
 Aplica os princípios básicos da metodologia específica da História;  
 Utiliza corretamente a Língua Portuguesa;  
 Comunica o conhecimento utilizando formas diversificadas.

**Avaliação:**

Observação direta na sala de aula: Preenchimento da grelha de observação;  
 Respostas aos exercícios do manual.

Participação Oral (Resposta a questões colocadas);

**Bibliografia:**

DINIZ, Maria Emília, TAVARES, Adérito, CALDEIRA, Arlindo, *História Nove, Parte 1*, Lisboa: Lisboa Editora, 2009  
 GOMBRICH, E. H., *Uma Pequena História do Mundo*, Lisboa: Tinta da China, 2009

*Memória do Mundo. Das origens ao ano 2000*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000  
 MAIA, Cristina, BRANDÃO, Isabel Paulos, *Viva a História!*, Porto: Porto Editora, 2010

## ANEXO XIX - Guião do Professor

**Lições 37 e 38 - 13 de Fevereiro de 2012**



**Slide 1**

→ Começar a aula com a verificação da assiduidade dos alunos e divulgação do sumário aos alunos e na plataforma WebUndis.

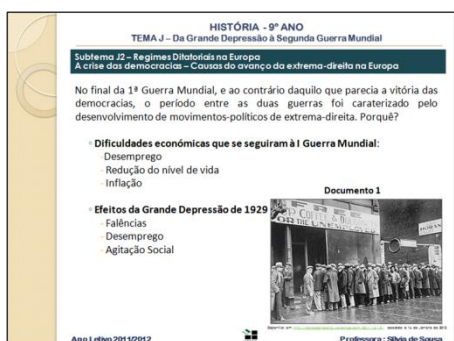
→ Dar início à apresentação do *powerpoint*, referindo que iremos iniciar uma nova unidade: os regimes ditatoriais na Europa, inserido no tema J – Da Grande Depressão à 2ª Guerra Mundial.

→ Antes de mostrar as imagens do primeiro slide do *powerpoint*, lançar a questão: sabem dizer-me o que são regimes ditatoriais? E porque será que se implantaram regimes com essas características na Europa durante este período?

→ Ir revelando as imagens do primeiro slide e perguntar se reconhecem algumas daquelas personalidades. Se reconhecerem, perguntar como estarão relacionadas com a unidade que agora se inicia.

→ O objetivo deste início de aula é perceber que conhecimentos já possuem sobre os conteúdos a tratar e começar a explorá-los a partir daí.

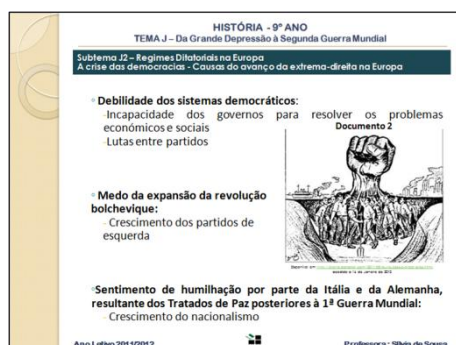
5 m



**Slide 2**

→ Começar este slide analisando a afirmação “No final da 1ª Guerra Mundial, e ao contrário daquilo que parecia a vitória das democracias, o período entre as duas guerras foi caracterizado pelo desenvolvimento de movimento políticos de extrema-direita.” Perguntar porque se poderia pensar que este seria um período de vitória das democracias, o que é isso da extrema-direita e porque será que estes movimentos se desenvolveram. A partir daqui, e mediante as respostas dadas, recordar as dificuldades económicas que se seguiram à 1ª Guerra Mundial, sobretudo na Europa (o aumento dos preços e o desemprego levaram a uma drástica redução do nível de vida), agravadas pela crise de 1929 (a crise nos EUA levou à retirada dos capitais americanos da Europa, o que levou a falências, a mais desemprego, e à agitação social que viria a pôr em causa os sistemas democráticos europeus).

10m



**Slide 3**

→ Iniciar a exploração do slide perguntando porque será que os problemas decorrentes do final da guerra e da crise de 1929 poderiam pôr em causa as democracias. Explicar o porquê relacionando-o com o crescimento dos partidos de esquerda e sindicatos operários (recordar a revolução bolchevique e quais os seus ideais). Perguntar a quem poderia incomodar este desenvolvimento da esquerda.

→ Analisar concretamente a situação da Itália e da Alemanha no final da Grande Guerra, no que diz respeito aos resultados obtidos da sua participação, e explicar o crescimento do sentimento de humilhação que terá como consequência o crescimento do nacionalismo.

→ Com o levantamento destas causas do avanço da extrema-direita, pretende-se levar os alunos a perceber que existiram várias formas de lidar com a crise política e económica que se instalou no mundo, e particularmente na Europa, após a Primeira Guerra Mundial, como a intervenção estatal, já estudada com o New Deal, iniciando-se aqui o estudo de uma outra: a implantação de regimes de extrema-direita.

→ Após a exploração dos slides 2 e 3, procederemos à leitura e exploração oral dos Documentos 1 e 2, página 94 e 95 do Manual, e resolução dos exercícios I1, alíneas a) a c) e II1, alíneas a) a c) da rubrica “Com os Documentos Aprendes”, página 95 do Manual, para consolidar os conteúdos trabalhados na primeira parte da aula. A resolução dos exercícios será feita a pares, e corrigida de seguida.

10m

Leitura:

5m

Resolução:

5m

Correção::

5m

HISTÓRIA - 9º ANO  
TEMA J - Da Grande Depressão à Segunda Guerra Mundial

Subtema J2 - Regimes Ditatoriais na Europa  
Génese e ascensão do fascismo italiano

**Dificuldades do Pós-Guerra:**

- Desvalorização da moeda
- Inflação
- Desmobilização de soldados → Desemprego
- Agitação social → greves, ocupação de fábricas e propriedades
- Pretensões territoriais fracassadas

Benito Mussolini

Feixe de Combate

- Base social de apoio - alta burguesia, classes médias, desempregados

- Milícias armadas - Camisas Negras

- Meios de Atuação - **Violência e Propaganda**

Documento 3

O Fascio - feixe de varas atadas em volta de um machado, símbolo de unidade e autoridade na Roma Antiga.

Ano Letivo 2011/2012

Professora: Sílvia de Sousa

Slide 4

→ Iniciar o estudo concreto do caso de Itália, com a exploração das dificuldades do pós-guerra (a desvalorização da moeda, a inflação dos preços e a desmobilização dos soldados após o final da guerra, aumentando as fileiras do desemprego, levaram à crise económica e social com manifestações claras de descontentamento como greves, ocupação de fábricas e propriedades) e o sentimento de humilhação já referido.

→ Explicar que é neste contexto que surge Benito Mussolini, um ex-combatente de guerra, descontente com a situação do país e o fracasso das pretensões territoriais italianas, com a exigência de um governo forte, que resolva os problemas de Itália.

→ Explicar a constituição do «Feixe de Combate» como grupos armados que desenvolviam ações de violência contra a esquerda. Justificar o porquê do feixe, símbolo da unidade e autoridade da Roma Antiga, nos tempos do império, e a importância das legiões nessa altura.

→ Justificar o crescimento do movimento criado por Mussolini com a sua base social de apoio, e os seus meios de atuação. Explicar o porquê das camisas negras.

10m

HISTÓRIA - 9º ANO  
TEMA J - Da Grande Depressão à Segunda Guerra Mundial

Subtema J2 - Regimes Ditatoriais na Europa  
Génese e ascensão do fascismo italiano

**Tomada de poder:**

- Partido Nacional Fascista - Benito Mussolini
- Marcha sobre Roma - 1922
- rei Vítor Manuel II convida Mussolini a formar governo
- Eleições de 1924 - violência, fraudes e intimidação → vitória eleitoral significativa

Ditadura do Duce Mussolini

Documento 4

A marcha sobre Roma em 1922

Ano Letivo 2011/2012

Professora: Sílvia de Sousa

Slide 5

→ Explicar a evolução natural do «Feixe de Combate» para o Partido Nacional Fascista, fundado por Mussolini, e o episódio da marcha sobre Roma, em 1922, para intimidar o governo em exercício. Desmistificar este episódio, relacionando-o com o cansaço do país em manter-se na situação de crise política e social, sem soluções à vista. O resultado foi o convite do rei Vítor Manuel II a Mussolini para formar governo, as eleições de 1924, e a consequente vitória eleitoral de Mussolini, muito devida à ação dos seus camisas negras.

→ Após a exploração dos slides 4 e 5, procederemos à leitura e exploração oral dos Documentos 3 e 4, página 94 e 95 do Manual, e resolução dos exercícios I1, alíneas d) a f) e II1, alínea d) da rubrica “Com os Documentos Aprendes”, página 95 do Manual, para consolidar os conteúdos trabalhados na segunda parte da aula. A resolução dos exercícios será feita a pares, e corrigida de seguida.

10m

Leitura:

5m

Resolução:

5m

Correção::

5m




HISTÓRIA - 9º ANO  
TEMA J – Da Grande Depressão à Segunda Guerra Mundial

**Síntese J2 – Regimes Ditatoriais na Europa  
Génese e ascensão do fascismo italiano**

**Documento 5**

"Em 1922, o fascismo está longe das veleidades revolucionárias e sociais do «feixe de combate» criado por Benito Mussolini em 23 de Março de 1919. Os seus advogados, os *squadrists*, equipados pelos grandes proprietários, organizam «exposições punitivas» contra os partidos de esquerda e as cooperativas socialistas e católicas. Em Maio de 1921, o partido fascista entra na coligação conservadora que governa a Itália. Obteve 35 deputados: a direita tradicional acha que o recuperou. É então que, por um golpe de força, ou a sua ameaça, Mussolini se apossa do poder."

Mundo da História, Da origem ao ano 2000, 2000, pág. 520

Ano Letivo 2011/2012  Professora: Sílvia de Sousa

## Slide 6


HISTÓRIA - 9º ANO  
TEMA J – Da Grande Depressão à Segunda Guerra Mundial

**Síntese J2 – Regimes Ditatoriais na Europa  
Propaganda**

**Documento 6 - Meios de propaganda política**

"Nas primeiras décadas do século XX, os políticos passaram a dispor de meios técnicos completamente novos para fazer passar as suas mensagens. Essas invenções permitiram a tiragem em grande número, e a baixo preço, de jornais e outros textos impressos que os novos meios de transporte levavam com rapidez a toda a parte. O microfone possibilitou falar a grandes multidões. A rádio fez com que um discurso pudesse ser ouvido, simultaneamente, em todos os pontos de um país (e até do mundo). Nos anos 20 e 30 do século XX, com a divulgação progressiva dos aparelhos de rádio, esse meio de propaganda política passou a ter tal impacto que já houve quem dissesse que sem a rádio não haveria Hitler. Finalmente, o cinema permitiu que a imagem em movimento fosse levada aos sítios mais remotos."

Retirado do Manual História Nova, Parte 1, Lisboa Editora, pág. 98

Ano Letivo 2011/2012  Professora: Sílvia de Sousa

## Slide 7

→ Para concluir a aula, reforçar a análise dos documentos do manual com a análise dos documentos 5 e 6 do powerpoint, através da sua leitura e exploração oral, cujas questões levantadas serão as apresentadas no guião do aluno. Se não se concluir esta análise em tempo de aula, remetê-la para trabalho de casa.

→ Encaminhar a exploração do documento 5 para a percepção de que refere, novamente, o surgimento dos grupos armados e do «Feixe de Combate», a ação dos camisas negras, o efeito intimidatório deste movimento e a tentativa de o controlar. Explorar para que episódio remeterá a última afirmação do texto. Explicar o que são veleidades.

→ Analisar o documento 6 de forma a que os alunos percebam o importante papel dos meios de comunicação de massa no desenvolvimento, implementação e consolidação destes regimes autoritários.

→ TPC: Resolução das questões-problema apresentadas no manual, página 94, numa folha à parte para entregar.

→ Distribuir o guião do aluno para que tenham o registo dos assuntos tratados em aula e os documentos 4 e 5, para poderem concluir a análise em casa.

5m

5m

## ANEXO XX - Guião das Lições 37 e 38

13 de Fevereiro de 2012

### A crise das Democracias: Causas do avanço da extrema-direita na Europa

No final da 1ª Guerra Mundial, e ao contrário daquilo que parecia a vitória das democracias, **o período entre as duas guerras foi caracterizado pelo desenvolvimento de movimentos-políticos de extrema-direita. Porquê?**

- **Dificuldades económicas que se seguiram à I Guerra Mundial:**
  - Desemprego
  - Redução do nível de vida
  - Inflação
- **Efeitos da Grande Depressão de 1929**
  - Falências
  - Desemprego
  - Agitação Social
- **Debilidade dos sistemas democráticos:**
  - Incapacidade dos governos para resolver os problemas económicos e sociais
  - Lutas entre partidos
- **Medo da expansão da revolução bolchevique:**
  - Crescimento dos partidos de esquerda
- **Sentimento de humilhação por parte da Itália e da Alemanha, resultante dos Tratados de Paz posteriores à 1ª Guerra Mundial:**
  - Crescimento do nacionalismo

#### Documento 1



Disponível em

<http://capeiaarraiana.wordpress.com/2011/12/13/>

acedido a 16 de Janeiro de 2012

#### Documento 2



Disponível em

<http://oterra.blogspot.com/2011/05/burgueses-e-proletarios.html>, acedido a 16 de Janeiro de 2012

## Génese e ascensão do fascismo italiano

### Dificuldades do Pós-Guerra:

- Desvalorização da moeda
- Inflação
- Desmobilização de soldados → Desemprego
- Agitação social → greves, ocupação de fábricas e propriedades
- Pretensões territoriais fracassadas



**Benito Mussolini**



**Feixe de Combate**



- Base social de apoio – alta burguesia, classes médias, desempregados
- Milícias armadas – Camisas Negras
- Meios de Atuação - Violência e Propaganda

### Tomada de poder:

- Partido Nacional Fascista – Benito Mussolini
- Marcha sobre Roma – 1922
- rei Vítor Manuel II convida Mussolini a formar governo
- Eleições de 1924 – violência, fraudes e intimidação → vitória eleitoral significativa



**Ditadura do *Duce* Mussolini**

### Documento 3



Disponível em

<http://www.ilculturista.it/cultura/?p=7714>, acedido

a 16 de Janeiro de 2012

O *Fascio* – feixe de varas atadas em volta de um machado, símbolo de unidade e autoridade na Roma Antiga.

### Documento 4



Disponível em

<http://fascismo3b.blogspot.com/2010/10/marcha-sobre-roma-ascensao-de-mussolini.html>, acedido a

16 de Janeiro de 2012

### Documento 5

“Em 1922, o fascismo está longe das veleidades revolucionárias e sociais do «feixe de combate» criado por Benito Mussolini em 23 de Março de 1919. Os seus ativistas, os *squadristes*, equipados pelos grandes proprietários, organizam «exposições punitivas» contra os partidos de esquerda e as cooperativas socialistas e católicas. Em Maio de 1921, o partido fascista entra na coligação conservadora que governa a Itália. Obteve 35 deputados: a direita tradicional acha que o recuperou. É então que, por um golpe de força, ou a sua ameaça, Mussolini se apossa do poder.”

*Memória do Mundo. Das origens ao ano 2000, 2000, pág. 520*

### Documento 6 - Meios de propaganda política

“Nas primeiras décadas do século XX, os políticos passaram a dispor de meios técnicos completamente novos para fazer passar as suas mensagens. Essas invenções permitiram a tiragem em grande número, e a baixo preço, de jornais e outros textos impressos que os novos meios de transporte levavam com rapidez a toda a parte. O microfone possibilitou falar a grandes multidões. A rádio fez com que um discurso pudesse ser ouvido, simultaneamente, em todos os pontos de um país (e até do mundo). Nos anos 20 e 30 do século XX, com a divulgação progressiva dos aparelhos de rádio, esse meio de propaganda política passou a ter tal impacto que já houve quem dissesse que sem a rádio não haveria Hitler. Finalmente, o cinema permitiu que a imagem em movimento fosse levada aos sítios mais remotos.”

*Retirado do Manual História Nove, Parte 1, Lisboa Editora, pág. 98*

### Para refletir:

1. **Refere** em que consistia o «feixe de combate».
2. **Refere** quem eram e como atuavam os *squadristes*.
3. Com a informação do texto, **explica** a afirmação “Em 1922, o fascismo está longe das veleidades revolucionárias e sociais do «feixe de combate» criado por Benito Mussolini em 23 de Março de 1919”.
4. **Identifica** os meios técnicos de comunicação que se desenvolveram durante o século XX.
5. **Explica** a importância desse desenvolvimento na implementação e consolidação dos regimes fascistas.
6. Segundo o texto, **indica**, o meio de comunicação por excelência, utilizado nos anos 20 e 30 do século XX. **Justifica** a tua escolha.



## ANEXO XXII - Guião de Exploração

Vídeo: Discursos de Mussolini



Disponível em <http://desmistificandoofascismo.blogspot.com/2011/01/fascismo-origens-evolucao-e-como-se.html>, acedido a 16 de Janeiro de 2012

1. Identifica a saudação que Mussolini faz à multidão.

---

---

2. Apresenta uma explicação para a utilização dessa saudação.

---

---

---

---

---

---

3. Refere como Mussolini caracteriza o século XX.

---

4. Justifica a opinião de Mussolini.

---

---

---

---

---

---

5. Apresenta duas ideias expressas nos discursos de Mussolini que espelham o nacionalismo do regime fascista.

---

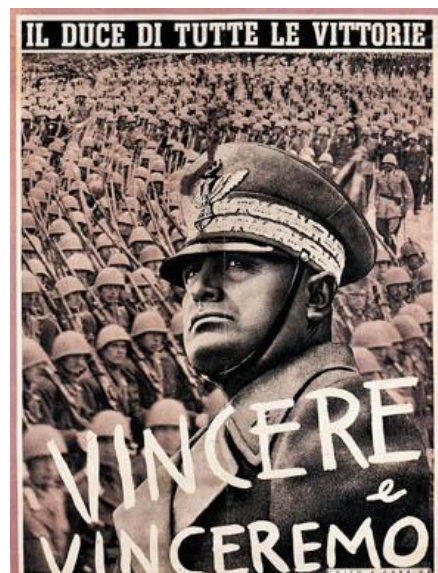
---

---

---

---

---



Disponível em <http://www.veja.it/2010/04/15/le-metamorfosi-della-bella-gioventu/>, acedido a 16 de Janeiro de 2012



---

---

6. Explica o sentido da frase “É agora que começa a história de Itália”.

7. Indica o objetivo da campanha de propaganda apresentada no vídeo.

8. Identifica o acontecimento que ocorre a 25 de Março de 1934.

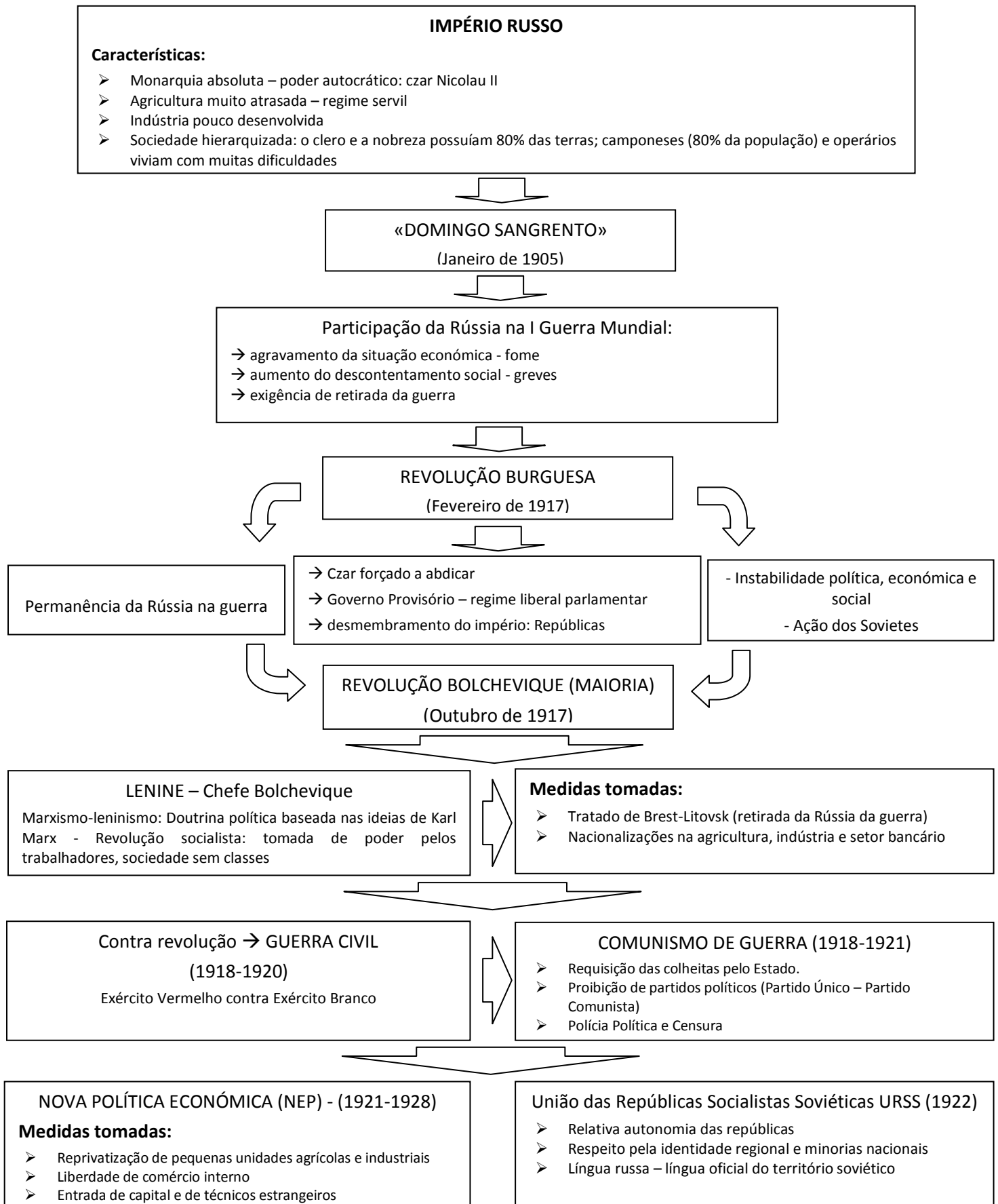
9. Refere como esse acontecimento é descrito no vídeo.

10. Carateriza o comportamento de Benito Mussolini durante os discursos apresentados.



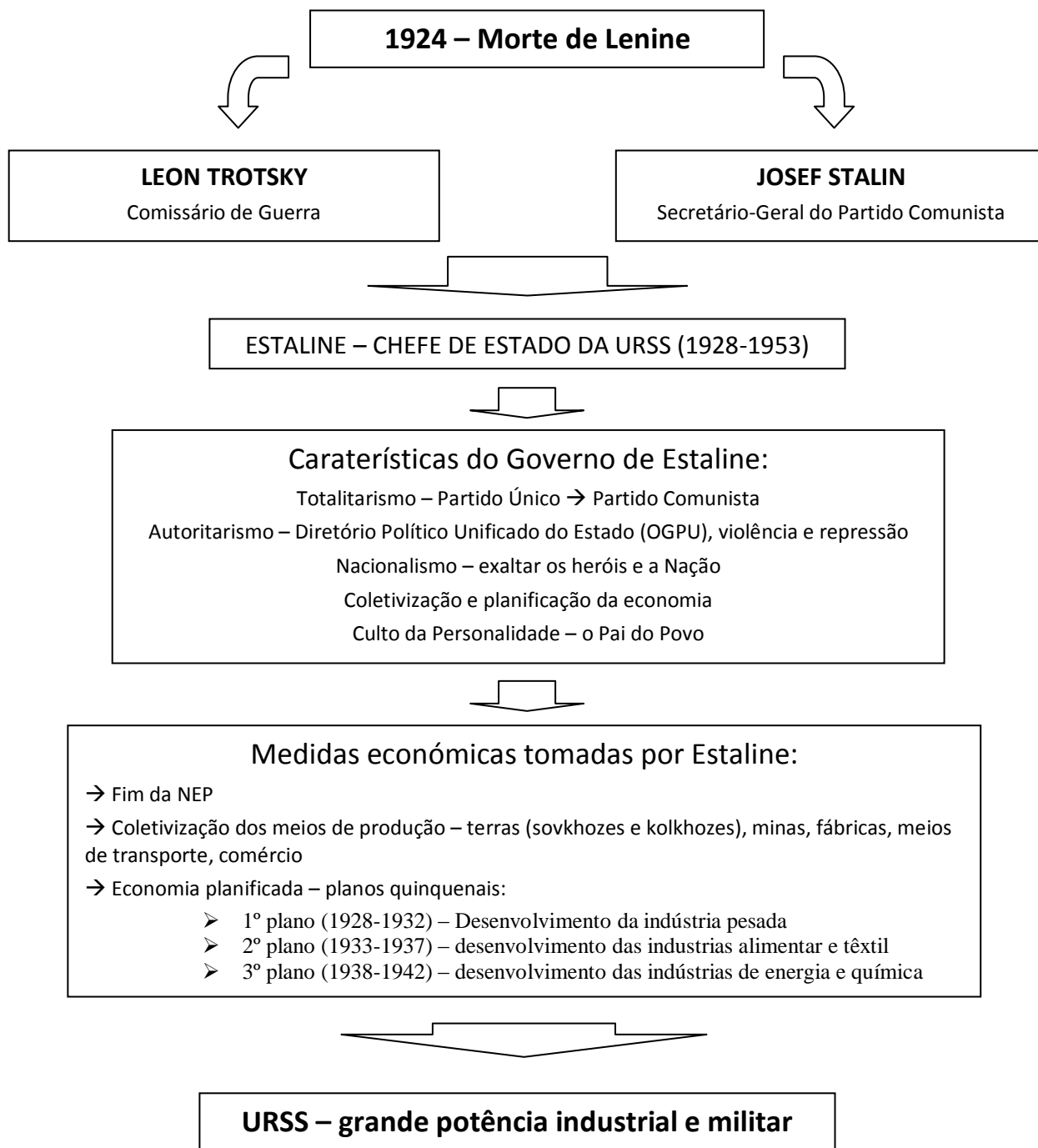


Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**ANEXO XXIII - Esquema Síntese - Da Rússia dos czares à Rússia dos sovietes**



### Esquema Síntese – A era estalinista na URSS



## ANEXO XXIV - ATIVIDADE

### Esquema Conceptual

#### Objetivo:

Construir, com o colega do lado, um esquema conceptual com os conceitos apresentados, relacionados com o subtema *Regimes Ditatoriais da Europa* que acabaste de estudar:



#### Tarefa 1:

Identificar o tema principal ou conceito central.

#### Tarefa 2:

*Brainstorm* sobre tudo o que sabes sobre o assunto. Podes consultar os guiões do aluno e os esquemas síntese distribuídos nas aulas, exceto o manual.

#### Tarefa 3:

Organizar e/ou hierarquizar as informações, de acordo com os pontos principais.

#### Tarefa 4:

Colocar a informação em esquema na folha A4 distribuída pela professora, desenhando ramos, setas e/ou outros símbolos para indicar a natureza do relacionamento entre os conceitos.



ESCOLA SECUNDÁRIA SEOMARA DA COSTA PRIMO

**HISTÓRIA**

TEMA G – O ARRANQUE DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL  
E O TRIUNFO DAS REVOLUÇÕES LIBERAIS  
SUBTEMA – AS REVOLUÇÕES LIBERAIS

Ano Letivo

2011 – 2012

Turma: 8º 1

**ATIVIDADE**

**Esquema Conceptual - Folha de Resolução**

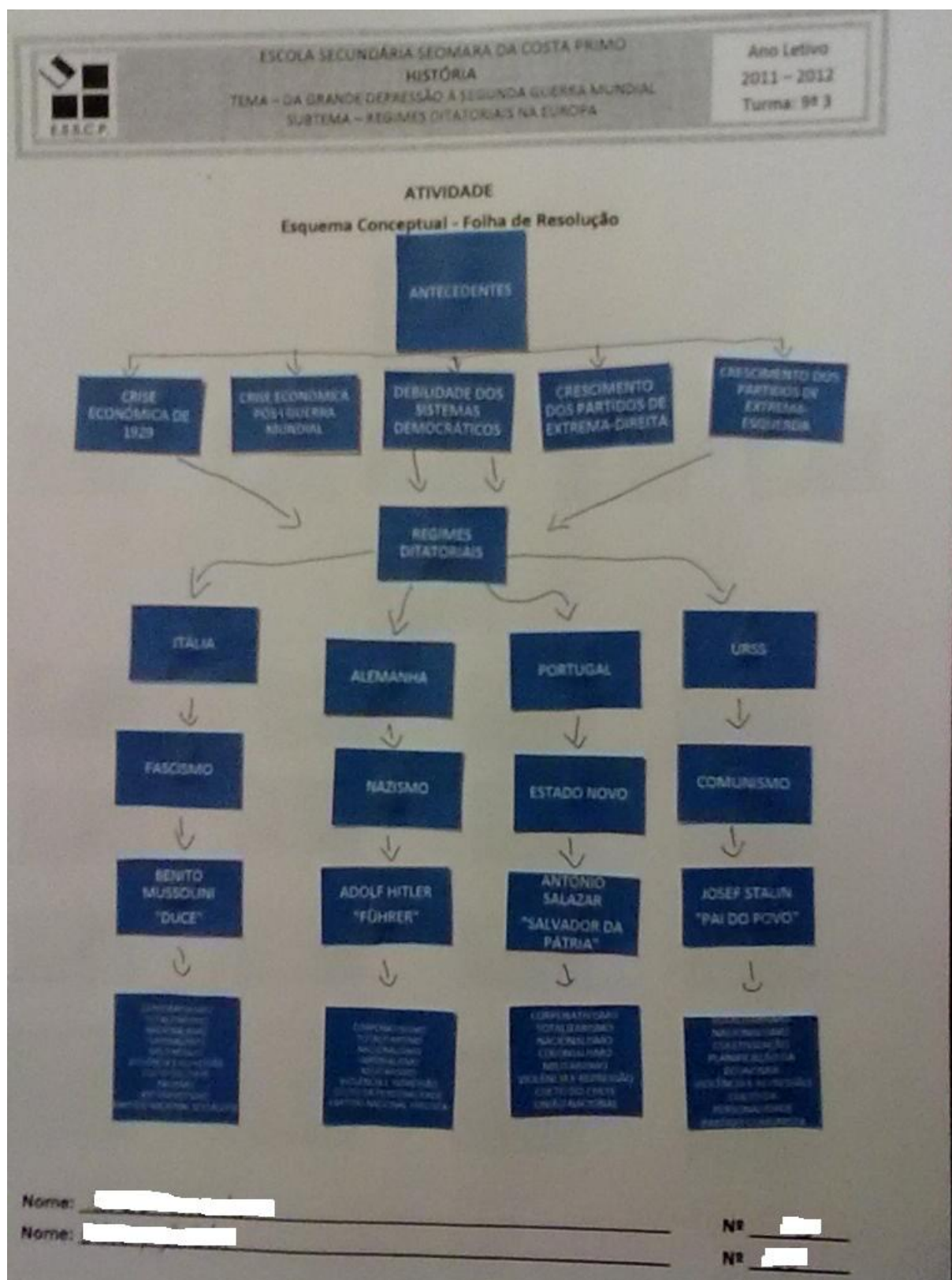
Nome: \_\_\_\_\_

Nº \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Nº \_\_\_\_\_

## Proposta de Esquema Conceptual realizada por dois alunos



Ficha de Autoavaliação da Disciplina de História de 13/02 a 19/03/2012

Nome: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Reflete sobre o teu desempenho na disciplina de História no período considerado e preenche a seguinte ficha de autoavaliação.

	Aprendizagem				Atento			Avaliação Global				Comportamento				Interessado			Organizado			Participante			TPC			
	Excelente	Satisfaz Bem	Satisfaz	Não Satisfaz	Sempre	Nem Sempre	Nunca	Excelente	Satisfaz Bem	Satisfaz	Não Satisfaz	Mto Bom	Bom	Suf.	Fraco	Sempre	Nem Sempre	Nunca	Sempre	Nem Sempre	Nunca	Sempre	Nem Sempre	Nunca	Sempre	Frequentemente	Raramente	Nunca
13/02 a 12/03/2012																												

Avalia o teu grau de satisfação em relação aos itens abaixo explicitados, assinalando o nível que considerares mais ajustado à tua situação pessoal.

Competências	13/02 a 19/03/2012			
	Mto. Bom	Bom	Suficiente	Fraco
Progridi na redação de textos, com informação adequada e linguagem correta.				
Identifico informações fundamentais a partir de fontes históricas.				
Situo cronológica e espacialmente os acontecimentos e os processos relevantes, relacionando-os com os contextos em que ocorreram.				
Consigo organizar o meu estudo.				
O meu grau de satisfação pessoal em relação ao trabalho individualmente realizado neste período de aulas é...				

Assinala com uma cruz as hipóteses que considerares pertinentes em cada um dos seguintes grupos.

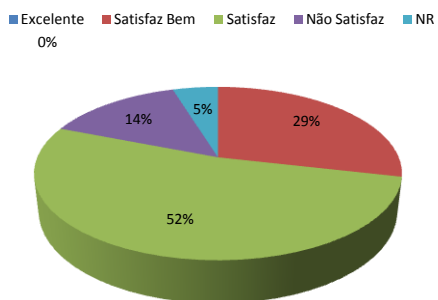
Dificuldades sentidas ao longo deste período		Alterações a introduzir no meu trabalho	
	2º P		2º P
Desinteresse por esta disciplina		Organizar melhor o tempo disponível.	
As matérias lecionadas não eram interessantes		Procurar definir um método de estudo + ajustado à minha personalidade	
Dificuldade de concentração nas aulas		Solicitar mais apoio à professora fora da sala de aula	
Falta de tempo para estudar		Maior investimento nesta disciplina	
Dificuldade em organizar o estudo/Falta de método de estudo		Outros aspetos:	
Grau de exigência da professora			
Falta de apoio do professor fora das aulas			
Outras dificuldades:			

Avalia o funcionamento das aulas.

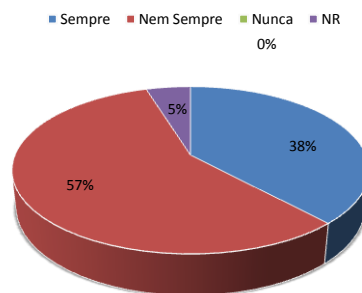
Organização e realização das aulas	13/02 a 12/03/2012			
	Mto. Bom	Bom	Suficiente	Fraco
Quantidade e qualidade dos materiais facultados pela professora.				
Domínio científico da matéria revelado pela professora.				

## GRÁFICOS DE ANÁLISE DOS DADOS RELATIVOS À AUTOAVALIAÇÃO DA TURMA 9º 3

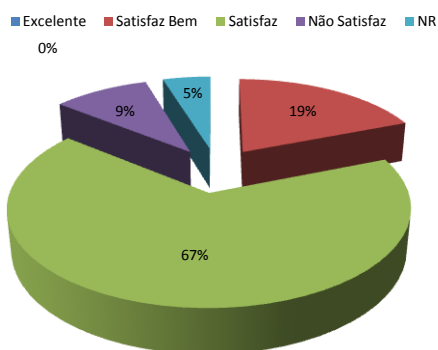
Aprendizagem



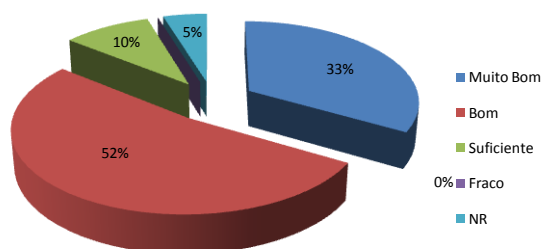
Atento



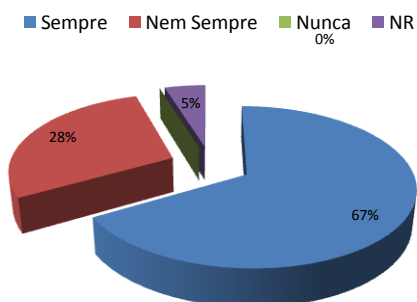
Avaliação Global



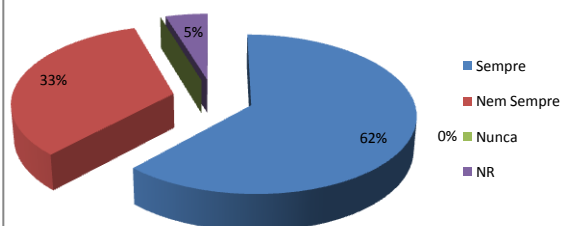
Comportamento



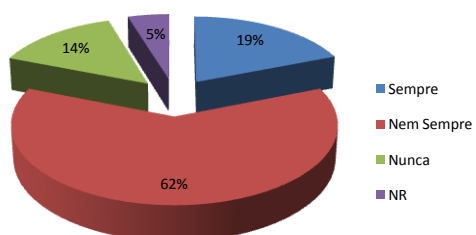
Interessado



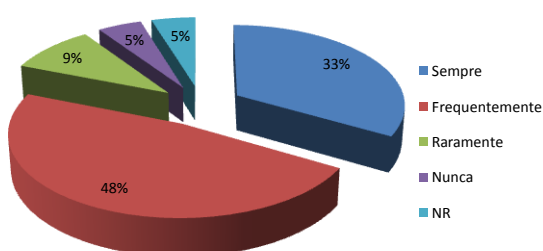
Organizado



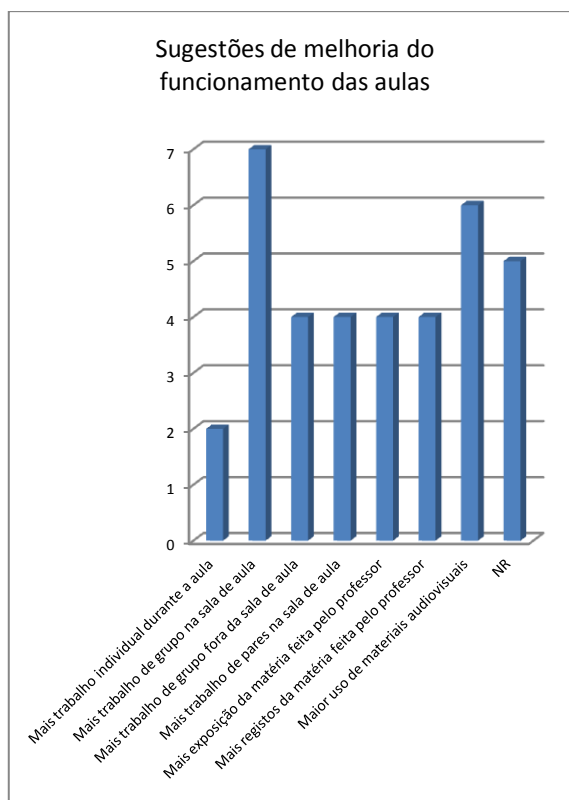
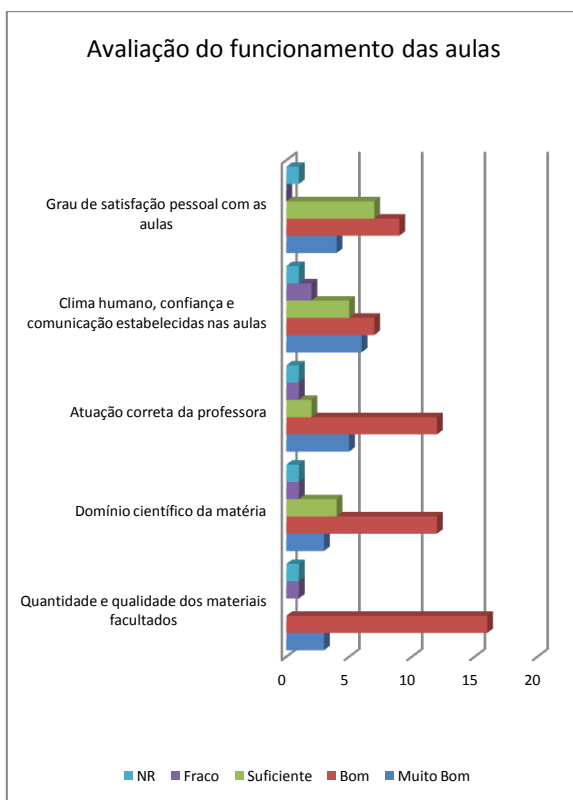
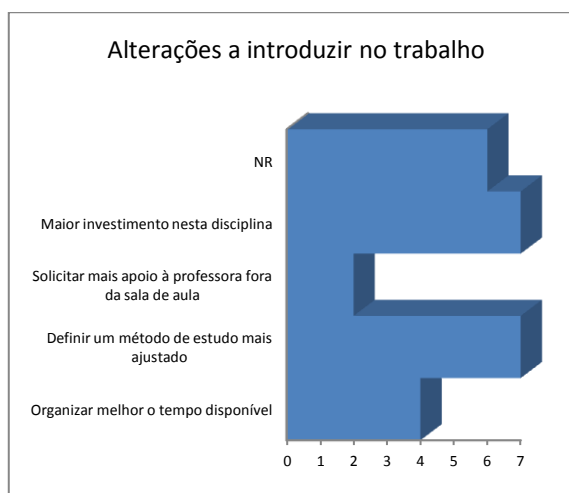
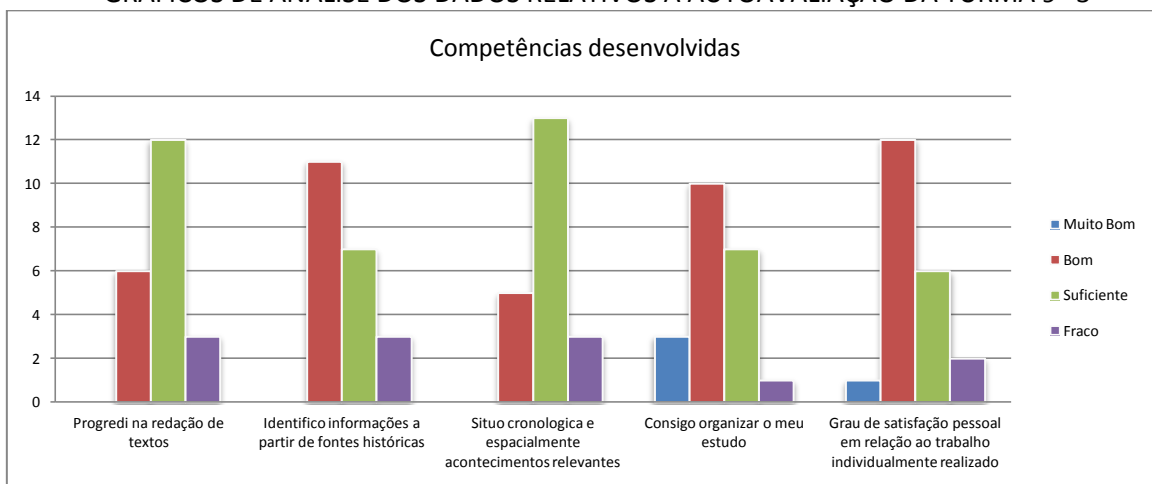
Participante



Realização do T.P.C.



## GRÁFICOS DE ANÁLISE DOS DADOS RELATIVOS À AUTOAVALIAÇÃO DA TURMA 9º 3



## PLANIFICAÇÃO DE UNIDADE

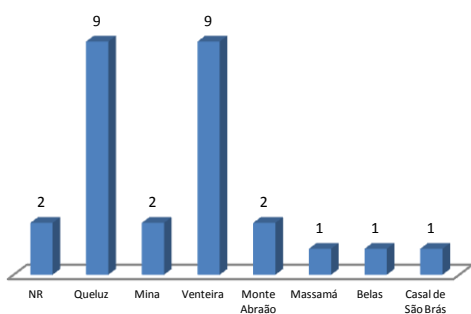
Período Letivo	Conteúdos	Objectivos	Conceitos	Estratégias	Recursos	Nº de Blocos
<b>SUBTEMA G2 – As Revoluções Liberais</b>						
<b>3º Período</b>	<b>G2.1 Uma revolução precursora: o nascimento dos E.U.A.</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Explicar como os interesses antagónicos da Inglaterra e das suas colónias da América do Norte deram origem à Revolução Americana;</li> <li>Identificar os momentos-chave do processo de independência das colónias britânicas;</li> <li>Explicar a influência do iluminismo na primeira Constituição Americana;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Liberalismo</li> <li>Constituição</li> <li>Estado Federal</li> <li>Cidadania</li> <li>Sufrágio Censitário</li> <li>Monarquia Constitucional</li> <li>República</li> <li>Convenção</li> <li>Revolução Burguesa</li> <li>Bloqueio Continental</li> <li>Carta Constitucional</li> <li>Vintismo</li> <li>Miguelistas</li> <li>Vintistas</li> <li>Cartistas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Método semi-dirigido (exposição dialogada);</li> <li>Exploração de <i>powerpoints</i>-resumo;</li> <li>Análise e interpretação de mapas, documentos escritos, gráficos e iconográficos;</li> <li>Visualização e exploração de vídeos sobre os conteúdos estudados;</li> <li>Realização de trabalho de pares: construção de uma síntese esquemática sobre as principais revoluções liberais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Manual</li> <li>Apresentações em <i>Powerpoint</i></li> <li>Guiões do aluno</li> <li>Esquemas-Síntese</li> <li>Documentos escritos, gráficos e iconográficos</li> <li>Vídeos relativos às revoluções estudadas</li> </ul>	<b>1/2</b>
	<p>As colónias inglesas: revolta e independência</p> <p>A Aplicação da filosofia das Luzes: a Constituição americana de 1787</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Contextualizar a situação política, económica e social da França antes da revolução;</li> <li>Explicar os fatores que justificaram a convocação dos Estados Gerais;</li> <li>Explicar a constituição da Assembleia Nacional;</li> <li>Caraterizar a distribuição dos poderes definida na Constituição de 1791;</li> <li>Justificar a radicalização da Revolução;</li> <li>Explicar a transição da Convenção para o Diretório;</li> <li>Contextualizar a chegada ao poder de Napoleão Bonaparte;</li> <li>Explicar a influência da Revolução Francesa na construção das democracias contemporâneas;</li> </ul>				<b>3 * 1/2</b>
	<b>G2.2 A Revolução Francesa</b>					
	<p>O ambiente pré-revolucionário</p> <p>Os acontecimentos revolucionários: o fim do Antigo Regime, o radicalismo republicano e o triunfo da burguesia</p> <p>As conquistas da revolução e o seu carácter universalista</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Explicar as causas das invasões francesas;</li> <li>Identificar os fatores que conduziram à vitória do movimento liberal em 1820;</li> <li>Relacionar a ação das Cortes Constituintes com o processo da independência do Brasil;</li> <li>Descrever os acontecimentos que originaram a guerra civil;</li> <li>Apontar as medidas tomadas para consolidação do liberalismo.</li> </ul>				<b>2</b>
	<b>J2.3 A Revolução Liberal Portuguesa</b>					
	<p>Antecedentes da Revolução: o bloqueio continental e as invasões francesas</p> <p>O movimento revolucionário de 1820</p> <p>A ação das Cortes Constituintes</p> <p>A independência do Brasil</p> <p>A reação absolutista: a guerra civil</p> <p>O triunfo da Monarquia Constitucional e das instituições liberais</p>					<b>1</b>
<b>Avaliação</b>						<b>1</b>



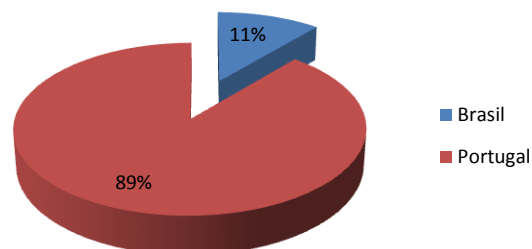
# CARATERIZAÇÃO DA TURMA 8º 1

## ANEXO XXVIII

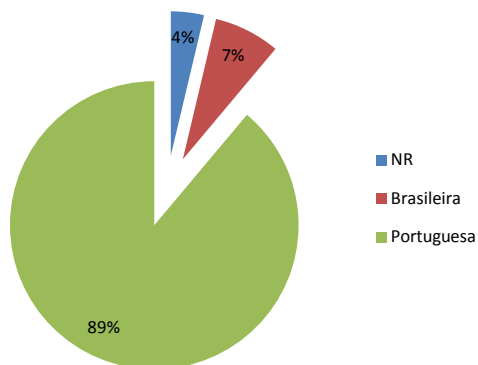
Freguesia de Origem



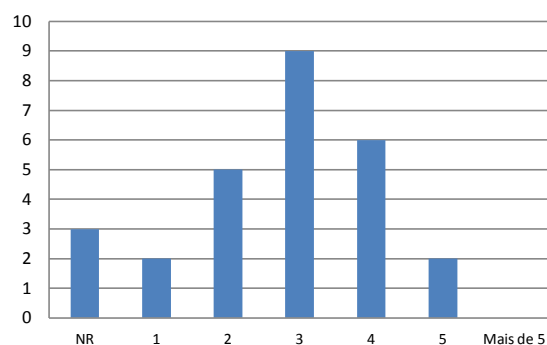
Naturalidade



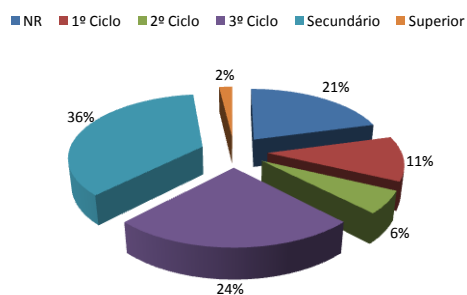
Nacionalidade



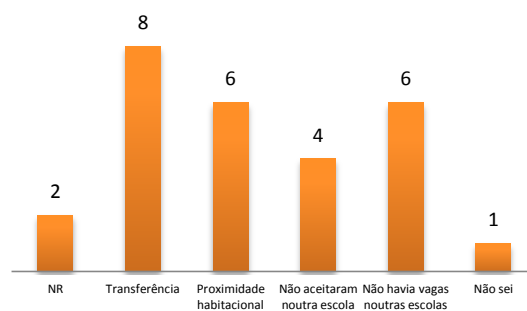
Agregado Familiar



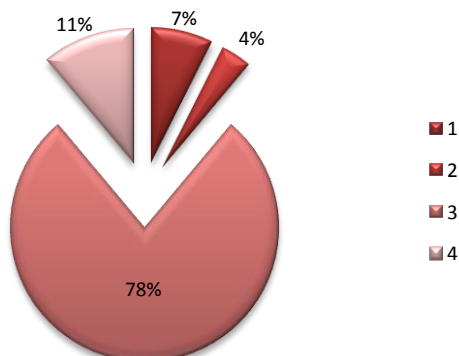
Habilitações literárias dos elementos do agregado familiar maiores de idade



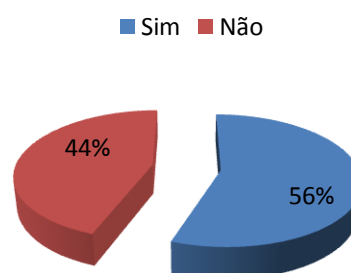
Motivo de Ingressão



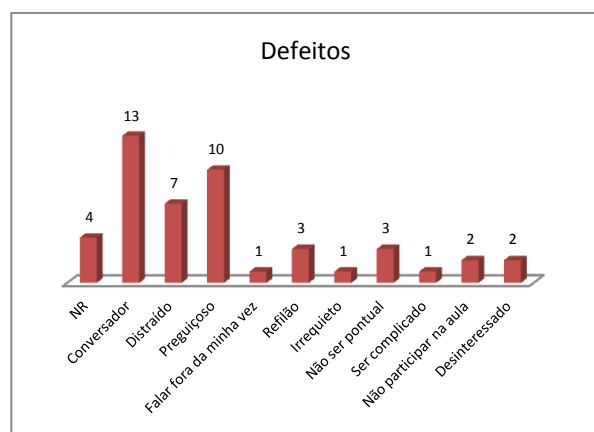
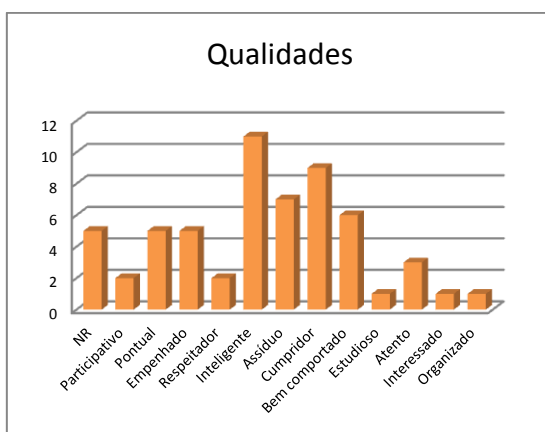
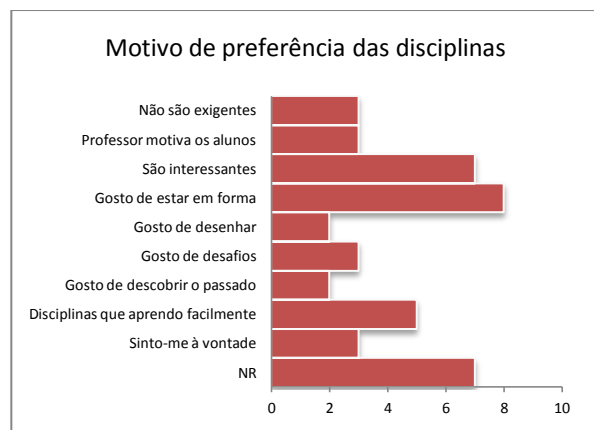
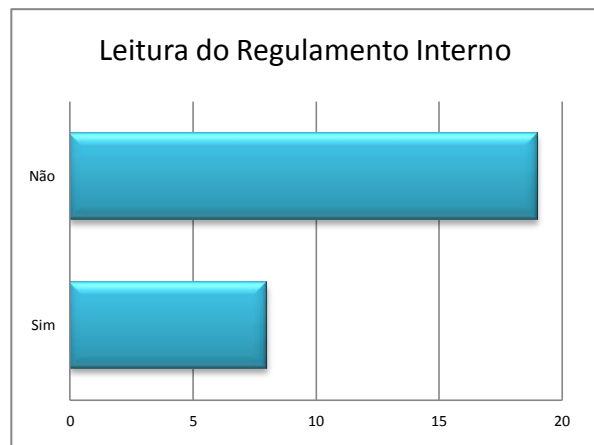
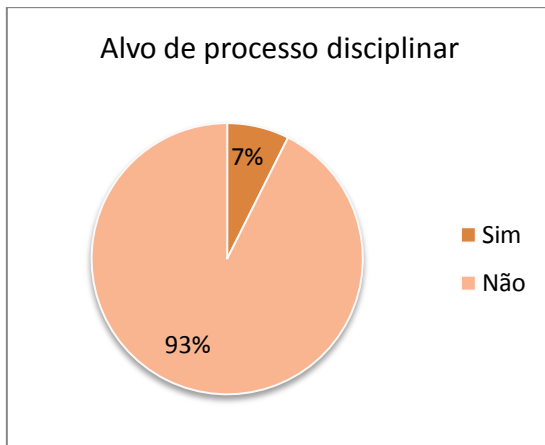
Anos na ESSCP



Alvo de Retenção



## CARATERIZAÇÃO DA TURMA 8º 1



**ANEXO XXIX - Guião da Lição 78 - 30 de Abril de 2012**

**Nova Etapa da Revolução: A República Burguesa**

**Nova Constituição: 1795**

- Poder executivo → Diretório (cinco diretores)
- Voto Censitário – domínio da burguesia

- Desentendimentos entre os Membros do Diretório
- Continuação da Agitação Social
- Derrotas perante as coligações europeias

**Napoleão Bonaparte**

**Arco de Triunfo de Napoleão**

Construção: 1806-1836

**Documento 2**

Venceu a 1ª Coligação em 1797 (Áustria+Prússia)

1799 – Golpe de Estado - Poder executivo entregue a 3 cônsules (Consulado) – 1º Cônsul

1804 – Autoneomeia-se imperador dos franceses



Arco do Triunfo, Praça Charles de Gaulle  
Disponível em <http://www.diario-universo.com/2007/07/aconteceu/o-arco-do-triunfo-frances/>, acedido a 25 de Abril de 2012

1804-1813 – Guerras Napoleónicas:

- Venceu todas as coligações europeias realizadas para derrubar a França;
- estabeleceu a hegemonia francesa sobre a maior parte da Europa;
- Desenvolveu e modernizou a França
- brilhantismo militar estudado ainda hoje

1813 – Invasão da Rússia – A falta de suprimentos, um inverno rigoroso e a resistência do povo russo levam à derrota da França frente a uma nova coligação e Napoleão é forçado a abdicar e é exilado na ilha de Santa Helena

**Documento 1**



Napoleão Bonaparte,  
Disponível em

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Napole%C3%A3o\\_Bonaparte](http://pt.wikipedia.org/wiki/Napole%C3%A3o_Bonaparte), acedido a 25 de Abril de 2012

## As conquistas da Revolução Francesa



- Concretização dos ideais das Luzes: liberdade, igualdade, separação de poderes e soberania popular
- Fim da Monarquia Absoluta e do regime feudal
- Implementação da Constituição como a Lei Suprema
- Publicação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão
- Reforço do poder da Burguesia
- Publicação do Código Civil (Código de Napoleão de 1804)
- Desenvolvimento do Ensino
- Universalidade dos ideais revolucionários
- Fim da Idade Moderna → Idade Contemporânea

### Documento 3

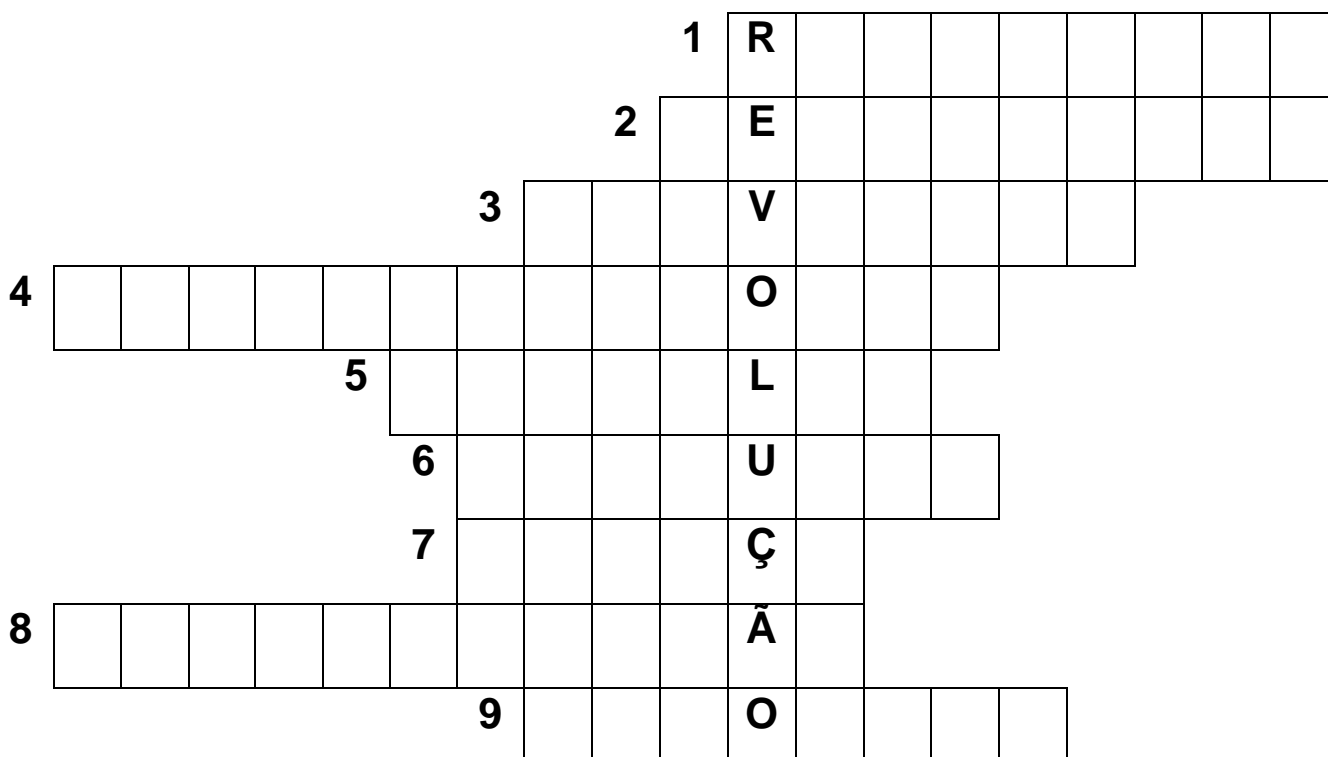


Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão  
Disponível em

<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antigos-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>, acessado a 25 de Abril de 2012

### T. P. C. - 1. Resolve o Crucigrama:

- 1 – Sistema de governo político que veio substituir a Monarquia Constitucional.
- 2 – O direito de voto praticado por aqueles que pagavam os respetivos impostos.
- 3 – Etapa da Revolução Francesa que se seguiu à demissão da Assembleia Legislativa.
- 4 – monarquia que veio substituir a Monarquia Absoluta.
- 5 – Tomada em 14 de Julho de 1789, passou a constituir o primeiro ato revolucionário do povo francês.
- 6 – Revolução que consolidou os interesses económicos e políticos da grande burguesia.
- 7 – País cujas aspirações da burguesia e o descontentamento dos camponeses levaram à eclosão da grande revolução social do século XVIII.
- 8 – Documento aprovado pela Assembleia Constituinte em 1791.
- 9 – Prestigiado chefe militar que se coroou imperador, em 1804.



## 2 – Completa o esquema com as seguintes palavras/expressões:

Convenção

Fim do Antigo Regime

Império Napoleónico

Período do Terror

Diretório

Morte de Luís XVI

Revolução Burguesa

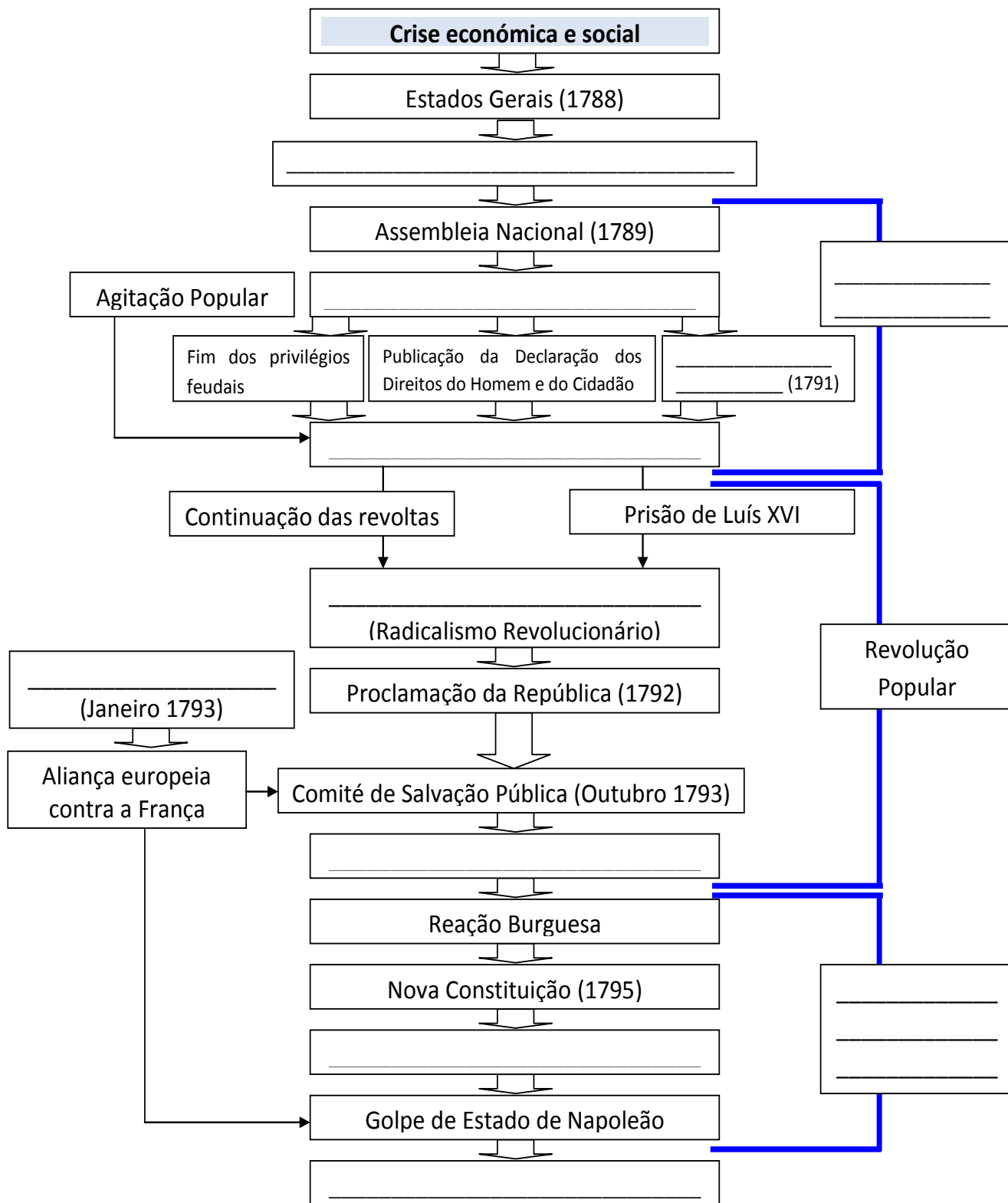
Comité de Salvação Pública

Descontentamento do terceiro estado

Aprovação da Constituição

Assembleia Nacional Constituinte

Triunfo da Revolução Burguesa





Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**ANEXO XXX - Guião de Exploração**

1º Episódio da Série “Dom João no Brasil”

**2. Indica em que ano começa a ação do episódio.**

\_\_\_\_\_

**3. Relata o que grita o cego na rua.**

\_\_\_\_\_

**4. Refere o que pretende o imperador francês...**

a. ...segundo a notícia de jornal lida pelo guarda.

\_\_\_\_\_

b. ...segundo D. António de Araújo de Azevedo, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino.

\_\_\_\_\_

**5. Menciona o que o rei ordena a D. Azevedo.**

\_\_\_\_\_

**6. Os conselheiros do rei defendem posições contrárias, relativamente às pretensões de Napoleão. Refere os argumentos apresentados para cada uma delas.**

1) \_\_\_\_\_

2) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**7. Menciona...**

a. ...que opção aponta Dom Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e Secretário de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos, para resolver o impasse.

\_\_\_\_\_

b. ...que argumentos apresenta.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**7. Explica como interpreta Napoleão a demora de resposta de D. João VI.**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**8. Refere qual te parece ser a decisão que D. João VI vai tomar.**

\_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## ANEXO XXXI - Geocaching na Amadora

### Hoje de manhã saí muito cedo

Hoje de manhã saí muito cedo,  
Por ter acordado ainda mais cedo  
E não ter nada que quisesse fazer...

Não sabia que caminho tomar  
Mas o vento soprava forte, varria para um lado,  
E segui o caminho para onde o vento me soprava  
nas costas.

Assim tem sido sempre a minha vida, e  
Assim quero que possa ser sempre –  
Vou onde o vento me leva e não me  
Sinto pensar.

*Alberto Caeiro*



Disponível em <http://maps.google.pt/maps>, acedido a 25 de Janeiro de 2012

### O que é o *Geocaching*?

**Geocaching** é uma atividade de ar livre no qual se utiliza um recetor de navegação por satélite ([Sistema de Posicionamento Global](#) - GPS) para encontrar uma "geocache" (ou simplesmente "cache") colocada em qualquer local do mundo. Uma *cache* típica é uma pequena caixa fechada e à prova de água, que contém um livro de registo e alguns objetos, como canetas, afia-lápis, moedas ou bonecos para troca. O grau de dificuldade varia grandemente, havendo desde caches escondidas em parques públicos, monumentos, cidades, até altas montanhas, desertos e mesmo na Antártida. Em Portugal, e até Dezembro de 2011, existiam 13 833 *caches*.

Uma das características que diferencia o *Geocaching* de outras atividades é o esforço feito no sentido de preservar a natureza e criar consciência ambientalista. Para tal, é normalmente pedido aos utilizadores que removam algum lixo das áreas onde praticam *Geocaching* e que deixem as áreas visitadas iguais ou em melhor estado do que as encontraram.

**Desafio:**

Descobrir as oito *geocaches* colocadas nos arredores da escola, através da atividade de *geocaching*.

**Objetivos:**

- Desenvolver a capacidade de orientação, através do uso de coordenadas geográficas;
- Consolidar conhecimentos históricos trabalhados em aula através de um jogo de pistas;
- Conhecer o património histórico-cultural e arquitetónico da Amadora;
- Participar em atividade de grupo, respeitando as normas, regras e critérios de atuação;
- Demonstrar autonomia e confiança em si próprio;
- Proporcionar aos alunos diferentes experiências ao nível das atividades de enriquecimento curricular.

**Grupos:**

<b>GRUPO A</b> <b>Prof. Carlos Alegre</b>	<b>GRUPO B</b> <b>Prof.ª Filomena Cardoso</b>	<b>GRUPO C</b> <b>Prof.ª Sílvia de Sousa</b>
Pedro Miguel G. Baptista	Nelson Luís Neves Costa	Sandra Marina M. Gonçalves
Pedro Miguel M. Correia	Ana Rita Oliveira de Sousa	Fábio Alexandre Lima Moura
Ana Rita N. Lopes	Aua Filomena S. Djau	André Filipe Boino
Daniela Cassandra S. Tavares	Bruno Miguel L. Larginho	Bruno Miguel A. Alves
Gonçalo Gingeira Rodrigues	Edgar dos Santos Tavares	Douglas Henrique
Igor Daniel D. S. S. Simões	Inês Ferreira Filipe	João Diogo C. Ferreira
João Bah	Jéssica Soraia T. Silva	Sara Silva Lima
Sarah Marcelli C. Pereira	Jorge Manuel C. F. Pereira	Rui Alexandre M. Figueiras

**Dinâmica do Desafio (a realizar em 70 mn):**

1. O ponto de partida é a sala de aula.
2. Será distribuído um guião a cada elemento do grupo, com as coordenadas geográficas e as pistas a seguir para cada *cache*.
3. Cada grupo deverá ter, pelo menos, um dispositivo eletrónico com GPS.
4. Os grupos sairão da sala de aula com intervalos de 8 minutos, acompanhados pelo professor responsável.
5. Ao encontrar uma *cache*, o grupo deverá registar a data, as coordenadas que se apresentam no dispositivo que possuem, e cada elemento deverá assinar a sua presença naquele local.
6. Depois das assinaturas, o grupo deverá retirar o objeto correspondente ao seu grupo e voltar a colocar a *cache* no local onde a encontrou.
7. Depois de encontrar as oito *caches*, o grupo deverá dirigir-se à sala de aula e decifrar o enigma que deverá ter em sua posse.
8. O grupo que primeiro decifrar o enigma, terá uma recompensa.



## Preparado? Boa sorte!

Caches	Coordenadas		Pista
	1ª Cache	38° 45' 36,08'' N 9° 14' 53,03'' O	Vamos começar a aventura Por um pequeno terreno Que algumas culturas produz Das <i>enclosure</i> , herdou a cerca Para que nada se perca As culturas não serão quatro, nem sabemos se há rotação Mas uma certeza te dou: eu estarei por ali, de semear mesmo à mão.
	2ª Cache	38° 45' 33,82'' N 9° 14' 58,68'' O	Um grito um dia se ouviu Que ganhou nome de rio Não fui eu que o recolhi Nem D. Pedro esteve por aqui Mas algo tenho escondido Que te irá interessar: Da ponte até lá, trinta passos Se a ponte decidires atravessar Esses passos pela direita irão De olhos postos no chão
	3ª Cache	38° 45' 35,81'' N 9° 14' 56,83'' O	Onde estarei eu escondida? Depois de tudo o que já passaste? De D. João V ganhou vida Dos romanos, existência Dezoito perfeitos arcos encontrarás O 11º alberga a minha permanência
	4ª Cache	38° 45' 36,08'' N 9° 14' 58,14'' O	Para lá do antigo aqueduto, um edifício branco se ergue É uma oficina? Não! É uma fábrica, pois então! Origem? Revolução! Objetivo? Alta produção! Procura-me com firmeza, eu estarei na redondeza.
	5ª Cache	38° 45' 33,44'' N 9° 14' 56,36'' O	Se olhares lá para dentro encontrarás Vapores e ferro em produção São máquinas, senhor, são máquinas? Não são máquinas, não! Mas o vapor lá está Ao têxtil dá uma ajuda Não o produz, é um facto, mas calças e camisas atenção! O vapor e o ferro estão em ação! Onde estou? Procura!
	6ª Cache	38° 45' 31,71'' N 9° 14' 56,36'' O	Entrando no parque se avistam Montes e vales relvados Se a imaginação quiser, aqui poderemos ver Alguns franceses emproados. Se, estrategicamente, ficarmos, Entre palmeiras e banco de jardim, Imaginaremos a Europa assim: Exceto a Inglaterra, rendida. Contorna o campo de batalha Que uma caixinha encontrarás na calha, Para lá do lago escondida.
	7ª Cache	38° 45' 34,30'' N 9° 14' 52,79'' O	No próximo desafio propomos Que tomes de assalto aquela Que também é símbolo de poder. Não, não é a Bastilha, porque esta nunca te prende, A tua liberdade defende, Aquele que nasce da sabedoria. Onde se encontra contente, a gloriosa caixinha? Abre os olhos e ajusta alente, procura à volta da portaria.
	8ª Cache	38° 45' 35,29'' N 9° 14' 53,71'' O	Corre, corre para o Sinédrio! Esse nome de que te esqueces Este Sinédrio de que falamos, tu, com certeza, conheces. É um espaço de saber, de discussões iluminadas, A História nos faz reviver, lembrando as coisas passadas. Mais uma pista, talvez? A cache encontrarás No epicentro do espaço Onde um encontro se faz Às segundas e terças marcado.

### Avaliação:

- Cumprimento do desafio e tarefas apresentados;
- Cooperação com os colegas;
- Empenho na atividade.

### Autoavaliação da Atividade de Geocaching

8. Assinala com um (X) a resposta que mais se adequa:

	Nunca	Às vezes	Sempre
Realizei as atividades propostas			
Demonstrei autonomia na realização das tarefas			
Relacionei-me bem com o (a) professor(a)			
Relacionei-me bem com os colegas			
O meu comportamento foi o adequado			
As minhas atitudes contribuíram para o sucesso da atividade			

9. Faz a apreciação global da atividade colocando um (X) na tua resposta.

	Muito	Pouco	Nada
Esta atividade enriquece a minha experiência escolar			
Esta atividade está relacionada com os conteúdos das aulas			
Aprendi com esta atividade			
Gostei da atividade			

10. O que mais gostei foi...

---

---

---

---

---

11. O que menos gostei foi...

---

---

---

---

---

8º 1

Ano letivo 2011/2012

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_



## ANEXO XXXII

Universidade Nova de Lisboa  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Escola Secundária Seomara da Costa Primo



Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário  
Questionário às Professoras Orientadoras

O presente questionário pretende avaliar o desempenho da estagiária Sílvia de Sousa enquanto professora construtora de (In)disciplina, e os dados recolhidos serão utilizados unicamente no relatório final da Prática de Ensino Supervisionada, realizada na Escola Secundária Seomara da Costa Primo, no ano letivo de 2011/2012. Obrigada pela sua participação.

### Disciplina lecionada

#### Sobre a (In)disciplina na sala de aula

*Caraterize o grau de indisciplina verificado nas aulas lecionadas pela estagiária:*

<i>Turma 10º 6</i>	Muito baixo		Baixo		Médio		Elevado		Muito Elevado	
<i>Turma 12º 2+3</i>	Muito baixo		Baixo		Médio		Elevado		Muito Elevado	

*Caraterize o grau de controlo e liderança da estagiária verificado nas aulas lecionadas:*

<i>Turma 10º 6</i>	Muito baixo		Baixo		Médio		Elevado		Muito Elevado	
<i>Turma 12º 2+3</i>	Muito baixo		Baixo		Médio		Elevado		Muito Elevado	

*Considera que a estagiária contribuiu para a perpetuação do contexto de sala de aula existente antes da leção das suas aulas?*

Não ☐ Sim ☐

*Considera que a estagiária contribuiu para a perpetuação do nível de indisciplina existente nas turmas antes da leção das suas aulas?*

Não ☐ Sim ☐

*Se não, o nível de indisciplina nas aulas lecionadas pela estagiária:*

Aumentou ☐ Diminuiu ☐

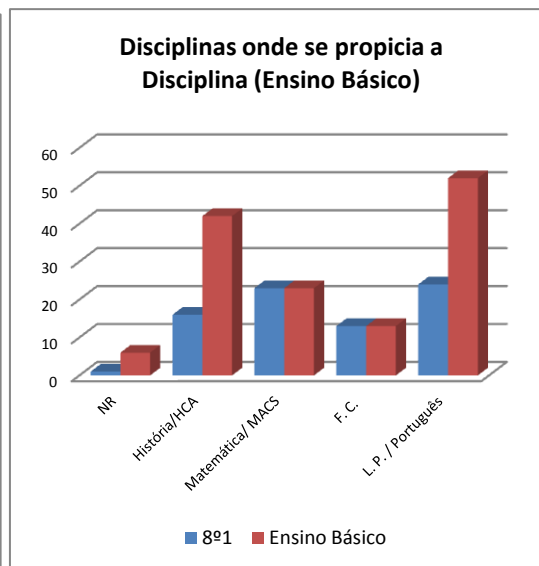
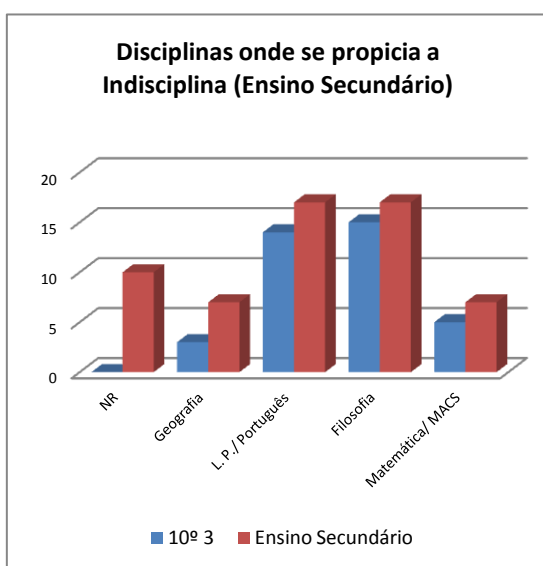
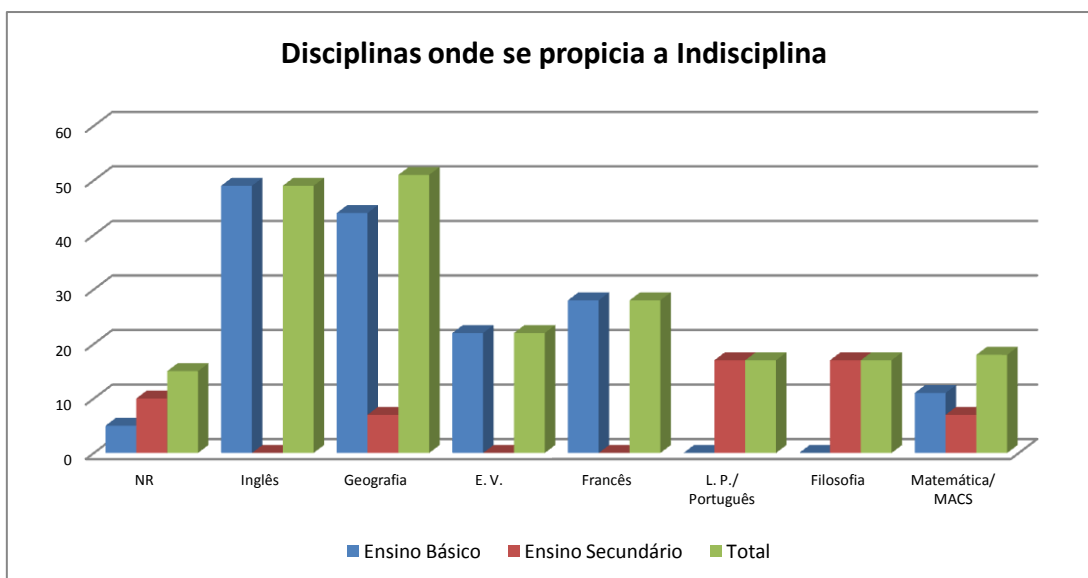
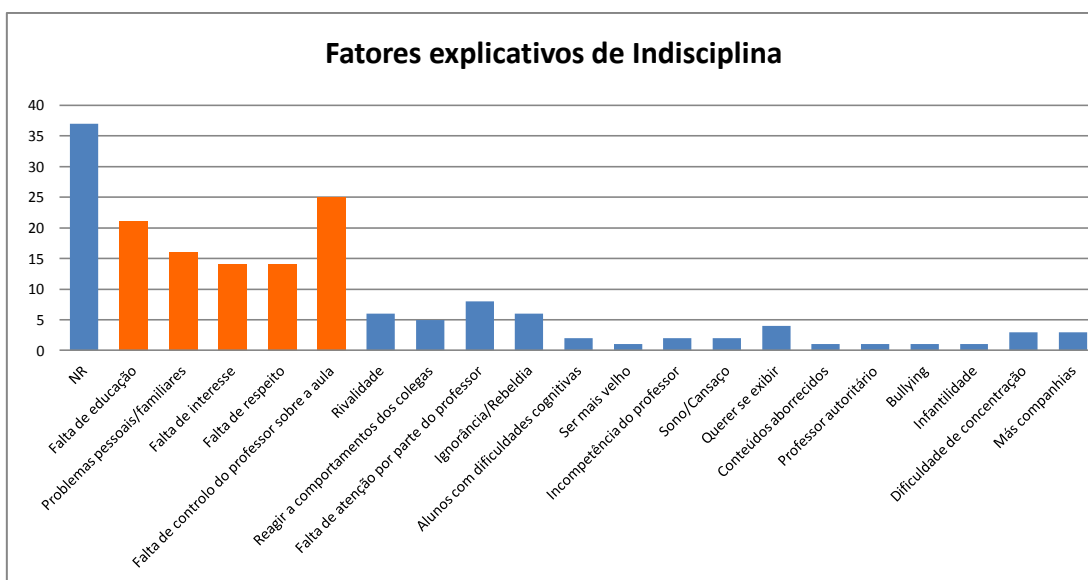
*Considera que as seguintes estratégias seguidas pela estagiária foram fomentadoras de indisciplina na sala de aula?*

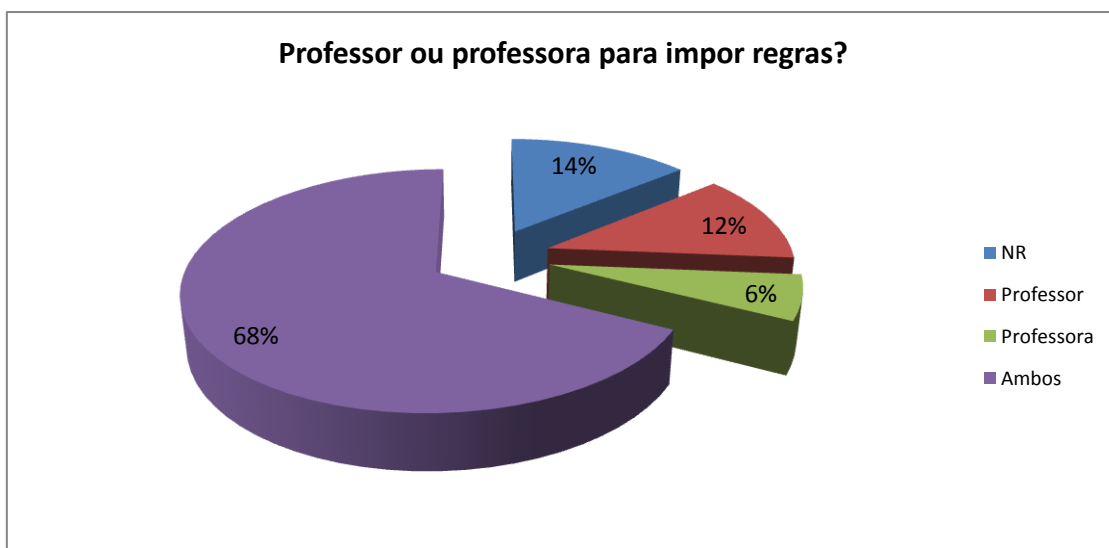
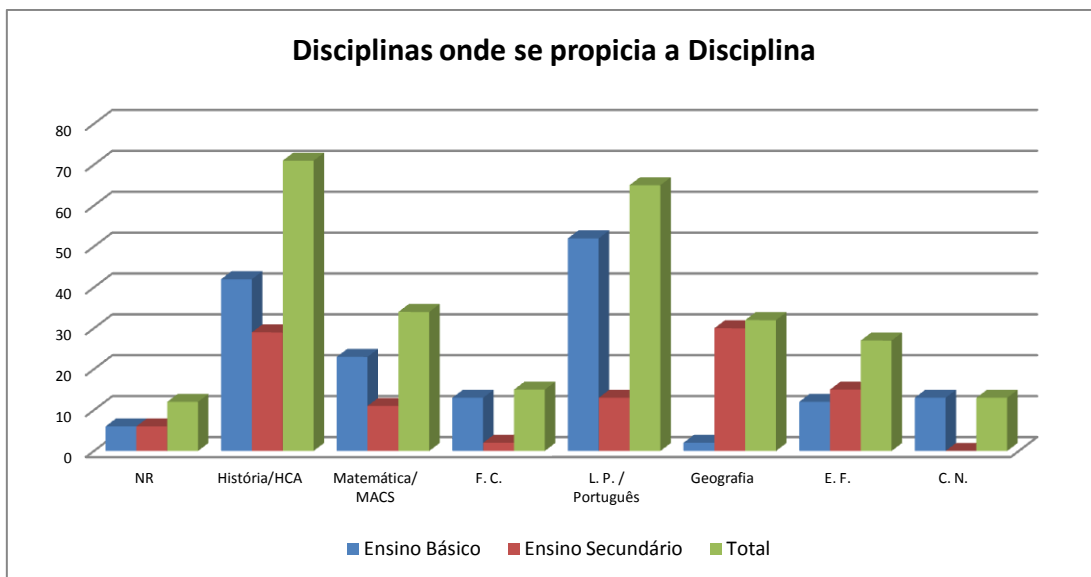
<i>Aula expositiva/interrogativa</i>	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	
<i>Trabalhos de grupo</i>	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	
<i>Trabalhos de pares</i>	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	
<i>Pesquisa na Internet</i>	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	
<i>Exploração de filmes/vídeos</i>	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	
<i>Considera que a estagiária foi uma mais-valia para o combate à indisciplina na sala de aula?</i>	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	

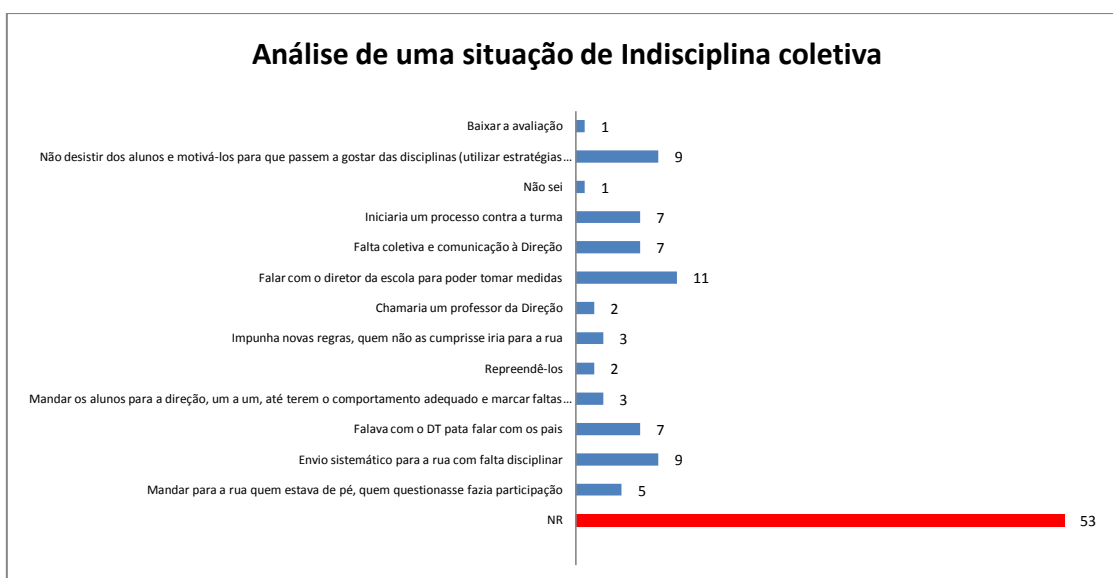
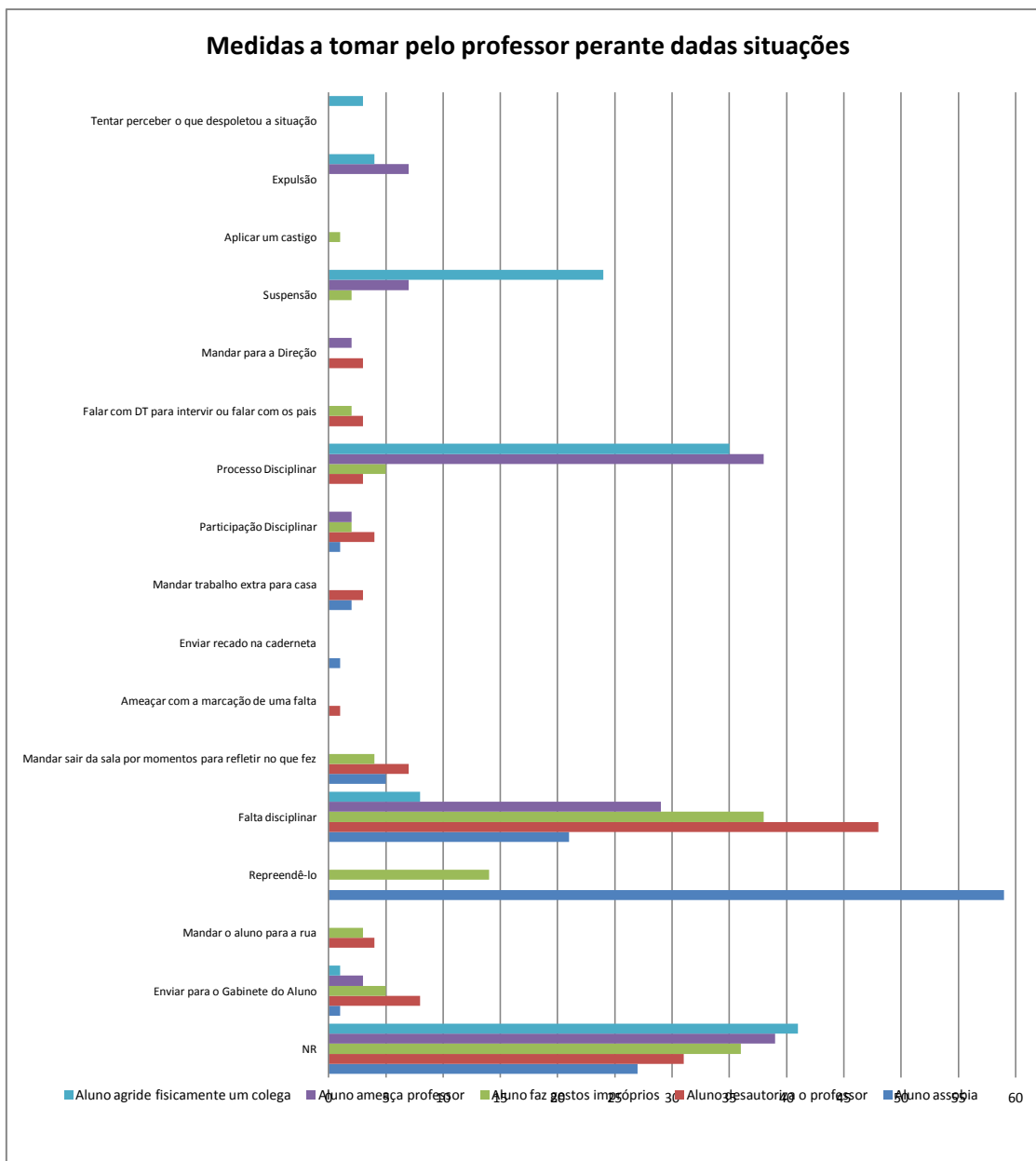
*Selecione, das afirmações abaixo apresentadas, as que correspondem ao trabalho desenvolvido pela estagiária:*

Abusou do método expositivo		Utilizou o método expositivo com prudência	
Lecionou aulas desinteressantes (monótonas, repetitivas, dispersas, ...)		Lecionou aulas interessantes (criativas, diversificadas, motivadoras, ...)	
Manifestou falta de autoridade e firmeza		Foi firme e exerceu a autoridade com discernimento	
Apresentou uma postura estática nas aulas		Aproximava-se dos alunos	
Tinha uma zona de circulação preferida		Circulava por toda a sala	
Virava as costas aos alunos		Mantinha um contacto visual permanente com os alunos	
Manifestou falta de experiência		A pouca experiência não comprometeu o decorrer das aulas	
Agiu de forma injusta		Agiu de forma justa	
Agiu de forma autoritária e incoerente		Manteve coerência na sua atuação com todos os alunos e estabeleceu um clima de abertura	

**Obrigada pela colaboração!**









## ANEXO XXXIV

Universidade Nova de Lisboa  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Escola Secundária Seomara da Costa Primo



Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário  
Questionário aos Docentes

O presente questionário pretende reunir informação que contribuirá para a análise do fenómeno da (In)disciplina na sala de aula, e será utilizada unicamente no relatório final da Prática de Ensino Supervisionada, realizada na Escola Secundária Seomara da Costa Primo, no ano letivo de 2011/2012. Obrigada pela sua participação.

### Dados Pessoais

Idade		Género	
-------	--	--------	--

### Dados Profissionais

Nº de anos em que leciona na ESSCP		Disciplinas que leciona na ESSCP	
------------------------------------	--	----------------------------------	--

Níveis que lecionou no ano letivo 2011/2012 na ESSCP

7º		8º		9º		10º		11º		12º		10º Prof.		11º Prof.		12º Prof.	
----	--	----	--	----	--	-----	--	-----	--	-----	--	-----------	--	-----------	--	-----------	--

Indique se foi professor de algumas das seguintes turmas:

8º 1		9º 2		9º 3		10º 3		10º 6		12º 2		12º 3	
------	--	------	--	------	--	-------	--	-------	--	-------	--	-------	--

Caraterize cada uma das turmas abaixo indicadas, a quem lecionou no ano letivo 2011/2012, relativamente ao grau de indisciplina existente na sala de aula:

Turmas	1 – Pouco indisciplinada	2 – Relativamente Indisciplinada	3 - Indisciplinada	4- Muito indisciplinada	1 – Pouco indisciplinada	2 – Relativamente Indisciplinada	3 - Indisciplinada	4- Muito indisciplinada
8º 1								
9º 2								
9º 3								
10º 3								
10º 6								
12º 2								
12º 3								

No caso de terem existido, identifique em quais das turmas foi obrigado, durante o ano letivo 2011/2012, a tomar medidas corretivas formais para controlar a indisciplina na sala de aula:

8º 1		9º 2		9º 3		10º 3		10º 6		12º 2		12º 3	
------	--	------	--	------	--	-------	--	-------	--	-------	--	-------	--

Indique que medidas foram tomadas

--



**Conhece o Regulamento Interno do aluno da ESSCP?**

Não		Sim		Duas ideias de que trata o documento	
Três qualidades suas enquanto professor					
Três defeitos seus enquanto professor					

**Sobre a (In)disciplina**

*Refira o que considera ser, para si, a Disciplina na sala de aula?*

<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
---

*Refira o que considera ser, para si, a Indisciplina na sala de aula?*

<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
---

*Indique três disciplinas onde, na sua opinião, se propicia mais a ocorrência de comportamentos de indisciplina*

<i>Indique três disciplinas onde, na sua opinião, se propicia menos a ocorrência de comportamentos de indisciplina</i>		

*Considera que a(s) disciplina(s) que leciona é (são) mais propícia(s) à ocorrência de comportamentos de indisciplina na sala de aula?*

Não		Sim		Se sim, justifique	
-----	--	-----	--	--------------------	--

*Identifique, dos comportamentos abaixo indicados, os que considera reveladores de indisciplina na sala de aula*

Usar linguagem obscena		Desobedecer ao professor	
Ser desatento		Ser ativo e irrequieto	
Gostar de se exhibir		Ser gabarola	
Ameaçar os colegas		Discutir com os colegas na aula	
Dormir nas aulas		Desafiar a autoridade do professor	
Agredir fisicamente os colegas e professores		Ter dificuldade em cumprir regras	
Falar fora da sua vez		Cantar ou fazer outros barulhos na aula	
Distrair os colegas		Dar pontapés ou murros nas mesas e/ou cadeiras	

*Indique três comportamentos de indisciplina na sala de aula que não estejam apresentados na questão anterior e considere que deveriam ser considerados*

--	--	--

*Indique cinco fatores que possam explicar a existência de indisciplina na sala de aula*

--	--	--	--	--

*Apresente cinco características que um bom aluno deve ter*

--	--	--	--	--

*Apresente cinco características que um bom aluno NÃO deve ter*

--	--	--	--	--

*Apresente cinco comportamentos/ações/estratégias de um professor que possam ser geradoras de indisciplina na sala de aula*

--	--	--	--	--

*Indique que medidas tomaria nas seguintes situações ocorridas em sala de aula:*

Aluno assobia	
Aluno desautoriza o professor	
Aluno faz gestos impróprios	
Aluno ameaça o professor	
Aluno agride fisicamente um colega	

*Analise a situação seguinte e explique como atuaria se fosse professor dessa turma*

Uma turma do 8º ano habitualmente tinha um comportamento considerado pelos professores como muito difícil e desapropriado. Os alunos falavam alto e todos ao mesmo tempo, levantavam-se e movimentavam-se pela sala para ir ao encontro de colegas e iniciarem ou prosseguirem com conversas que nada tinham a ver com o tema da aula; havia insultos entre alunos e a verbalização de palavrões. Além disso, nunca levavam o material necessário para as aulas.

*Selecione, das estratégias/ações/comportamentos abaixo apresentadas, as cinco que considere mais importantes para a prevenção da indisciplina na sala de aula*

Entusiasmo do professor	Método de ensino participativo	
Clareza da exposição do professor	Método de ensino expositivo	
Sistema justo de recompensas e castigos	Capacidade de comunicação do professor	
Regras bem claras e definidas	Boa gestão do tempo de aula	
Maioria de aulas práticas	Ausência de tempos mortos	
Envolvimento dos alunos na definição das regras e estratégias a implementar na aula	Correta gestão e administração do espaço	
Organização metódica da aula	Bom conhecimento científico do professor	
Estratégias diferenciadas para alunos com necessidades diferenciadas	Capacidade do professor para motivar os alunos	
Utilização de recursos diversificados	Construção de uma relação aberta com os alunos	